

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN DE CALDAS DA RAINHA

Instituto Politécnico de Leiria



Luís Manuel Lourenço da Silva Ascenso

Mestrado Gestão Cultural

*Caldas da Rainha e as Conexões com a Cerâmica:
da Cidade Criativa à Rede Criativa da UNESCO*



Orientador: Doutor João Bonifácio Serra

Caldas da Rainha, 27 de setembro de 2017

*Caldas da Rainha e as Conexões com a Cerâmica: da Cidade Criativa à Rede Criativa da
UNESCO*

Luís Manuel Lourenço da Silva Ascenso – ESAD.CR/PL n.º 3140428

Autorização de reprodução / copyright ©

A Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria tem o direito de arquivar, reproduzir e divulgar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dedicatória e agradecimentos aos meus companheiros de jornada:

Porque sempre faço, por uma questão cultural, filosófica e de fé, agradeço a Deus.

Ao meu pai Joaquim, no seu estado espiritual.

À minha mãe Manuela fez questão de pagar a primeira propina da Licenciatura (☺) mas também por toda a força e apoio moral.

À minha esposa, Eugénia Ascenso, companheira de luta

Paciente e impulsionadora de toda esta urde.

Aos meus dois rapazes, pelo tempo que lhes furtei, sempre disponíveis e carinhosos,

João Miguel (artista plástico) e Luís Miguel (músico).

Às minhas raparigas, Ana e Inês, mesmo distantes

estão próximas do meu coração.

À minha neta Maria.

Aos meus irmãos Paula e Pedro.

À minha sogra Celeste.

A todos os familiares.

Aos meus professores a notabilidade e a mestria:

Luísa Arroz

João B. Serra

José Luís Almeida

Fernando Poeiras

Mário Caeiro

Nuno Faria

Aos meus estimados e pacientes entrevistados:

Américo Rebelo

Ana Maria Sobral

Ana Paula Sobral

Antero Cerol

Carlos Coutinho

Carlos Enxuto

Carlos Oliveira

Catarina Nunes

Eduardo João Silva

Elsa Rebelo

Eneida Tavares

Fernando Costa

Filipe Faleiro

Helena Arroz

Hugo Marçal

Isabel Claro

Jorge Carreira

Jorge Lindinho

José Luís Almeida

Luís Santos

Mariana Sampaio

Nick Taylor

Paula Rebelo

Pedro Beja

Pedro Brás

Rafaela Ferreira

Samuel Reis

Teresa Alves

Thomas Schitteck

Thomas Schitteck

Umbelina Barros

Victor Mota

Vitor Agostinho

Vitor Reis

(...) O mestre João, professor do CENCAL¹ eleva o pedaço de barro ao céu, e, com força imperativa retorna-o ao tampo da mesa de trabalho.

— Plaaaammmmm!

Ouve-se o efeito da “tortura” exigida à massa terra. O ar que se expie sem e que não possa provocar bolhas na imaginada peça dos pretensiosos oleiros.

Nick Taylor, professor da disciplina de Património Tecnológico explica no seu excelente português, mas com a fonética carinhosa de Worcestershire² — (terra famosa e da delicada porcelana de ossos)³ (Chavarría, 1999, p. 9) — todas as fases do processo a um público atento de alunos de som e imagem da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha.

O pedaço de barro colocado na roda de oleiro de madeira movida a pé. Começa a destreza do mestre. A água transportada pela concha da mão é o elixir necessário à plasticidade da matéria. A lama escorre pelos dedos. A peça, como num milagre, transforma-se numa taça, (...) ora numa jarra, (...) e, por fim num pote a fazer lembrar, em grandes proporções um mealheiro. Na extremidade superior a tradicional campânula de dois cones invertidos, que certificam aos artesãos a mestria com o grau de dificuldade na execução.

Havia uma ansiedade geral nos alunos. O contato com a matéria matriz da vida foi transcendente. (...) Beja, Luís (2011)

(em vídeo)⁴ Luís Lourenço Beja; Pedro Azinheira; Rita Pereira alunos de som e imagem na ESAD.CR

1 CENCAL, Centro de Formação para Indústria Cerâmica, nas Caldas da Rainha

2 <http://sobreinglaterra.com/2012/05/22/worcester-una-ciudad-con-sabor-a-historia/> consultado em 21-01-2016

3 Conhecida por bone china pasta composta basicamente por ossos calcinados (fosfato de cálcio) que atuam como fundentes. Depois da cozedura, é dura, translúcida, branca e fina.

4 Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=qUCFgtbA6mw&ab_channel=Lu%C3%ADsLouren%C3%A7oBeja

RESUMO

A autarquia Caldense reconhecendo o movimento internacional das cidades ou regiões que investem na criatividade, pretende que a sua cidade, participe na rede das *Cidades Criativas da UNESCO*. Tendo como referência as cidades que tomaram o rumo da criatividade, constata-se os inúmeros benefícios, agregados ao desenvolvimento em todas as áreas, culturais, económicas e sociais, que poderão advir da atribuição desse título.

A dissertação, *Caldas da Rainha e as Conexões com a Cerâmica: da Cidade Criativa à Rede Criativa da UNESCO*, é uma investigação focalizada na procura da afirmação do nexo da cidade/região Caldas da Rainha, com a cerâmica, trazendo à ciência um novo conhecimento empírico, quantitativo e qualitativo, com mais de cinquenta por cento de autores ceramistas, artistas plásticos e designers, concentrados na urbe da cidade e região ou que têm como Caldas da Rainha a cidade que os acolheu na sua formação artística e inspiradora. A dissertação reforça o contributo no rumo da candidatura.

ABSTRACT⁵

The Caldense Municipality, recognizing the international movement of cities or regions investing in creativity, wants its city to participate in the network of UNESCO's Creative Cities. Taking as reference the cities that have taken the path of creativity, we can see the innumerable benefits, added to the development in all areas, cultural, economic and social, that may come from the attribution of this title.

The dissertation, Caldas da Rainha and the Connections with Ceramics: from the Creative City to the Creative Network of UNESCO, is an investigation focused on the search for the affirmation of the city / region link Caldas da Rainha, with ceramics, bringing to science a New empirical knowledge, quantitative and qualitative, with more than fifty percent of authors ceramists, artists and designers, concentrated in the city of the city and region or with Caldas da Rainha as the city that welcomed them in their artistic and inspiring formation. The dissertation reinforces the contribution in the direction of the candidacy.

⁵ Tradução do autor da dissertação, apoiado no *Google* tradutor (<https://translate.google.pt>) e dicionário *OXFORD POCKET* – ISBN 0-19-431527-4

ÍNDICE

1	Caldas da Rainha e a cerâmica.....	1
1.1	O ponto de partida.....	1
1.2	A missão da Rede de Cidades Criativas da UNESCO.....	2
1.3	Objetivo geral.....	3
1.4	Objetivos específicos.....	4
1.5	Os capítulos.....	5
1.6	A metodologia.....	6
2	A história e a conexão à cerâmica.....	8
2.1	Das águas cálidas (quentes) a Bordalo Pinheiro.....	8
2.2	Manuel Mafra - da casa real ao colecionismo.....	13
2.3	Rafael Bordalo Pinheiro.....	15
3	O azulejo como marca secular e como testemunho artístico na cidade.....	17
4	O ensino, a economia e o social na cerâmica caldense.....	22
4.1	<i>II - Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?</i>	22
4.1.1	A formação profissional altamente especializada na cerâmica.....	26
4.1.1.1	O CENCAL - Centro de Formação Profissional.....	26
4.1.1.2	A Escola Superior de Artes Design de Caldas da Rainha (ESAD.CR).....	28
4.2	<i>III - Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?</i>	29
4.2.1	O nexo do passado com o presente.....	32
4.2.2	No presente - Autores / Ateliês – com trabalhos na área da cerâmica, com referência às Caldas da Rainha, naturais, radicados, com ateliês/oficinas ou formação na cidade.....	47
5	A Câmara Municipal de Caldas da Rainha e as políticas culturais.....	69
5.1	<i>V - Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?</i> ; <i>VI - Esforço para promover o artesanato e arte popular (festivais, exposições, feiras, mercados, etc.)?</i>	69
	Conclusão.....	73
	Bibliografia.....	76
	Anexos (I a III).....	I

Introdução

Os objetos cerâmicos ajudam-nos a compreender, desde o seu aparecimento junto das comunidades humanas no neolítico, a história do homem e da cultura. A loiça é objeto útil e funcional, mas também afetivo e decorativo. O prato que oferecemos com alguns dizeres referenciam a nossa personalidade, como um recordar de uma passagem por um local do mundo, onde gostaríamos de ter ficado mais tempo e, como não foi possível, trazemos um pouco da sua terra e da sua cultura. Sobre a loiça nos alimentamos, sobre a loiça lavamos o corpo e a alma, a loiça que colocamos no escaparate, na jarra onde deixamos depositadas as flores dos nossos sentimentos, da nossas alegrias e tristezas. Esta relação intrínseca, entre os objetos criados com imaginação de usufruto funcional ou até às ligações sentimentais; ai de nós quando *partimos a loiça toda*.

O segmento da loiça decorativa marcou todo um passado, até um passado recente nas Caldas da Rainha. Nos anos cinquenta, sessenta e mesmo oitenta quem não se recordará do famoso *Zé-Povinho* nas prateleiras dos estabelecimentos, dando a mensagem associada ao gesto: “*Se queres fiado Toma*”. É a frase vincada culturalmente no nosso país à do *Zé-Povinho* criada pelo nosso mestre artista Rafael Bordalo Pinheiro, além de caricaturista em *duas dimensões* materializou a *terceira dimensão* nas esculturas de barro. Estas imagens de marca deram estímulo aos vastos artistas que ao longo desta história local, nacional e universal passaram por Caldas da Rainha.

1. Caldas da Rainha e a cerâmica

1.1. O ponto de partida

A Rede das Cidades Criativas da UNESCO, distribui-se por sete categorias: literatura, cinema, música, artesanato e artes populares, design, média arte e gastronomia.

A Edilidade Caldense decidiu elaborar a candidatura à categoria de *artesanato e artes populares* com o lema, *Caldas da Rainha - Cidade da Cerâmica*. Convidou o docente e investigador Dr. João Bonifácio Serra, para comissariar o projeto e apresentar um plano de ação. O historiador João B. Serra, tem um vastíssimo conhecimento em multifacetadas investigações e uma vasta experiência em política organizacional. Assessor político do antigo Presidente da República Dr. Jorge Sampaio e mais tarde em 2004, chefiou a Casa Civil do Presidente. Liderou em Guimarães 2012, a Capital Europeia da Cultura. Convidado pela Autarquia de Leiria para coordenar a candidatura de Leiria 2027 – Capital Europeia da Cultura. Em 17 de Agosto de 2015 o investigador, apresentou em reunião de Câmara, um projeto-âncora pelo qual prevê uma série de atividades nos cinco anos procedentes (Gazeta, Natacha, pp. 21-08-2015).

O *Jornal das Caldas* dava como título o destaque: *Projeto Caldas Cidade da Cerâmica com mais de um milhão de euros de Investimentos [...]. (Jornal das Caldas 15-03-2016).*

O Projeto Caldas Cidade da Cerâmica vai promover um conjunto de iniciativas até 2020, com um orçamento global de um milhão e cem mil euros, para que Caldas da Rainha seja mais conhecida e atrativa através da cerâmica, disse o presidente da câmara, Tinta Ferreira acrescentando que a experiência e as realizações acumuladas deverão conduzir à apresentação, em 2020, de uma candidatura ao título cidade criativa reconhecida pela Unesco (Jornal das Caldas 15-03-2016).

As premissas da candidatura à UNESCO, está em correspondência íntima com a investigação. Nesta relação dissecamos três *pilares* importantes: o cultural, o social e o económico. A história é a *trave mestre*, que suporta a construção do argumento. No topo a relação das *Caldas da Rainha e a cerâmica*.

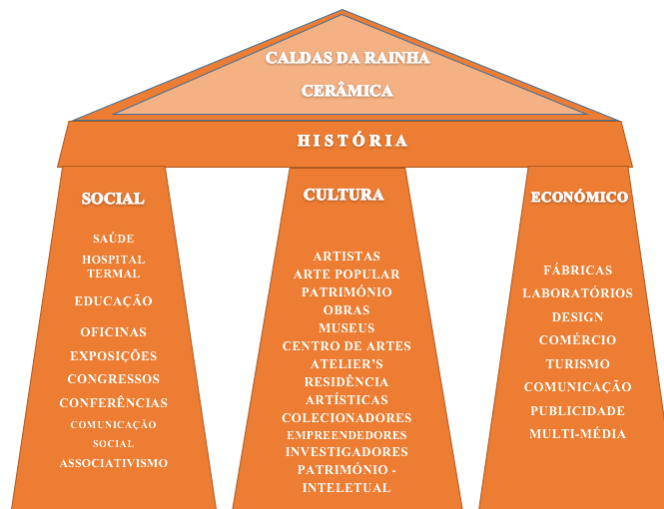


Tabela 1 - Esboço orientador na condução da investigação, segmentando: autoria do autor da dissertação.

1.2. A missão da Rede de Cidades Criativas da UNESCO

A rede de Cidades Criativas UNESCO (UCCN)⁶, foi criada em 2004, com objetivo de promover e reforçar a cooperação entre as cidades no mundo, que reconheçam a criatividade como fator estratégico de desenvolvimento sustentável quanto aos aspetos, sociais, culturais, ambientais e económicos.

Na adesão à rede, as cidades comprometem-se na partilha das melhores práticas, em parcerias que promovem a criatividade e as indústrias culturais (criativas), avivando a participação na vida cultural e integração de programas de desenvolvimento urbano.

Sendo os objetivos da Rede de Cidades Criativas da UNESCO⁷:

- ✚ *O reforçar da cooperação internacional entre cidades que reconheceram a criatividade como fator estratégico do seu desenvolvimento sustentável;*
- ✚ *Estimular e reforçar as iniciativas lideradas pelas cidades membros para tornar a criatividade um elemento essencial;*
- ✚ *Desenvolvimento urbano, nomeadamente através de parcerias envolvendo o público e setores privados e da sociedade civil.*
- ✚ *Fortalecer a criação, produção, distribuição e divulgação das atividades culturais, bens e serviços;*
- ✚ *Desenvolver polos de criatividade e inovação e ampliar as oportunidades para os criadores e profissionais do sector cultural;*

⁶ (UCCN) UNESCO Creative Cities Network; Fonte: http://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/Mission_Statement_UNESCO_Creative_Cities_Network_1.pdf – (consultado em 25-03-2016)

⁷ *Idem,*

✚ *Melhorar o acesso e a participação na vida cultural, bem como o usufruto de bens culturais e serviços, nomeadamente para grupos e indivíduos marginalizados ou vulneráveis;*

✚ *Harmonizar planos culturais e criativos nas estratégias de desenvolvimento local.*

As áreas de ação da Rede de Cidades Criativas da UNESCO são implementadas tanto a nível de cada cidade membro como ao nível internacional, nomeadamente através das seguintes áreas de atuação:

✚ *Partilha de experiências, conhecimentos e boas práticas;*

✚ *Projetos-piloto, parcerias e iniciativas que associem os setores público e privado e sociais;*

✚ *Políticas e medidas para o desenvolvimento urbano sustentável;*

✚ *Estudos, pesquisas e avaliações sobre a experiência das Cidades Criativas;*

✚ *Programas e redes de intercâmbio profissional e artístico;*

✚ *Atividades de comunicação e de sensibilização.*

A UNESCO antes de incluir as cidades candidatas à sua rede criativa, objetiva determinadas questões relacionadas com a temática proponente. São sete os temas pelo qual as cidades se julgam habilitadas à candidatura⁸: *Literatura, Cinema, Música, Artesanato e Artes populares, Média Arte e Gastronomia.*

Quanto ao tema *Artesanato e Artes Populares* as questões são lançadas da seguinte forma⁹:

- I. *Tradição de longa duração na forma particular de artesanato ou arte popular?*
- II. *Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?*
- III. *Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?*
- IV. *Produção contemporânea de artesanato e arte popular?*
- V. *Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?*
- VI. *Esforço para promover o artesanato e arte popular (festivais, exposições, feiras, mercados, etc.)?*

A estas questões são respondidas na candidatura à *rede* nesta especificidade temática, *desafia* uma pergunta essencial e, é tida como pergunta de partida: *Qual o nexa da cerâmica com as Caldas da Rainha?*

No desenrolar argumentativo demonstramos a evidência desta ligação com a cerâmica e a cidade e vise versa.

1.3. Objetivo geral

A história das Caldas da Rainha está associada sobretudo no surgimento das águas cáldas (quentes) medicinais, aos protagonistas que acreditaram no projeto das termas, ao serviço à saúde e no bem-estar social. Esta benfeitoria arrastou uma complexidade de serviços que suportavam o funcionamento do

⁸ *Ibidem,*

⁹ *Ibd.*

Hospital Termal, assim como as pessoas que o serviam. A cerâmica, neste caso os oleiros, desenvolveram desde cedo um papel importante e peculiar, tanto no objeto utilitário, como decorativo. O peso da atividade (cerâmica) foi de tal importância, que permanece até aos dias de hoje, um efetivo valor, social, cultural e económico. A dissertação tem por objetivos atestar a presença da cerâmica na história da cidade e verificar de que forma a atividade cerâmica de cariz artesanal tem continuidade atual. Tivemos a preocupação de quantificar, esboçar o perfil dos ceramistas de autor, os artistas plásticos e designers, que usam a cerâmica com modo de expressão da sua arte e pelo que o seu percurso de formação, influência e tenham a ligação com Caldas da Rainha. Esta dissertação centra-se no *know-how* deixado pela temática cerâmica, na área de urbana de Caldas da Rainha.

A edilidade camarária tem como objetivo propor à UNESCO a candidatura de *Cidade Criativa, Caldas da Rainha Cidade da Cerâmica*, e para tal, integra-se na Rede específica destas cidades interagem entre si em cooperação institucional troca de experiências de âmbito cultural, social e técnico.

1.4. Objetivos específicos

(A evidência do passado na ligação à cerâmica, com a confirmação do presente numa garantia de futuro)

Às questões levantadas pela UNESCO, são uma forma facilitadora de responder a todos os quesitos. A pergunta de partida: *Qual o nexa da cerâmica com a cidade Caldas da Rainha?* é tida em conta com ponto de partida na resolução/resposta como orientação central. As respostas serão dadas ao longo da investigação. O resultado da argumentação da dissertação, é o de evidenciar a continuação ligação da cidade com a cerâmica, recolher e traçar perfis dos autores ativos coma a sua identidade, a identificação das obras, a georreferenciação dos espaços de trabalho, os equipamentos disponíveis à produção das peças, a caracterização dos produtos, os mentores, os modos de distribuição, modos de venda, a formação escolar, os cursos específicos, as exposições coletivas e individuais, os prémios nacionais e internacionais, páginas de internet e redes sociais. Trazer o número de artistas de outras áreas de arte como: artistas plásticos, ilustradores, designers, escritores, média arte, escultores e etc., apoiam as fábricas de produção em massa, pelo menos nos concelhos revelados de Alcobça, Caldas da Rainha, Óbidos e Aveiro.

A organização da *Molda*,¹⁰ tem uma lista de contactos de cinquenta, ceramistas de autor, artistas plásticos e designers, como pertencendo à área de influência das Caldas da Rainha. Esta dissertação, atinge através de contacto direto e entrevistas exploratórias vinte seis autores.

¹⁰ MOLDA, é uma bienal integrada no programa *Caldas da Rainha Cidade Cerâmica*; fonte: <http://molda.org.pt/sobre/#abienal>.

1.5. Os capítulos

O argumento da candidatura à rede criativa da UNESCO, é explanada nos capítulos, dando evidências com os relatos historiográficos, dos investigadores, registos extraídos das demais obras literárias, sobre a temática da *cerâmica das Caldas*.

Na primeira pergunta: *Tradição de longa duração na forma particular de artesanato ou arte popular?* respondemos com a história que está ligada, no surgimento da cerâmica no território regional e, o desenvolvimento local do portento Hospital Termal, a influência da Rainha D. Leonor e os primeiros registos dos oleiros nas Caldas. A vinda dos mestres da arte da plasticidade, os discípulos, os testemunhos e as heranças das obras deixadas em espólio material dos acervos de Museus e colecionadores particulares. O próprio Município de Caldas da Rainha, é detentor de cerca sete mil peças de cerâmica, acervada às indústrias principais, *Fábrica Bordalo Pinheiro, SECLA e MOLDE*.

Respondendo às duas perguntas: (*Produção contemporânea de artesanato e arte popular?*) e (*Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?*); nestes capítulos as respostas são dadas sobre a história das instituições, as fábricas, as oficinas, o seu peso económico, o estado revigorante, o depressivo e o *estado da arte*. Os Artista no passado e na atualidade, as marcas culturais deixadas na cidade e nova força de ceramistas de autor na atualidade.

Um capítulo referente ao ensino, estruturas, docentes, discentes, ações sociais, artísticas relativo à questão: (*Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?*); respondemos com os ensinamentos ministrados no passado e no presente. O surgimento da escola industrial, o aparecimento do centro de formação *CENCAL* e os cursos superiores de cerâmica e design na *ESAD.CR*, as vantagens da formação técnica de artistas e operários fabris garantindo a qualidade e sustentabilidade do setor.

Um capítulo responderemos às questões: (*Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?*) e (*Esforço para promover o artesanato e arte popular, festivais, exposições, feiras, mercados, etc.?*); investigamos o esforço feito pela edilidade ao longo destes anos em prol dos festivais, feiras e exposições. O *Centro de Artes* e residência de artistas. O *Museu de Cerâmica* e o *Museu José Malhoa* e as suas conexões à cerâmica. O testemunho deixado pela *Associação Património Histórico*, o seu espólio de investigação sobre a cerâmica caldense e outras vertentes das artes.

A bibliografia que foi necessária a este assunto *sui generis*, realçou a análise na formulação das explicações, não só descritas, mas vividas de forma empírica, os objetos observados *in loco*, ora como leituras de textos aprofundadas dos investigadores e análises relatoras nos órgãos de informação.

Os capítulos são auxiliados com as entrevistas exploratórias e inquéritos personalizados cedidos pelos autores e com registado de áudio digital, em acervo do autor da dissertação, sendo descritas nas partes mais relevantes e referenciadas.

1.6. A metodologia

A história é sempre suportada em datas e a Cronologia, é a ciência ou tratado da divisão dos tempos,¹¹ suportando as afirmações reveladas e comprovadas pelos autores. Seguindo as cronologias editadas sobre a temática da cerâmica das Caldas da Rainha, é um modo seguro de dissertar, suportando o abono científico. A primeira cronologia consultada foi a extraída a informação com a referência cerâmica ou a ela ligada do livro, *Introdução à história das Caldas da Rainha do período 1222 a 1974* (Serra J., 1995). A segunda cronologia é consultada do livro *Cerâmica das Caldas no Século XX: Uma Cronologia do período de 1905 a 2008* (Serra *et al.*, 2016).

A forma de construção da dissertação, extraindo as conclusões pertinentes nesta relação de cidade com *nexo* à cerâmica e vice-versa, é baseada nas seguintes características do conhecimento científico: *Investigação metódica*, porque toda a investigação baseia-se no conhecimento anterior (Baranano, 2008a). A pesquisa bibliográfica, foi centrada no tema da cerâmica com múltiplos sentidos e tidas com *fonte em primeira mão* (Eco, 1997). *Predições*, o conhecimento científico pode mostrar o que foi o passado e prespetivar o que será no futuro. A predição pode falhar na medida que as condicionantes são variáveis (Baranano, 2008b). *Analítico*, análise de factos, para a construção de sínteses teóricas (Baranano, 2008c). *Objetiva*, validação de hipóteses e mediante a observação e experimentação (Baranano, 2008d).

A importância das obras bibliográficas, foram essenciais. Em primeiro lugar, compreender a matéria prima, *as argilas* e suas multifuncionalidades e técnicas associadas aos passos e processos de fabrico; *extração, preparação, produção, secagem, enforamento e cozedura. Nas obras: Assim é a partitura* (Silva e Constantino, 2000); *A loiça de Alcobaça* (Bernarda, J. 2001); *Moldagem - Aula de Cerâmica* (Chavarria, 1999) e *A cerâmica* (Fricke, 1978). Em segundo, o território desde o período medieval, Óbidos, e o início da história local, Caldas de Óbidos e a emersão das Termas, a definição do enclave destacado do concelho que lhe deu origem Óbidos, e da autoritária região dos Coutos de Alcobaça, (Abadia Cisterciense de Alcobaça): *A região de Óbidos na época medieval – estudos* (Silva M.S., 1994). Em terceiro lugar a pesquisa bibliográfica, incidiu nas *obras* de investigação local, determinando o *ponto de ignição*, motivado pela condicionante Termas das Caldas da Rainha, daí surgiram vários ofícios de prestações de serviços à instituição. : *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor S. Paulo, J, (1664) revisão, prefácio e notas por Correia, F. S. (1959); O Lugar das Termas* (Mangorinha, 2000); *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha – Séculos XVI – XVIII*

¹¹ cronologia, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/cronologia> [consultado em 17-01-2016].

(Machado, 1987); *A Igreja de Nossa Senhora do Pópulo das Caldas da Rainha* (Silva J. C., 1987); *Cronologia do azulejo português* e *Guia de inventário de Azulejo in situ* (Az, 2015).

O desenvolvimento social e urbano da cidade. O novo paradigma da cerâmica pós termas. O ressurgimento industrial e comercial. As pesquisas nas obras literárias: *As cidades têm uma história: Caldas da Rainha das origens ao século XVIII* (Gomes, 1994); *Introdução à história das Caldas da Rainha* (Serra J., 1995) *Arte e Indústria na cerâmica caldense* (Serra J., 1991). O entendimento sobre o crescimento demográfico e desenvolvimento urbano, apoiada nos livros: *População e sociedade caldense no século XVI* (Guedes, 1992); Pesquisa e extração de documentação percorrida e extraída na *internet*, conferências e ações de formação orientada pelo professor João B. Serra. Visitas às obras dos acervos de colecionadores privados, museus locais e nacionais. Os livros e documentos consultados dos variadíssimos artistas que deixaram a sua peculiar referência que deram espaço aos investigadores: *Animais na cerâmica caldense – Coleção de João Maria Ferreira* (Elias, M *et al.*, 2016); *Manuel Mafra, Ceramista da Casa Real Portuguesa* (Horta C. R., 2016); *As Caldas de Bordalo* (Castanheira, 2014); *Caricatura em Portugal – Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho* (Medina, 2008); os estudos do mais recente falecido artista vanguardista *Ferreira da Silva Cidade Imaginária* (Serra J. B., 2007). *Criar Espaço Público Para o Espaço Público*, (Xavier, Criar Espaço Público Para o Espaço Público, 2015); *Ferreira da Silva - Obra em espaço público* (Xavier *et al.*, 2017).

A perceção da importância do espaço público e políticas culturais, conclui-se com a tese de doutoramento de *Luísa Arroz Albuquerque A cultura como categoria de intervenção pública*. (Albuquerque, 2011).

A consulta de sites, catálogos, livros e documentos sobre a formação artística e profissional sobre a cerâmica nas próprias fábricas: *Molde - Uma coleção industrial da Molde Faianças* (Serra *et al.*, 2016) O entendimento das sucessivas crises neste setor tão especial e oscilações no reflexo de crises nacionais e internacionais. Leitura do estudo prospetivo de *José Luiz de Almeida* na sua tese de doutoramento *Cenários para as Indústrias dos Sectores Tradicionais em Portugal num Horizonte de 2010/2015* (Silva J. L., 2004).

A realização de *entrevistas exploratórias* ajuda-nos a constituir a problemática da investigação (Quivy *et al.*, 1992). Entrevistas a personagens diretamente relacionadas com a gestão de instituições de ensino, autárquico, museológico, fabricantes, técnicos, artistas, investigadores e colecionadores na temática cerâmica, pelo que serão colocados excertos dos testemunhos quanto ao desenvolvimento temático. A pergunta de partida é extensiva a todas as entrevistas e direcionada com as subjacentes questões da UNESCO.

A bibliografia utilizada foi a mais díspar possível e limitada ao tempo útil de feitura de uma tese académica condicionada aos limites de restritos de semestres e respetivas e prorrogações. *Umberto Eco* com o seu peculiar humor, dá um exemplo no seu livro *Como fazer uma Tese*:

[...]. *Os homens medievais, que tinham um respeito exagerado pela autoridade dos autores antigos, diziam que os modernos, embora a seu lado anões, apoiando-se neles tornavam-se anões*

às costas dos gigantes e, deste modo, viam mais além do que os seus predecessores. [...] A alternativa à tese historiográfica é antes a tese experimental: A perceção das cores num grupo de crianças deficientes. Aqui o discurso muda, dado que se tem direito a encarar de forma experimental uma questão contanto que se siga um método de investigação e se possa trabalhar em condições razoáveis, no que respeita a laboratórios e com a devida assistência. Mas um bom investigador experimental não começa a controlar as reações dos seus pacientes sem antes ter feito pelo menos um trabalho panorâmico (exame dos estudos análogos já realizados), pois de outro modo arriscar-se-ia a descobrir o chapéu de chuva, a demonstrar qualquer coisa que já havia sido amplamente demonstrada, ou a aplicar métodos que já se tinham demonstrado erróneos (se bem que possa ser objeto de investigação o novo controlo de um método que não tenha ainda dado resultados satisfatórios). Portanto, uma tese de carácter experimental não pode ser feita em casa, nem o método pode ser inventado. Mais uma vez se deve partir do princípio de que, se se é um anão inteligente, é melhor subir aos ombros de um gigante qualquer, mesmo se for de altura modesta; ou mesmo de outro anão. Depois temos sempre tempo para trabalhar sozinhos (Eco, 1997).

2. A história e a conexão à cerâmica

(I - Tradição de longa duração na forma particular de artesanato ou arte popular?)

2.1. Das águas cálidas (quentes) a Bordalo Pinheiro

Na época medieval, devido às lutas constantes, as cidades e os povoados na sua maioria eram ladeados de muralhas, castelos, conventos, igrejas e mosteiros: cronologicamente, *a cidade medieval portuguesa coincide com os primeiros séculos da nacionalidade, num período compreendido entre o séc. XI e o séc. XV* (Arq-Portuguesa, 2016).¹²

Óbidos, parte de vila, mantém-se até aos dias de hoje com estas características.

A data da fundação das Termas é a de 1485 pela Rainha D. Leonor e, podemos constatar, que Caldas da Rainha começa a sua “*gestação*” no fecho da época medieval.

As águas, *caldas ou quentes e minero ou medicinais*, estão na origem do território de Caldas da Rainha, a cidade, e as freguesias constituintes do concelho. Algumas freguesias limítrofes por vezes mudavam de concelho, consoante o domínio político da época. O território de Caldas, surge de uma atitude benemérita em proveito da saúde pública e na defesa de uma classe social extremamente desprotegida e enferma na sua maioria dos casos. A humanidade da Rainha, está latente naquilo que compreendemos das biografias dos santos da Igreja Católica. Bastaria um milagre depois de morta, para se elevar à categoria da veneração nos altares. Mas o milagre aconteceu de outra forma materializada até aos nossos dias; a transformação de um território inóspito, com uma fonte de águas sulfurosas e minero medicinais

¹² Fonte: <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/a-cidade-medieval-portuguesa/>; consultado em 03-01-2017

em que o povo já se banhava na cura das suas maleitas, e a Rainha usufruindo para seu bem próprio o remédio dos seus males. O hospital termal surge da sua vontade, contra alguns poderes instituídos. Abona a construção do hospital com as suas posses e pedindo ao Rei D. João II (esposo) e depois do seu falecimento ao seu irmão rei D. Manuel, meios de subsistência para a governança deste hospital e desvinculação do território da administração do concelho de Óbidos.

Jorge de São Paulo, (cónego secular de S. João Evangelista) foi Provedor do Hospital Termal em 1653 e em 1656 escreve a *História da Fundação deste Real Hospital...*, deste livro é retirado um terceiro volume com revisão, prefácio e notas de Fernando da Silva Correia com o título *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor* [S. Paulo, J, (1664)] *revisão, prefácio e notas por* [Correia, F. S. (1959)]. O livro faz referência aos primeiros moradores e uma listagem de homiziados e ofícios e perante as obrigações que vinculavam ao Hospital Termal pelos quais estão mencionados os primeiros oleiros:

§º I.º Dos pr^{os} Moradores; e Pr^{os} Officiais desta Villa.

[...] Amador Aº; Aluº Loppes; Andre annes. Estes carretauão lenha p^a as cozinhas; Enfermarias, Barrellas e escaldar os fatos dos pobres. Martim Aº, e Pedreanes carretauão o matto p^a o forno; E Fernão Vas, Dioguo p^{rz} penella, Aº Gomes e o fº do Troyano D.º Aluz carretauão pedra pera as obras. O prº Albardo Ioão Annes e fazia as barças dos ourinois a 4rs. Os pr^{os} Oleiros Francisco Loppes e V^e annes e Aluaro Gomes. [...] (S. Paulo, 1657-1959)

No livro *As cidades têm uma história: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII* (Gomes , 1994a) refere-se a um novo tabelião de homiziados em 1553 do *Livro dos Assentos Privilegiados do Hospital* à profissão do Oleiro, pedreiro, sapateiros, ferreiros e etc. (Gomes , 1994b). A primeira rua habitacional da cidade foi a Rua Nova: *[...] viviam igualmente múltiplos profissionais mecânicos (cozinheira, ferrador, lavrador, malagueiro, oleiro). [...]* (Gomes , 1994c)

Da investigação de Saúl A. Gomes, extraímos o *Quadro*, com a distribuição socioprofissional das Caldas em 1587, o locais documentados e respetivas ruas da Vila:

QUADRO 3							
DISTRIBUIÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL NA DAS CALDAS EM 1587							
LOCAIS DOCUMENTADOS							
	Espirito Santo	Praça	Rossio	Rua Nova	R. Oliveira	Torre Sineira	Totais
Profissões							
Alfaiates	1		2				2
Boticários							1
Carneireiro			1				1
Cozinheira				1			1
Ferradores	1		2	1			4

Lavradores			1	1			2
Malagueiros				1			1
Moleiros			1				1
Oleiros	1	1	1	1			4
Sapateiros	1		1		1	2	5
TOTAIS	4	1	9	5	1	2	22

Tabela 2 - Tabela extraída do livro de Saúl A. Gomes *As cidades têm uma história: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII* (p. 37).

Um malagueiro¹³ - rua Nova; um oleiro – rua Nova; um oleiro – Espírito Santo; um oleiro – Praça; um oleiro – Rossio (Gomes , 1994d).

Jorge de S. Paulo, relata as opções que o Hospital utilizou na melhoria da higienização quanto à utilização das peças utilitárias como substituição de copos de madeira por copos de barro vidrado de branco:

[...]e ainda no meu pr^o anno de 1653 se lhes daua o v^o por estes copos de barro: e parecendome sogidade e trato pouco político pera os Religiosos mandei comprar copos de vidro e fazer particular louça branca, iarras, saleiros, pratos, tigellas e pires do barro de Lx^a facas nouas e culheres de latão, e queira Deos ~q se conserue [...] [S. Paulo, J, (1664)] *revisão, prefácio e notas por* [Correia, F. S. (1959)].

Os factos são claros e descritos nesta conexão entre a instituição, as artes e ofícios, geradores de trabalho numa procura de melhoria na saúde e no bem-estar quotidiano.

As Caldas usufruíam, no entanto, dum privilegiado estatuto de reconhecimento público nacional, e mesmo internacional, quanto à qualidade das suas águas medicinais, sempre reforçado e propalado sobretudo num século em que a Medicina fez notáveis progressos. Aumentaram, por isso, as presenças de banhistas ilustres, da família real e da nobreza cortesã, do alto clero regular ou secular, que aqui se acolhia amiúde. [...] A presença muito frequente da aristocracia cortesã e da família real sobretudo após 1650, contribuía para trazer às Caldas todo o gosto artístico consumidor específico (Gomes , 1994a).

Todos estes movimentos que surgiram das constantes visitas da Corte Real, promovendo os eventos artísticos, como a música, a pintura, a escultura, a arquitetura, a cerâmica artística, os revestimentos de painéis azulejares nos interiores e exteriores de edifícios e estruturas. A encomenda de obras com um nível de valorização artística superior: *[...] como pintores como Belchior de Matos ou mesmo sua mulher Francisca Duarte. [...] e talentos de maior qualidade e êxito, como acontecia com Josefa de Óbidos* (Gomes , 1994b).

¹³ *Malagueiro*, palavra que não consta do dicionário atual de português, palavra do português arcaico que indica a profissão de quem faziam as malgas; mal-ga (latim *magida*, -ae, tígela de servir à mesa)

1. Recipiente côncavo e sem asas, usado geralmente para líquidos (ex.: *malga de barro*).

2. Conteúdo desse recipiente (ex.: *comeu uma malga de sopa*). **malgas**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/malgas> [consultado em 20-01-2016].

Segundo o livro, *Os Barristas Portugueses (nas escolas e no povo)* (Chaves, 1925a), o autor investiga e interroga as possíveis correntes de influências vindas da estadia do italiano Sansovino a Portugal, no reinado de *D. João II*, enviado por *Lourenço de Medicis*, pretensioso, mecenas do Renascimento italiano, e a vinda de Filipe Edouard (Hodart), de origem francesa a convite do Rei D. Manuel em a 7 de Outubro de 1530:

[...] apostolado da Ceia de Santa Cruz de Coimbra, [...] teria servido de modelo e incentivo a portugueses; o estudo mais recente do Dr. Vergílio Correia indica-nos outras obras prováveis do escultor, entre elas algumas estátuas mais que aproximáveis da Capela dos Coimbras. Em Braga, sinal de expansão que o próprio Hodart alargaria. [...]. De aí por diante, os conventos encheram-se de esculturas de barro, nos templos, em nichos exteriores e outros espalhados pelos claustros e câncas, e nos tufos e sombras de jardins, câncas e matas. [...]. Principia no século xvii o domínio artístico do barro. Coimbra, Alcobaça, Évora, Lisboa, Tomar com escultores barristas ótimos davam a moda; - e os conventos enchiam-se, no século xvii, de estátuas e grupos de barro. (Chaves, 1925b).

O século XVIII foi o mais propício ao desenvolvimento das esculturas de barro, expondo os traços sociais e segundo o autor os presépios estariam na moda. *Luís Chaves*, retrata o meio delirante da época:

Tudo leve, passageiro, transitório, corpos e almas andavam enlouquecidos na velocidade da vida. A aparência era tudo o que se pedia. Dentro das consciências estava o vácuo. A religião dera a moda da descrença, com seticíssimo elegante, que transformava a fé em espetáculo, e impunha à religião a vistosidade brilhante da ópera. Vivia a sociedade um permanente será de Versalhes. Em volta era tudo frágil, superficial, sem duração como no cenário de um palco em récita de grande espetáculo. O barro com a sua fragilidade, a rapidez do seu do seu trabalho, era a espuma da vida de então. [...] O presépio com a sua pompa, o luxo de o ter, o brilho de composições ricas de cor e de movimento, cheio de que não podiam ser grandes e deviam de ser de muitas, aproveitando o espaço e a fantasia, seria reclamado como necessidade própria do tempo de religião luxuosa (Chaves, 1925c).

O livro, *Cerâmica portuguesa e outros estudos*, de José Queirós, refere:

El-Rei D. João V, manda construir a monumental e bem proporcionada Basílica de Mafra, onde surgiu uma escola de arte, cujo labor frutificou em bons resultados, que se manifestaram por muitos anos, não só na escultura, como também nas artes aplicadas — o mobiliário artístico, entalhado e embutidos (órgãos), e a tapeçaria.

Da escultura, foi o mestre Alexandre Giusti, artista romano, o primeiro mestre, desde 1749 até 1773 (?).

Seguiram-se-lhes Joaquim Machado de Castro, Joaquim José de Barros e Brás Toscano, até 182..., em findou a chamada escola de Mafra (Queirós, 1907).

Em Lisboa criavam-se escolas da instituição régia e oficinas de cariz particular:

Dos mestres provieram os discípulos. Machado de Castro, Policarpo da Silva, António Ferreira, Faustino Rodrigues, Barros Laborão, Joaquim José de Barros, foram formando discípulos, estes formavam os seus. As aulas Régias, as oficinas escolares, como a Academia de S. José, a Escola do Intendente, a Escola do Castelo, a escola dos Camilos, organizavam cursos, em que ensinavam os melhores artistas. Estes por seu turno abriram oficinas suas e ensinavam a sua arte. Dispersavam-se pela província os mais hábeis e os mais práticos, e teriam trabalhado pelos conventos, pelas igrejas, e nos centros barristas, onde formariam discípulos e fariam carreira, como Estremoz, Caldas, Porto, Barcelos (Chaves, 1925).

Alargar-se-iam deste modo os especialistas na arte da cerâmica um pouco por todo país.

No livro, *Manuel Mafra – Ceramista da Casa Real Portuguesa* de Cristina Horta, a autora faz referência citando José Queirós - 1856-1920 a Maria dos Cacos:

A primeira metade de Novecentos assiste a uma evolução na cerâmica manufacturada de Caldas da Rainha, associando-se, ao carácter utilitário, um sentido artístico, estabelecendo-se a transição entre a olaria anónima e a cerâmica de autor, a que já é possível associar materiais e autores, por tradição oral ou por ostentarem marcas. Esta produção é em grande parte, atribuída a Maria dos Cacos, conhecida na história local como oleira / barrista e proprietária de uma oficina situada na rua dos Arneiros, actual rua Heróis da Grande Guerra. A seu respeito José Queirós (1856-1920) faz a seguinte referência: A dinastia dos atuais oleiros das Caldas da rainha começa com D. Maria dos Cacos de quem pessoas vivas dão notícias directas⁽³⁾. E diz ainda Maria dos Cacos já fazia louça em 1820, fabrico que durou até 1853. A cerâmica atribuída a esta oleira, feita com o barro local, era, segundo o estudioso, caracterizada pelo excessivo peso e rigidez da pasta, esmalte bem conservado (não retalhado) e ausência de policromia, pois que os diversos artefactos só variam de objecto para objecto [...].; As peças desta barrista, vendidas sobretudo nas feiras, constatavam de utensílios feitos à roda – fogareiros, assadores, púcaros, canecas, bilhas, potes, asados e outras vasilhas – e peças utilitárias de carácter rústico, como paliteiros, apitos, castiçais, garrafas, vasilhas com figuras caricaturais e grotescas, em forma de animais – macacos, leões, cães -, ou humanas, como as famosas garrafas em forma de mulher, conhecidas por Mulher de Guitarra. Peças de gosto popular, normalmente destinadas a modestos compradores, eram de pasta pesada, conformação rústica, produzidas na roda, modeladas ou moldadas, vidradas em tons de negro, castanho de manganés, melado de ferro, verde de cobre, com vidrados à base de chumbo e areia.

Algumas peças revelam afinidades com outras produções figuradas de cariz popular de vários centros do país que a oleira teria conhecido nas feiras onde vendia as suas peças, sobretudo no Norte – Barcelos, Gaia, Torrinha -, influenciando as produções e nelas se inspirando para os seus modelos [...] (Horta C. 2016).

O semanário regional *Gazeta das Caldas*, noticiava na sua página Cultural, a propósito de um (Curso de Formação - coleções de cerâmica caldense)¹⁴ no decurso da *Molda 2016*:

Maria dos Cacos, a primeira mulher que se dedicou à cerâmica das Caldas, chamava-se Maria Póstuma, assim batizada por seu já ter falecido quando esta nasceu. O historiador João Serra descobriu, através de registos paroquiais, que Maria dos Cacos nasceu em 1797, sendo filha e neta de oleiros. Mas não crê que esta tivesse abraçado a profissão do pai e do avô pois esta era essencialmente masculina. A famosa Maria dos Cacos terá sido, afinal, uma empresária e dedicou-se à venda de cerâmica caldense por todo o país, tal como a tradição oral já o afirmava. Esta foi uma das revelações feita no curso de Coleções de Cerâmica Caldense, organizada recentemente pelo Centro de Formação de Professores Centro Oeste (CFAE) e que contou com mais de meia centena de participantes (G. Caldas, N.N. 22-07-2016)

Eduardo João Silva, antigo Presidente da Junta de Freguesia das Gaeiras de Óbidos, grande dinamizador de exposições de presépios no convento de S. Miguel nas Gaeiras¹⁵ e, também proprietário de uma cerâmica nas Gaeiras, revelou numa entrevista exploratória:

- É vulgo dizer-se na povoação que Maria dos Cacos, vinha (aqui) às Gaeiras, extrair o barro. Aliás há uma rua do Barreiro (Silva, E. 18-02-2016).

2.2. Manuel Mafra - da casa real ao colecionismo

No livro de *Cristina Horta*, sobre *Manuel Mafra* na parte da apresentação com o título: *Uma Cerâmica Fantástica e Perturbadora*, refere:

Em 1888, Francisco Giner de los Rios, filósofo, pedagogo e ensaísta espanhol, visitou Portugal, publicando as impressões da viagem sob a forma de um guia turístico: 'Portugal, impresiones para servir de Guía al Viajero'. [...] à sua estada em Caldas da Rainha e à observação da produção cerâmica característica desta vila. Fenómeno expressivo e praticamente isolado no universo da produção cerâmica peninsular, a faiança de Caldas da Rainha, pelas suas características artísticas, de inspiração naturalista, foi objecto de atenção e curiosidade do viajante, levando-o a questionar-se sobre as razões que estariam na origem do surgimento deste tipo de louça artística numa pequena localidade da Estremadura portuguesa. Interrogações que, só anos mais tarde, começariam a ser esclarecidas.

As semelhanças da louça caldense com as produções francesas que no mesmo período, se inspiraram nas 'rustiques figulines' (louças rústicas) de Bernard Palissy, ceramista francês da Renascença que, a partir de moldes tirados do natural, recriava ambientes de natureza, onde répteis, batráquios, peixes, insectos, e uma variedade de espécies vegetais, em meios aquáticos, surgem

¹⁴ Decorreu na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro em Junho de 2016.

¹⁵ Fonte: *Jornal das Caldas*; 13-12-2016 / Francisco Gomes;

http://jornaldascaldas.com/2600_presepios_em_exposicao_no_Convento_de_Sao_Miguel_1; consultado em 15-12-2016

geralmente representados em composições harmoniosas de convivência pacífica, ou em cenas de predação, característica que será, sobretudo, desenvolvida pela produção caldense de Manuel Mafra e dos seus principais seguidores (Horta C., 2016a).

Continuando no livro sobre Manuel Mafra, a autora *Horta, C.* e continuando a citar José Queirós:

Mas, a decisiva mudança na cerâmica de Caldas da Rainha vai competir a Manuel Cipriano Gomes, operário na oficina da Maria dos Cacos, de cujo espaço se torna proprietário, com o recheio, por trespasse, em 1853, [...] quem lhe tomou de trespasse a fábrica, o material e a louça [...]. Com a experiência de oleiro adquirida na sua terra natal, a vila de Mafra, este ceramista dotado de invulgar habilidade, a quem Maria dos Cacos tivera o mérito de abrir as portas da sua oficina, evoluiu e ultrapassou rapidamente a obra simples e rústica da oleira/barrista, com modelos mais exigentes e vindo a realizar aquilo que anteriormente nenhum outro ceramista tinha conseguido, contribuindo de modo indelével para as Caldas se viesse a destacar entre os principais centros cerâmicos do país no século XIX [...]. (Horta C., 2016b)

A autora, descreve o ambiente vivido nas Caldas e seu ponto de viragem:

Os inúmeros visitantes aristocratas e burgueses, políticos e intelectuais, tanto portugueses com estrangeiros, com possibilidades económicas eram atraídos pelas ofertas da vila, em especial a artística cerâmica que podia ser adquirida em lojas próprias nas Caldas da Rainha – na chamada rua das loiças junto ao hospital termal, que na década de 80, contava com várias lojas de venda de louça (Horta C., 2016c).

Houve também um fator importante neste salto o de D. Fernando II e a relação próxima com a cerâmica das Caldas da Rainha:

O príncipe D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha (1816-1885) era um dos principais frequentadores da estância termal, aí se deslocando inúmeras vezes, nomeadamente em 1875, acompanhado do infante D. Augusto, e entre 1876 e 1877 acompanhado pela Condessa de Edla e por D. Luiz, tendo feito uso de banhos. [...] O apreço de D. Fernando por Manuel Mafra data do início da actividade do ceramista, ainda operário da Maria dos Cacos, que conhece por ocasião de uma deslocação régia a Caldas., cujo o programa incluía visitas às oficinas de cerâmica da vila. [...] A presença de D. Fernando e da família real nas oficinas da Caldas terá sido um factor dinamizador de uma produção mais elaborada de louça local, [...]. Detentor de uma especial sensibilidade e conhecimento artístico, D. Fernando II percebeu as potencialidades da Manuel Mafra numa fase inicial e ainda incipiente da sua carreira e soube estimulá-las, em aquisições e encomendas, por certo, mediante modelos que lhe foi apresentando, quer através de imagens, ou mesmo de peças da sua eclética colecção privada, atitude que teria posteriormente com Rafael Bordalo Pinheiro [...]. Com uma perspectiva ampla e culta de colecionador movido por um gosto refinado, mecenas, mas também ele ceramista, de que fazem parte inúmeras peças das Caldas da Rainha, assinaladas nos vários inventários e arrolamentos dos bens da Casa Real (Horta C., 2016).

João Serra, no livro *Arte e Indústria na Cerâmica Caldense*, cita após a aquisição de Manuel Mafra da fábrica de Maria dos Cacos na data:

[...] a 1853, A.C.S. de Macedo registava a existência nas Caldas, de 20 oficinas de louça. [...] no total, 38 operários, o que diz bem da exígua dimensão média de cada uma delas.

Uma fonte de 1868 (citada por A. S. Lopes) refere, apesar de transcorridos 15 anos, números semelhantes: 23 unidades. Descrimina, porém, as fábricas das olarias. Aquelas seriam 15: 10 de louça ordinária e 5 de louça vidrada (Serra J., 1991a).

Evoluindo na leitura, verificamos que Serra, refere que no ano de 1881 e por força de um inquérito relativo à situação industrial do país, que inquiridores relataram três unidades fabris da cerâmica caldense:

[...] (Alves da Cunha, Francisco de Sousa e Manuel Gomes Mafra).

Em primeiro lugar, salientam que as fábricas de louça das Caldas atravessam um bom momento, em termos de vendas. Elas experimentariam até uma certa dificuldade em dar satisfação a uma procura crescente.

Tal dificuldade teria origem nas limitações de mercado de capitais e de insuperáveis obstáculos no acesso ao crédito (Serra J., 1991b).

2.3. Rafael Bordalo Pinheiro

Rafael Bordalo Pinheiro, génio do desenho e com maior ênfase na caricatura, transforma as suas aptidões de segunda dimensão para a terceira dimensão:

Aí estão os bonecos das Caldas com um Renascimento fugaz, em vida de Rafael Bordalo Pinheiro, a demonstrar ainda como depressa se desfaz e perder a lição dos mestres (Chaves, 1925).

Lisboa foi a cidade que o viu nascer. Facilmente ligamos Bordalo Pinheiro às Caldas da Rainha. A força do vínculo à cidade, o anticonformismo, a sua intervenção política e social, a obra e testemunhos deixados tornam-no numa personagem *sui generis* e popular.

Ao basearmo-nos nos livros: *Caricatura em Portugal — Rafael Bordalo Pinheiro, pai do Zé Povinho* (Medina J., 2008a); *Introdução à história da Caldas da Rainha* (Serra J., 1995a); *Arte e indústria na cerâmica caldense (1853-1977)* (Serra J., 1991a); *As Caldas de Bordalo* (Castanheira, 2014a). Podemos elaborar uma pequena cronologia de Rafael desde a sua vinda para Caldas:

1882, Rafael Bordalo Pinheiro, interessa-se pela indústria pela indústria da cerâmica artística caldense; graças à irmã, Maria Augusta,¹⁶ que experimentara o barro, assim com Columbano

¹⁶ Maria Augusta de Prostes Bordalo Pinheiro, Nascimento em 14-11-1841; Pintora portuguesa dedicou-se especialmente às Artes Aplicadas e às Artes Decorativas tendo-se notabilizado na renovação da indústria de rendas de Peniche. Filha do pintor Manuel Maria Bordalo Pinheiro e de Augusta Maria do Ó Carvalho Prostes, nasceu em 14 de Novembro de 1841 e faleceu em 22 de Outubro de 1915. Foi discípula de seu pai e de seu irmão Columbano Bordalo Pinheiro mantendo com este, até ao final da vida, uma relação muito estreita, sendo modelo de várias pinturas entre as quais sobressai A luva cinzenta. Com a sensível dedicação que se conhece, acompanhou-o a Paris, em 1881, em estada patrocinada pela condessa de Edla, por via de D. Fernando II. Talento multiforme, teve oportunidade de expor, ao longo da sua vida, pintura de tendência naturalista (as

também encetara a experiências de pintura sobre a cerâmica, (veja-se faianças de Rafael Bordalo Pinheiro, catálogo da Exposição realizada no Palácio Galveias, de Lisboa em 1985).

1883, Rafael Bordalo Pinheiro vem viver para as Caldas da Rainha, colabora com o seu irmão Feliciano Henriques, coronel de artilharia, nascido em 1847, e de outro associado, Felisberto José da Costa, fundando uma fábrica de faianças para produção industrial, com um capital inicial de 400 contos (cuja a escritura data de 1883); altura que se edita também um opúsculo intitulado Projeto de uma Fábrica Nacional de Faianças nas Caldas da Rainha).

1884, Criação de aula de desenho industrial das Caldas, Ministro das Obras Públicas, com a tutela do ensino industrial: António de Augusto de Aguiar. A escola recebeu o nome de D. Leonor a 9 de Outubro e começou a funcionar em Janeiro de 1885 (Medina J., 2008b).

1884, Junho, Início da instalação da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, A escritura da sociedade é de 9 de Agosto (Serra J., 1995b).

1884, Rafael Bordalo Pinheiro Começa na produção de cerâmica (Medina J., 2008c).

Em 1887 com a chegada do comboio, no livro, *As Caldas de Bordalo* (Castanheira, 2014a), exhibe a *litografia* da reportagem de Rafael Bordalo Pinheiro publicada no *Pontos nos (ii)* com edição de 30 de Junho de 1887, sobre a inauguração do caminho de ferro nas Caldas em 25 de agosto. Todas as personagens, forças locais, os animais de caricatura; a rã, o lagarto, a lagosta e o próprio Rafael ostenta um foguete, pronto a ser lançado (Castanheira, 2014b).

A descrição do momento da chegada, de Rafael Bordalo Pinheiro, à estação de comboio das Caldas da Rainha, em meados de setembro:

1889, [...] vinha do Brasil, para onde partira no fim de maio. Segundo a imprensa local, junto da estação do caminho de ferro e ao longo da avenida que ligava ao centro da vila, uma pequena multidão aguardava o artista. Mais de mil pessoas é a indicação dada pela reportagem de O Círculo das Caldas. Gorando as expectativas, Rafael não trazia, porém, novos meios para a reanimação de uma fábrica que ainda no ano anterior, durante o mês de outubro, estivera uma vez mais encerrada. [...] Bordalo Pinheiro deslocara-se ao Brasil para tentar vender uma gigantesca jarra — A Beethoven —, depois de em Portugal ela ter sido recusada pelo próprio que a encomendara, em razão das suas dimensões: 2,80 metros de altura. Mas também ali não encontrou comprador e a jarra acabou por ser oferecida ao chefe de Estado brasileiro (Serra J., 1991b).

Esta excentricidade artística estaria na personalidade vincada de Rafael, e conta J. Serra:

flores foram o seu referente de eleição), desenho, trabalhos em faiança, rendas e outros trabalhos de Artes Aplicadas. Participou em exposições da Sociedade Promotora de Belas-Artes, estreou-se nos certames do Grupo do Leão em 1885; [...]. Dirigiu a partir de 1887 a Escola Industrial D. Maria Pia, em Peniche, mais tarde Escola Industrial de Rendeiras Josefa de Óbidos, e esteve à frente da oficina da Rua das Taipas, em Lisboa, mudando depois para a Rua António Maria Cardoso. Realizou frequentes exposições nesses dois ateliers. É interessante notar que no capítulo intitulado «A Arte» do livro, com intuítos pedagógicos, A minha pátria de Ana de Castro Osório refere-se, com certo destaque, as rendas de Peniche e elogiam-se as escolas industriais sendo publicada uma gravura de um lenço de renda de Maria Augusta Bordalo Pinheiro.

Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=68465>; consultado em 10-02-2016

*Não era, no entanto, a primeira vez que Bordalo Pinheiro se deixava seduzir pelo excesso do dimensionamento de uma peça de cerâmica decorativa. A chamada Talha Manuelina, de 1892, atinge os 2,40 metros. Conta Matilde Tamagnini (Loc. cit.) (Alguns elementos inéditos sobre a cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro, in *Jornal Novo de Lisboa*, 13, 14 e 15 de julho de 1978) que a Talha dos Operários, como também era conhecida, teve origem num pedido que os operários da fábrica dirigiram a Bordalo, em momento especialmente crítico, para que lhes desenhasse uma peça de faiança que lhes pudessem executar, repartindo entre si o produto da respetiva venda (Serra J., 1991c).*

Em 30 de maio de 2013, o *Jornal de Negócios* daria em destaque com o título de reportagem: — *Bordalo fez um manguito à crise e avança para o Brasil — A ironia do destino*, dirá o povo com a sua sabedoria. Diz a notícia: *em 130 anos de história, a empresa esteve em risco diversas vezes. A aquisição pela Visabeira e uma campanha de marketing agressiva evitaram o fim do estilo único da sociedade das Caldas da Rainha. [...] Em 2009, a sociedade centenária esteve seriamente ameaçada e foram os trabalhadores que se empenharam em salvar a Bordalo, com a ajuda do ministro da Economia da altura, Manuel Pinho* (Noronha, 2013).

Poderíamos dizer que os acontecimentos da história passada, estar-se-iam a repetir ou aproximar do que já fora uma realidade. Os operários outrora a pedirem a Bordalo que fizesse a *Talha Manuelina* de forma a salvar os ordenados na venda repartida da peça. A deslocação de Bordalo ao Brasil na tentativa da venda da jarra *A Beethoven*. Como ficaria hoje Rafael Bordalo Pinheiro, ao ver a *Rota Bordaliana*, inaugurada a 17 de outubro de 2015, com *ocupação* de espaço público com mais duas dezenas de figuras de cerâmica de grandes dimensões. Todas as peças feitas na fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro, as de maior dimensão estão cobertas com uma caixa de vidro inquebrável para prevenir atos de Vandalismo. A Câmara Municipal fez uma aposta forte nesta *Rota Bordaliana* e um investimento de cerca de 122,1 mil euros e está integrado na candidatura de Regeneração Urbana, sendo comparticipada com 85% por fundos comunitários. (G. Caldas - 18-10-2015)

1905, a morte de Rafael Bordalo Pinheiro: *Bordalo Pinheiro faleceu em Lisboa, a 23-I-1905. No seu enterro, no dia seguinte, o tributo republicano acabado de regressar de África, António José de Almeida (1866-1929), no seu elogio fúnebre, chamar-lhe-ia um grande lutador que teria sido, na cidade da troça, o soldado heroico da gargalhada, um guerreiro e um patriota, além de um grande educador* (Medina, 2008d).

3. O azulejo como marca secular e como testemunho artístico na cidade

No livro, *Testemunhos nas Paredes — Ensaio de Azulejaria* (Lopes, 2001a), refere:

Portugal tem um imensurável património de azulejos, único no mundo. Os azulejos decorativos têm sido guardados em museus ou coleções particulares mais como curiosidade do que como obras de arte. Praticamente quase todos os museus europeus possuem poucos exemplares, não

reconhecendo por isso devido valor, pois a maioria considera este tipo de cerâmica de segunda qualidade misturando-os desta forma, com toda a variedade de peças. Como espécies isolados, válidos como podem ser, eles são apreciados nas exposições dos museus, mas deviam ser vistos no seu melhor, no original e nos lugares respetivos. Não se encontra melhor lugar do que Portugal para admirar todo o valor artístico como motivo cerâmico, porque o nosso país é o maior e único museu do azulejo (Lopes, 2001b).

Do *Museu Nacional do Azulejo em Portugal*, na sua página da internet disponibiliza uma *Cronologia do Azulejo em Portugal*¹⁷. A *Rede de Investigação em Azulejo*¹⁸ (Az, 2015a) fornece da mesma forma uma outra cronologia, *A Cronologia do Azulejo Português, com o Guia de Inventário de Azulejo in situ*¹⁹.

Segundo esta rede de investigação (Az), advogam existir um léxico controlado baseado em *standards* internacionais, que classificam os painéis quanto às composições, de padrões, figuras avulsas, figurativas, legendas, ornamentais e revestimentos cerâmico. No que respeita às autorias, os autores, os azulejadores, os ceramistas, as fábricas, os pintores, os ladrilhadores e os promotores.

No século VIII, entre os anos 711 e 716, dão-se a plena conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos. Nesta época apresentavam o azulejo *alicatado*, recortado a alicate de placas vidradas de barro, de cor lisa, colocados em painel sobre formas de desenhos geométricos. A técnica que ainda se aplica aos dias de hoje, nos países muçulmanos.

Entre os séculos XIII e XIV, são feitas *as primeiras aplicações de azulejo decorativo na Andaluzia:*

Sevilha, Valência, Málaga e Toledo. As técnicas são chamadas de *Corda Seca*, que consistem na gravação do desenho na placa de cerâmica ainda húmida. *Obtenção de sulcos, preenchidos a manganês misturado com uma gordura, que garantem a separação dos esmaltes de várias cores durante a cozedura* (Az, 2015b).

Na transição dos séculos a técnica da aresta para o século XV, *Sevilha, Manises, Valência, Málaga e Toledo*, são os principais centros produtores da chamada *Azulejaria hispano-mourisca:*

motivos mouriscos (a estrela Islâmica muito frequente) que se entrelaçam e repetem em esquemas geométricos radiais, formando um padrão:

*[...]. Os mosaicos cerâmicos monocromáticos, que podem ver-se igualmente no Mosteiro de Alcobaça (séc. XIII) e na alcáçova de D. Dinis no Castelo de Leiria (séc. XIV), representam a herança muçulmana.*²⁰

¹⁷ Site museu do Azulejo -

<http://www.museudoazulejo.pt/Data/Documents/Cronologia%20do%20Azulejo%20em%20Portugal.pdf> consultado 15-10-2015.

¹⁸ Rede de Investigação do Azulejo – <http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline-pt.html> consultado em 15-10-2015

¹⁹ Idem

²⁰ Museu Nacional Machado de Castro; fonte: <http://www.museumachadocastro.pt/pt-PT/colecoes/PrintVersionContentDetail.aspx?id=621> consultado em 16-04-2016

Nos finais do século XV, em 1498, D. Manuel I, contacta diretamente com a azulejaria de Sevilha com o intuito da decoração do palácio da Vila de Sintra. Maior liberdade quanto à forma com influências góticas nos elementos decorativos. Recorrência ao tratamento de motivos naturalistas em forma de vegetais criando sugestões arquitetónicas e efeitos dinâmicos (Az, 2015c)

A técnica da *aresta* ou *cuenca*, que consiste na impressão do desenho sobre a argila ainda cru através de um molde de madeira ou metal. As arestas ou saliências conseguidas permitem a separação dos esmaltes durante a cozedura. (Az, 2015d)

A técnica do *esgrafitado* em que eram utilizados estiletos ou pregos para a gravação de motivos decorativos sobre o azulejo de esmalte escuro. O corpo cerâmico fica a descoberto.

A técnica do *relevo* que consiste na marcação dos motivos na chacota recorrendo a moldes de madeira ou metal. A Azulejaria de Sevilha foi amplamente utilizada em Portugal (Az, 2015e).

Século XVI, na primeira metade, dá-se o início da produção em Portugal. Importam-se azulejos de caixilho (composição de xadrez e enxaquetas) a Espanha. Importa-se já segundo a técnica da *majólica de Sevilha*, com *Francesco Niculoso (1504)*, e da *Flandres (1558)*, onde se tinham instalado artistas italianos. A técnica *majólica*, consiste na cobertura do azulejo com um esmalte branco sobre a superfície cerâmica lisa, podendo ser pintado com as cores que se misturam. Técnica introduzida por Francesco Niculoso, em Sevilha, ele, natural de Pisa era um ceramista erudito, que faz concorrer com uma azulejaria figurativa e ornamental, de feição renascentista, com a tradição azulejaria hispano-mourisca (Az, 2015f).

A influência e a corrente estética surgem do *Renascimento Italiano – grottesco: pintura decorativa baseada em motivos da Roma Clássica, descobertos em ruínas subterrâneas — as grotte. As figuras humanas, seres fantásticos, pássaros, flores, vasos, conchas, pilastras, volutas ... são dispostos em medalhões que se entrelaçam, sem qualquer lógica aparente.*

A azulejaria ítalo-flamenga: composições ornamentais de brutescos e ferroneries (Azulejo, M.N., s.d.a).

Na segunda metade do século XVI, a vinda de ceramistas e oleiros do norte da Bélgica (Flandres), então província espanhola, para a Península Ibérica, com implantação definitiva das técnicas de *majólica*. Nesta época surge também grande atividade dos centros cerâmicos portugueses. Abandonam-se a influência mourisca, e surge o Maneirismo:

movimento artístico que se desenvolve na Europa numa procura de valores clássicos e naturalistas num ponto alto da renascença Italiana. Os azulejos surgem com composições eruditas, com o início da padronagem de tapete; azulejos de padrão com composições geométricas ou vegetalista (destaque para a padronagem ponta de diamante) (Azulejo, M.N., s.d.b).

No último quartel do século XVI, na sequência da reforma da Igreja Católica surgem os painéis com temáticas religiosas. No livro, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha - Séculos XVI - XVII* (Machado, 1987a), obtêm-se estas ilações:

A ermida de S. Silvestre, padroeiro dos coxos e aleijados, que nela deixavam as muletas enquanto iam ao banho curativo, estava de pé e ao culto do último quartel do século XV junto a corrente das Águas Calidas ou às poças de água fumegante. Arruinada, terá sido soterrada na obra da Casa do Tesouro erguida por D. João V, junto à Igreja do Hospital de Nossa Senhora do Pópulo. Segundo o Pe. Miguel de Amorim, que lhe fez referência no trabalho já citado em nota, era uma capela de pequenas de pequenas dimensões, apresentava nicho revestido de azulejos antigos com abóboda redonda, tinha telhado de duas águas e revestimento azulejar hispano-árabe no interior. (...). Desde os fins do século XV que o azulejo está ligado à história das Caldas da Rainha. Igrejas antigas como as de S. Sebastião e de S. Silvestre tiveram superfícies interiores revestidas de azulejos, [...]. Mas foi no Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, depois chamado Hospital Real das Caldas, e na sua Igreja, que o azulejo, sobretudo durante os séculos XVII e XVIII, conduziu a uma fusão perfeita entre o decorativo e o arquitetónico (Machado, 1987b).

Na ermida de S. Sebastião, ao norte da atual Praça da República, (vulgo) Praça da Fruta, no interior são exibidos painéis em estilo historiado, do ciclo dos Mestres em pintura azul e branco pela qual representa a vida de S. Sebastião. Este santo medieval foi um dos primeiros mártires da Igreja Católica sendo conhecido como santo protetor de três grandes males da Humanidade: a fome, a peste e a guerra. A devoção a este santo expandiu-se por ação do rei D. Sebastião. A imagem do santo era levada pelas naus portuguesas na expansão marítima como símbolo de proteção.²¹

Machado J. Saavedra, apresenta um catálogo de quarenta e oito painéis de azulejos, desde o ano aproximado de 1500 a 1750, três séculos de história, que se encontram no Hospital Termal, Ermida de S. Sebastião e Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, foi concebida uma tabela que se pode consultar nos anexos como (Anexo I).

As Termas das Caldas da Rainha estariam na *moda*, expandindo o comércio local, nacional e internacional, provocado pela massificação abundante das procuras periódicas das populações migratórias, vindas dos grandes centros urbanos como Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto e estrangeiros. A estrada nacional de Lisboa-Porto tinha ponto de passagem, na *Praça da Fruta*, cativavam os viajantes, num ponto *quase* obrigatório à paragem. As Caldas da Rainha, com as termas, e a proximidade das praias como, Foz do Arelho, Salir do Porto e S. Martinho do Porto, nas épocas estivais, aumentou a procura de alojamento temporário. Com a chegada do caminho de ferro, foi o expoente máximo do desta procura e desenvolvimento local. O fenómeno urbano e construtivo das Caldas, dá-se nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Provavelmente a malha urbana na cidade teria até ao século XIX, um piso térreo, alterando os perfis dos edifícios com adaptações de mais pisos.

²¹ Museu da Olaria; http://www.museuolaria.pt/?ai1ec_event=s-sebastiao-devocao-regia-e-popular consulta em 16 de setembro de 2016

No livro, *100 datas que fizeram a história de Portugal* (Rabaçal, 2013), descreve-se referente ao ano de 1856, cinco anos após o período chamado da Regeneração:²²

Uma das alterações daí resultantes foi a chamada ‘revolução dos transportes’, cuja a importância foi decisiva para Portugal. Transportes mais velozes permitiram deslocações mais rápidas, facilitando a troca de bens, serviços, viagens de negócios e migrações. O comércio intensificou-se, o que por sua vez implicou a diversificação e crescimento das produções agropecuárias e industrial, bem como uma radical mudança de vida das pessoas, em termos privados, como um fim ou redução do isolamento das povoações, levando ao maior contacto entre as regiões. A introdução do comboio também beneficiou outros tipos de serviços e de indústrias, pois estimulou a construção civil, a extração de pedras, a instalação de negociantes na proximidade das estações ferroviárias, etc. Essa mudança tem como data simbólica do dia 28 de Outubro de 1856, quando foi inaugurada, na presença de D. Pedro V, a primeira linha de caminhos de ferro em Portugal, de Lisboa ao Carregado, sendo a distância abrangida de 36 quilómetros. Cem anos depois, o país possuía 3616 quilómetros de carril, dos quais 2153 foram construídos de 1856 a 1886 (Rabaçal, 2013).

O urbanismo, está associado às realizações produzidas durante a segunda metade do século XIX:

Formalmente constitui uma continuidade relativamente ao período barroco, mas é inovador, criando novas formas que se resolvem os problemas causados nas cidades pela industrialização. [...] A produção urbanística oitocentista caracteriza-se por uma continuidade na utilização de regras de composição de espaço barroco, e por uma vertente técnica, a criação de um conjunto de regras que controlam e regulam o crescimento das cidades. [...] introduzem-se algumas modificações no desenho das edificações. Um projeto de edifício passa promover um boa iluminação e arejamento dos seus espaços interiores. [...] As áreas centrais da cidade são ocupadas por comércio, serviços e bairros residenciais da alta burguesia. São introduzidos elementos morfológicos que correspondem ao ideal oitocentista tais como: jardins, parques, alamedas, passeios públicos, avenidas e boulevards. Em suma, a cidade dos finais do séc. XIX apresenta duas faces: de um lado os bairros operários com condições de vida precárias e do outro as áreas urbanas qualificadas onde reside a burguesia (Arq-Portuguesa, 2016)²³

Portugal não fugiu à regra de todos os movimentos artísticos e tendências estéticas, mesmo que tardiamente, em relação às influências do resto da Europa, por motivos geográficos, falta de influência económica e geopolítica. A *Art Nouveaux* ou Arte Nova, instala-se um pouco pelo país essencialmente nos centros urbanos. Os livros, *A Arte Nova nos Azulejos em Portugal* de Museu da Cidade de Aveiro (David e Graciete, 2011) e *Testemunho nas Paredes – Ensaio de Azulejaria* (Lopes, 2001) os autores

²² O golpe de 24 de Abril de 1851 será conhecido como regeneração, em parte por ter favorecido uma regeneração da classe política, em parte por ter por visar ‘regenerar’ o país mergulhado no atraso e decadência. O último objetivo só foi parcialmente atingido, o que é mais do que se pode dizer de inúmeros grandes projetos.

No outono de 1852, o chamado Partido Progressista divide-se em dois partidos, os Regeneradores e Históricos, levando ao surgimento do primeiro sistema bipartidário em Portugal (Rabaçal, 2013 p. 281)

²³ Fonte: <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/a-cidade-do-sec-xix/>; consultado em 03-01-2017

configuram, esta evidência sobre os movimentos arquitetónicos a nível nacional e a suas influências europeias. A nível de Caldas da Rainha existe um levantamento exaustivo dos azulejos de exterior existentes em murais e fachadas, resultado de uma investigação levada a cabo pela *Associação Património Histórico* (1993), pelo que foi publicado o livro *Paredes de Louça – Azulejos de fachada das Caldas da Rainha* (Gouveia e Silva, 1993). Do mesmo livro sabemos que em 1884, Rafael Bordalo Pinheiro, ao instalar-se com a fábrica de cerâmica:

Desta fábrica saíam tijolos, azulejos, peças decorativas, e mais tarde, sem muito sucesso, louça utilitária (Gouveia e Silva, 1993).

Rafael, quanto aos azulejos numa fase inicial:

[...] reproduz fielmente modelos hispano-mouriscos sevillhanos dos séculos XV e XVI, de gosto mudéjar e renascentista. Estas cópias, de excelente qualidade, encontram-se espalhadas por vários edifícios nas Caldas da Rainha. Ornamentam partes superiores de prédios, revestem fachadas e muros.

O azulejo Pé de Galo, numa versão incompleta – meio padrão – copia o modelo original que se encontra no Palácio da Pena. Foi utilizado no Bar do Pavilhão Português da Exposição Internacional de Paris em 1889. [...]. No limiar do século, e depois de uma estadia em Paris em 1889, Bordalo Pinheiro deixa-se fascinar pelas linhas sinuosas da Art Nouveaux e transporta-as sobretudo para os azulejos. [...]. O espírito exuberante e o génio artístico, aliados a uma técnica que conseguiu produzir vidrados metalizados, que refletiram brilhos irisados, fazem destes azulejos um marco no panorama de azulejaria portuguesa. Podemos ver exemplares nos jardins do Museu de Cerâmica e na fábrica das Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro.

Curiosas são também as tabuletas de azulejos verdes escuros que publicitam lojas. Nas Caldas, ainda se pode ver na Praça da República um destes magníficos exemplos (por entre placards de anúncios que quase o escondem) e que se publicita a Nova Padaria Taboense (Gouveia e Silva, 1993).

Os autores continuam no livro *Paredes de Louça* num rol discricionário com todas as manifestações, pela qual as paredes da cidade são adornadas com os vários estilos de azulejaria.

4. O ensino, a economia e o social na cerâmica caldense

Neste capítulo vamos responder a estas três questões da rede de Cidades Criativas da UNESCO:

II - Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?

III - Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?

IV - Produção contemporânea de artesanato e arte popular?

A história continua transversal nas respostas a estas questões, é a *arquitrave do edifício (Cerâmica das Caldas da Rainha) apoiada pelos pilares social, cultural e económico* (tabela 1, p. 1).

4.1. II - Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?

O investigador João Bonifácio Serra, na sua obra *Arte e Indústria na Cerâmica Caldense*, refere:

[...] a 1853, A.C.S. de Macedo registava a existência nas Caldas, de 20 oficinas de louça. [...] no total, 38 operários, o que diz bem da exígua dimensão média de cada uma delas.

Uma fonte de 1868 (citada por A. S. Lopes) refere, apesar de transcorridos 15 anos, números semelhantes: 23 unidades. Descrimina, porém, as fábricas das olarias. Aquelas seriam 15: 10 de louça ordinária e 5 de louça vidrada (Serra J., 1991a).

Evoluindo na pesquisa, verificamos na mesma investigação, o autor refere, que no ano de 1881 e por força de um inquérito relativo à situação industrial do país, os inquiridores teriam relatado três unidades fabris da cerâmica caldense:

[...] Alves da Cunha, Francisco de Sousa e Manuel Gomes Mafra.

Em primeiro lugar, salientam que as fábricas de louça das Caldas atravessam um bom momento, em termos de vendas. Elas experimentariam até uma certa dificuldade em dar satisfação a uma procura crescente.

Tal dificuldade teria origem nas limitações de mercado de capitais e de insuperáveis obstáculos no acesso ao crédito (Serra J., 1991b).

Haveria a necessidade de investimento em tecnologia e formação especializada dos operários e proprietários, na melhoria da qualidade das peças produzidas e inovação no *design*. Segundo o mesmo relatório – ao *Palissy das Caldas* – estaria a ter sucesso no estrangeiro (Serra J., 1991). A necessidade de evolução em tecnologia e formação na área, constavam do relatório. No reflexo do mesmo — *Inquérito Industrial de 1881 foi o do ensino* — foram promovidas a nível nacional — 8 escolas de desenho industrial, uma das quais nas Caldas da Rainha.

A Escola de Desenho de Caldas da Rainha começava a elaborar em 1885, e passado 3 anos de funcionamento, foi elevada ao estatuto de Escola Industrial, mantendo à mesma a designação de Rainha D. Leonor (Serra J., 1991).

No livro editado pela ocasião da Exposição na Casa da Cultura de 22 de Julho a 30 de Setembro de 1990, cujo o tema foi sobre, *50 anos de Cerâmica Caldense 1930 — 1980*²⁴, editado pelo *Grupo dos Amigos do Museu de Cerâmica, Caldas da Rainha*, tem um capítulo — *A escola e a cerâmica nas Caldas* — traçando o perfil deste ensino que se instalou nas Caldas com cursos nas várias nas disciplinas de Aritmética, Geometria, Química Aplicada e Desenho:

²⁴ 50 anos de Cerâmica Caldense 1930 — 1980, editado pelo Grupo dos Amigos do Museu de Cerâmica, Caldas da Rainha; Pesquisa bibliográfica de Isabel Xavier, Dulce Soure, Paula Cândido, Luís Nuno Rodrigues e João B. Serra. Acervo da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha com o número (BMCR-48957).

Instalou-se na Escola um excelente laboratório químico e contrataram-se novos professores, como o químico austríaco Karl Von Bohorst, o alemão Hugo Richter e, mais tarde, o austríaco Joseph Fuller, (ensinavam os dois últimos pintura e desenho) (Cerâmica, 1990).

Todas as potencialidades de educação, formação profissional estavam no seu apogeu, havendo os cursos de cerâmica especializados nos passos importantes sobre a produção:

[...] louceiro-formista, oleiro, pintor-vidreiro e forneiro de louça.

Em 1888 o próprio Rafael Bordalo Pinheiro, diretor técnico da Fábrica de Faianças é regente de uma aula de pintor-vidreiro (Cerâmica, 1990).

Nasce uma forte relação entre as estruturas de ensino e produção. O investigador J. Serra descreve o intento da elevação da Escola Industrial, à categoria de *Escola Nacional de Cerâmica*, projeto defendido por Joaquim Vasconcelos:²⁵

Da fábrica das Caldas poderia partir o movimento de reforma: ali se poderiam estabelecer os grandes laboratórios-modelo que trabalhariam para todo o reino, continente, ilhas e colónias. Estude-se um plano de reorganização económica da empresa, de acordo com o Estado, e tome esta direção superior, com as necessárias garantias, traçando claramente o novo plano de trabalhos. (Serra J., 1987)

As crises e as reformas políticas, são sempre transformadoras de razões, e, ao logo do tempo, no livro dos *50 Anos de Cerâmica Caldense 1930 — 1980* (Cerâmica G. d., 1990a), podemos ler as várias modificações e adaptações do ensino técnico à época:

Depois da crise de 90 do século XIX esta Escola perde a relação privilegiada que tivera com o mundo fabril da cerâmica.

[...]. Em 1918, por decreto de Sidónio Pais, uma reforma do ensino técnico transforma-a em Escola de Artes e Ofícios, devendo manter estreita ligação com as cooperações industriais. A Fábrica Bordalo Pinheiro, criada em 1908, servia agora de oficina escolar.

[...]. A partir de 1919 a Escola passa a ser designada por Escola de Cerâmica Rafael Bordalo Pinheiro.

[...]. Em 1924 a Escola funde-se com a Escola Comercial, passando a denominar-se Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro. A Escola Comercial das Caldas fora fundada em 1919.

[...]. Em 1951, é publicada uma nova reforma do ensino técnico, tanto a nível de cursos industriais como de cursos comerciais. Passando então a funcionar na Escola Industrial e

²⁵ Joaquim Vasconcelos, (Porto, 1849-1936) foi um historiador e crítico de arte português. Foi, no dizer de José Augusto França, o real fundador da História da Arte em Portugal, entendida como ciência, com objecto e método próprios; fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_de_Vasconcelos consulta em 30-01-2016 ,J. Vasconcelos e a Valorização das Artes Industriais de Lúcia Maria Cardoso Rosas (Rosas, p.229 a 238); documento extraído da web; fonte: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5555.pdf> em 30-01-2016

Comercial Rafaela Bordalo Pinheiro, o curso de Formação Ceramista e o Curso Complementar de Aprendizagem. (Cerâmica, 1990b)

Esta última reforma, no ano anterior de 1950, foi antecedida de um relatório, contundente e pragmático, do *Conselho Permanente da Ação Educativa*, produzida pelo próprio *Diretor Geral do Ensino Técnico*, pelo qual podia ler-se:

Ora o curso de ceramista, dada a sua índole, terá sempre pequena frequência. Orientado para indústria local, de vida quase sempre difícil, sujeita a crises repetidas, não exerce sobre a população escolar forte atração. Nem convém estimular a frequência de muito para além dos limites modestos em que se tem mantido.

Segundo este relatório, — A escola diurna se destina nas atuais condições desta indústria — quer se entenda ao nível técnico de produção, quer aos salários pagos — a fornecer-lhes toda a mão de obra, mas somente — e após um período mais ou menos longo de adaptação profissional dos antigos alunos — o modelador, o desenhador, o encarregado da oficina ou do fabrico e até o pequeno industrial. Uma grande frequência conduziria facilmente à hiper-saturação do ambiente. Nem o glorioso Rafael Bordalo Pinheiro maior barrista das Caldas, logrou chamar ao ensino muitos discípulos (Cerâmica, 1990c).

O quadro III e quadro V, extraídos do mesmo livro (Cerâmica, 1990d), apresentados em baixo, demonstra o decréscimo na frequência nos cursos de Formação de Ceramista na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro:

MATRÍCULAS					
	1930/31	1932/33	1942/43	1943/44	1946/47
1º ano		21	14	30	24
2º ano		12	7	13	7
3º ano		3	4	7	8
4º ano		4	2	4	4
5º ano				2	2
Total	23	40	27	56	45

Tabela 3 - Quadro III (Cerâmica, 1990, p. 46)

MATRICULAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO CERAMISTA					
ANOS LETIVOS					
	1953/54	1956/57	1957/58	1961/58	1961/64
1º ano	2	1	1	1	
2º ano	6		5	2	
3º ano	8		5		

Total	16	1	11	3	4
--------------	-----------	----------	-----------	----------	----------

Tabela 4 - Quadro V (Cerâmica, 1990, p. 46)

Ao analisarmos as tabelas, poderíamos dizer que o setor da cerâmica artística estaria em *morte anunciada*, seguindo a cronologia, *Cerâmica das Caldas no século XX: uma cronologia* (Xavier et al. 2016), verificamos o contrário. A fábrica a SECLA (Sociedade de Exportação e Cerâmica Lda.), surge em 1947, com todo o vigor industrial, e visando um novo estilo de *loija das Caldas*, e de produção massificada para a exportação. Segundo o livro dos *50 anos da Cerâmica Caldense 1930 — 1980* indica uma diferente narrativa em relação à formação:

O curso de Formação Ceramista experimentou, em 1965, uma fase evolutiva, pois além do alargamento do respetivo plano de estudo, a sua frequência passou a ser extensiva ao sexo feminino. Também a oficina foi melhorada com o apetrechamento de novo material, equiparado na época ao de muitas fábricas de cerâmica.

Nessa fase, a Escola terá fornecido à cerâmica caldense uma interessante base de recrutamento. Alberto Pinto Ribeiro (Gazeta das Caldas, 9 de Setembro de 1965) confirmava que a SECLA recorria à Escola em busca de aprendizes com alguma preparação técnica e recomendava às fábricas de cerâmica que facilitassem estágios pagos, durante as férias, aos alunos e alunas do curso de Formação de Ceramistas e que orientassem esses estágios para a preparação de futuros operários (Cerâmica, 1990d).

4.1.1. A formação profissional altamente especializada na cerâmica

4.1.1.1. O CENCAL - Centro de Formação Profissional

No mês de Dezembro de 2016, o CENCAL – Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, comemorou o 35º aniversário. Criado nas Caldas da Rainha em 1981, por protocolo entre o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra (atual Instituto de Emprego e Formação Profissional – IEFP), a Associação Portuguesa dos Industriais de Cerâmica (atual Associação Portuguesa da Indústria Cerâmica – APICER) e a Associação dos Industriais da Região das Caldas da Rainha (atual Associação Industrial da Região do Oeste – AIRO):

[...] criar condições nesta cidade para a criação de um centro de formação profissional a exemplo do que outro sector havia feito em S. João da Madeira. Estava-se no início da década de 80, no momento em que se consolidava em Portugal a convicção de que o país iria aderir no futuro próximo à então CEE, onde uma das traves mestras da política de integração e de consolidação do Mercado Comum era a dimensão social, apoiada pelo FSE. (GC, 03-02-2017 JLAS)

Em 2008, o CENCAL criava uma delegação em Alcobaça: *para melhor apoiar as empresas cerâmicas daquele concelho e desenvolver atividades no âmbito das Novas Oportunidades.*

Em 2011: o CENCAL alargou a sua ação ao sector do vidro, com a integração das instalações do CRISFORM, na Marinha Grande. (Cencal/História.pt, pp. 06-02-2016)

Volvidas as três décadas e meia, o CENCAL tem na região um papel importantíssimo na formação profissional e no ensino nacional e internacional:

[...] as atividades formativas abriram portas nas atuais instalações em Outubro de 1985. Foi dada especial atenção às necessidades futuras das empresas, lançando-se em áreas inovadoras, especialmente no domínio das novas tecnologias, tendo o CENCAL beneficiado das novas diretrizes do país para a formação profissional resultantes da adesão de Portugal à então CEE, em 1986 (Cencal/História.pt, 2016).

O CENCAL, não é só formação, mas presta um serviço de laboratório à indústria. A Engenheira Helena Arroz, numa entrevista exploratória concedida para efeito deste trabalho, revelou-nos:

— No laboratório do CENCAL, prestávamos um serviço à cerâmica, primeiro lugar a cerâmica da região, às Caldas da Rainha e a Alcobaça, depois a todo o país, chegamos a fazer análises e testes, para as porcelanas da Vista Alegre, portanto nós servíamos todo o país.

Na generosa conversa, que evoluía sobre o tema do tratamento das pastas e dos vidrados, a Eng.^a Helena, revelava a visão e a investigação do Laboratório do CENCAL. O objetivo principal, investigar sobre a melhoria na qualidade dos produtos:

— Nas Caldas da Rainha, que é a minha terra, que eu gosto, gosto da cerâmica das Caldas, eu não confundo com os falos, (...) existe de facto a cerâmica das Caldas, aquela que chegou a todo o Mundo, a loiça de mesa das Caldas e, é isso que eu entendo como a cerâmica das Caldas. Eu tive sempre muita pena, por exemplo, que a Bordalo Pinheiro! (...) cheguei a ir lá conversar, com a administração, a tentar a pedir-lhes que entrassem num projeto para fazer estudos dos seus vidrados e pastas, sem alteração de cor, mas que fossem produzidas numa melhores garantia, quanto há porosidade da pasta e toxidade do vidro — chumbo que existia no vidro e que se libertava —, no uso e utilização doméstica da loiça. Tudo o que implicava, modificações para maiores de temperaturas de queimas, eles não queriam, porque isso implicava com um maior consumo energético. Tenho pena deste falhanço. Mais tarde tornou-se — ordem do dia — a questão do chumbo tanto na cerâmica como no vidro e cristal. Conseguimos simplificar os vidrados da Bordalo Pinheiro. Havia nessa altura! ..., era corrente dizer-se, que haviam toneladas de peças produzidas pela Bordalo de Pinheiro no fundo do mar! ..., ali perto de Nova Iorque, estariam imensos contentores no fundo, cheios de loiça, que não tinham sido aceites, por ultrapassar os limites impostos, quanto à libertação desta matéria. Então, as encomendas eram recusadas, as peças eram analisadas nos barcos, à sua entrada no porto eram negadas. Financeiramente era inviável os contentores retornarem à origem e daí o fundo do mar ser o destino. Uma das tarefas do CENCAL em 1985, um dos primeiros trabalhos e bem-sucedido, foi o de fazer vidrados e ajudar a Bordalo Pinheiro. Devolvendo as suas cores, os brilhos dos seus vidrados, cozidos à sua temperatura, mas sem chumbo, ou pelo menos com uma quantidade de chumbo que estivesse abaixo dos níveis

impostas pelas normas internacionais e neste caso na América que eram bastante exigentes. Depois na Europa e em todo o lado para onde fizessem exportações, era obrigatório um certificado de uma entidade certificadora, garantindo que as loiças estariam próprias para utilização e sem contaminação dos alimentos. Nós fazíamos esses testes, também nas formas de produção. Conseguimos devolver à Fábrica Bordalo Pinheiro as suas cores, os azuis, os verdes, os amarelos e os encarnados, que são cores muito bonitas, continuam a ser e, mas neste momento não têm chumbo, graças a Deus ... (Ascenso, 2016).

Nos Anexos (Anexo 2) está elaborada uma tabela com as atividades desta instituição de Formação.

4.1.1.2. A Escola Superior de Artes Design de Caldas da Rainha (ESAD.CR)

Num documento extraído da internet, com o título — *Elementos do processo de criação da Escola de Artes e Design das Caldas da Rainha* — (Serra J., 2000) — é esclarecedor quando ao aparecimento da Escola Superior.

Um processo político onde foi notário os interesses regionais:

Em princípios do ano de 1987, deliberou a Câmara Municipal da Caldas da Rainha formar um Grupo de Trabalho para acompanhar na formação de projetos relativos ao ensino superior a radicar na cidade (Serra J., 2000, p. 2).

Havia em 1986 um documento de trabalho produzido pela Comissão de Coordenação da Região de Lisboa a Vale do Tejo e dos Gabinetes de Apoio Técnico de Torres Vedras, Alenquer e Caldas da Rainha, para a criação de um Instituto Politécnico do Oeste, subscrito pelas edilidades envolventes, e justificada pela carência de equipamentos escolares, onde a taxa de abandono escolar era muito significativa e que faltava a amplitude do ensino técnico profissional. Neste documento previam-se a criação de três escolas superiores: — *uma Escola Superior Agrária (em Torres Vedras), uma Escola Superior de Educação e uma Escola Superior Artística (ambas em Caldas da Rainha). Nesta última estaria prevista dois cursos, um de escultura e outro de cerâmica.* — No final de Março de 1987 o grupo de trabalho agora (Comissão para a Educação e Cultura) apresentou junto do Ministério da Educação um documento pelo qual enumerava: — *Tanto as necessidades das empresas como a persistente tradição e experiência regionais no domínio das indústrias artísticas e bem assim as disponibilidades em equipamentos localmente verificadas, propunha a criação de uma unidade de ensino destinado à habilitação de quadro de nível superior nas vertentes artísticas, em especial do design, e tecnológica da cerâmica.*

A 27 de Outubro de 1988, o 10.º governo constitucional presidido por Cavaco Silva (Nunes; Capelo; Monteiro; Rodrigues; Torgal; Vitorino, 1994, p. 452) aprova a criação da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha. (Serra J. B., 2000, p. 2)

O Decreto-Lei²⁶ da criação da ESAD é explícito nos intuitos geradores:

São manifestas as necessidades de formação a nível superior sentidas pela indústria nacional no domínio da cerâmica, pelo que a criação da Escola Superior de Arte e Design de Caldas da Rainha constitui prolongamento e saída adequada a alunos habilitados com o curso técnico-profissional de cerâmica que se ministra nas Caldas da Rainha – na Escola Rafael Bordalo Pinheiro, no Porto – na Escola Secundária de Soares dos Reis – e em Lisboa na Escola António Arroio.

Em todo o distrito de Leiria existem várias indústrias que necessitam de um elevado conteúdo de design industrial e artístico. Entre estas indústrias destacam-se nomeadamente, as de matérias plásticas, produtos cerâmicos e moldes. (Serra J., 2000, p. 5)

No subcapítulo seguinte, é revelador a quantidade de artistas plásticos, designers, ceramistas e outras áreas de arte que passaram pela formação da ESAD.CR e o CENCAL e têm uma ligação nas suas obras com a cerâmica.

4.2. III - Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?

Consultando o *Portal da Cerâmica*²⁷, informa-nos dos vários subsectores que a indústria em Portugal abrange:

a cerâmica estrutural (telhas, tijolos e abobadilhas); pavimentos e revestimentos; louça sanitária; a cerâmica utilitária e decorativa (louça em porcelana, faiança, grés e barro comum); as cerâmicas especiais (isoladores e peças isolantes, cerâmica para usos técnicos, outros produtos cerâmicos não refratários e produtos cerâmicos refratários).

O *Portal*, baseando-se nos dados de 2011, acrescenta:

o sector é composto por 385 empresas, das quais 303 se encontram ativas. Estas empresas proporcionam emprego a 15.205 trabalhadores. O respetivo volume de negócios ascende a 923,5 milhões de euros e o valor acrescentado bruto corresponde a 338,8 milhões de euros.

Trata-se de um sector fortemente exportador que, em 2011, realizou vendas em 151 mercados internacionais. No contexto da União Europeia, e de acordo com os dados do Eurostat, em 2011 Portugal foi o maior produtor de cerâmica utilitária, com cerca de 103.000 toneladas produzidas e uma quota de 29,8% da produção total obtida. Em termos do comércio mundial de cerâmica utilitária e decorativa, e tendo como referência o ano de 2011, as exportações portuguesas de louça de uso doméstico em faiança ou barro fino, grés e barro comum representavam 9,3% do total das exportações mundiais, o que nos conferia o 2.º lugar no ranking mundial, só ultrapassados pela China. No que diz respeito às estatuetas e outros objetos de ornamentação, Portugal foi o 6.º exportador mundial em 2011, com uma quota de 1,6%. De referir ainda a louça de uso doméstico

²⁶ Decreto-Lei n.º 45/88 de 14 de dezembro, publicado no *Diário da República* de 14/12/1988. (Serra J. B., <http://www.cidadeimaginaria.org/cv/HistESAD.pdf>, 2000; p.5)

²⁷ Portal da Cerâmica: <http://www.ceramica.pt/setor.php> em 28-07-2017

em porcelana, onde Portugal foi o 14.º exportador mundial com 1,3% da respetiva quota. (Cerâmica P.)

O volume de negócios por localização geográfica (distrital) em 2011: Aveiro 59 %; Leiria 19 %; Lisboa 7 %; Coimbra 5 %; Braga 5 %; Porto 3 %; Santarém 2 %; outros 2%.

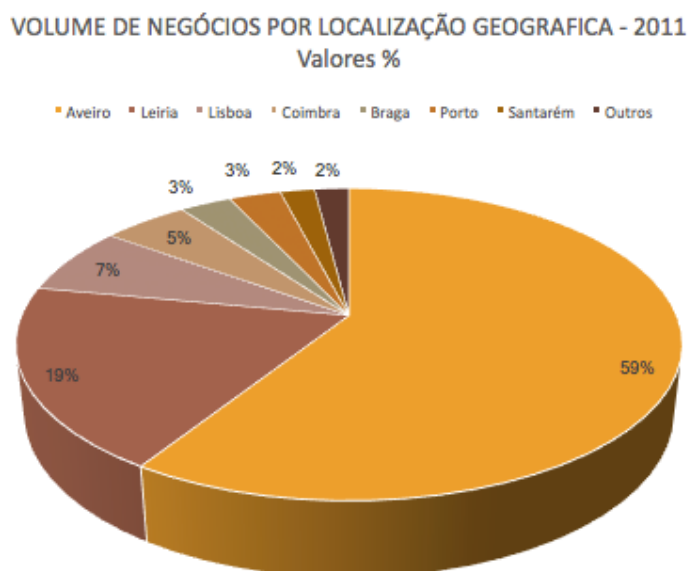


Tabela 5 - Fonte: APICER, a partir dos dados das Declarações Anuais IES entregues em 2012 (relativas a 2011)

Ao observarmos o distrito de Leiria, destaca-nos a cota de 19% de volume de negócios na área da cerâmica em 2011. No mesmo estudo da APICER (Associação Portuguesa da Indústria de Cerâmica) — *Capacitação da indústria da Cerâmica Portuguesa — Um cluster, uma estratégia, mercados prioritários Novembro (2016)*. Verificamos que nos dados de 2016 existe uma verdadeira ascensão das exportações em todos os subsectores da cerâmica desde 2011, quatro por cento, de evolução. O subsector que temos vindo a analisar, (cerâmica utilitária e decorativa) tem um aumento de sete por cento, nestes cinco anos de análise, sendo que em queda acentuada, o subsector da cerâmica especial de dezassete por cento, pode-se juntar ao fator da menor produção de isoladores de porcelana, devido alteração de materiais quando à distribuição de corrente elétrica de redes aéreas na Europa. A maioria das empresas deixou de utilizar a porcelana, como isolante e prefere o vidro, devido à facilidade operação na manutenção das redes em funcionamento. A porcelana é mais resistente às curvaturas de arco-voltaico, em média e altas tensões. Sendo o vidro menos resistente a este efeito, as fissuras provocadas pela ação do vetor força e das intempéries e de outros fenómenos, a superfície do isolador de vidro (parte). Toda a sequência de pesquisa de anomalias, manutenção e logística é facilitada.

Evolução das Exportações de Cerâmica Nacionais por Subsetor 2011-2015

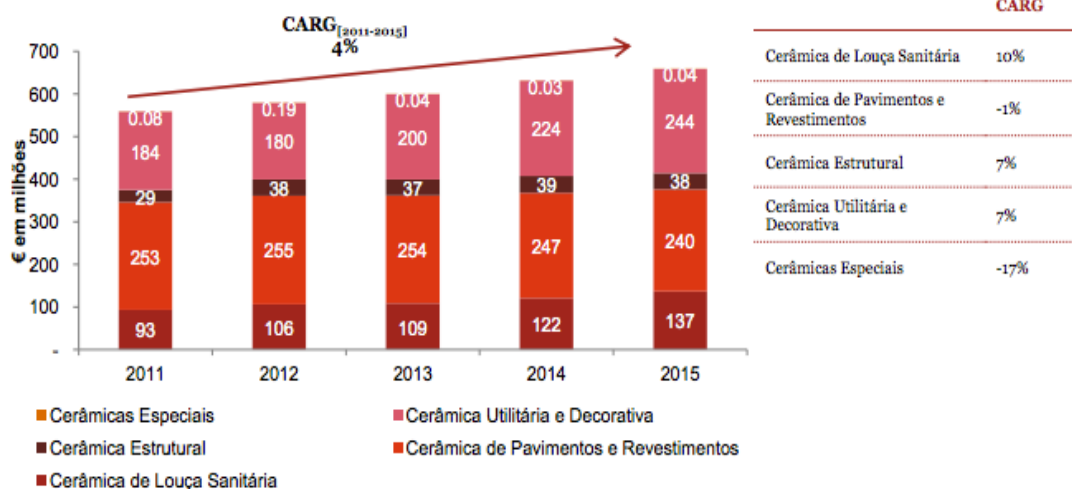


Tabela 6 - Evolução das exportações de Cerâmica Nacionais por Subsetor 2011-2015 Fonte: ITC e análise PwC

Acrescenta o mesmo relatório sobre o destino das exportações nacionais:

[...] constata-se que a Cerâmica de Louça Sanitária é exportada significativamente para os mercados europeus (77% do total das exportações de cerâmica em 2015), assim como sucede na Cerâmica de Pavimentos e Revestimentos e a Cerâmica Utilitária e Decorativa. No entanto nestes últimos, destaca-se o relevo de Angola e dos Estados Unidos da América, os quais absorveram em 2015 6% das exportações de pavimentos e revestimentos e 19% das exportações de Cerâmica Utilitária e Decorativa nacionais. O subsetor de Cerâmicas Especiais nacional é o que apresenta o menor volume de exportações, estando essencialmente destinadas para os países africanos (81% do total das exportações) (APICER, 2016).

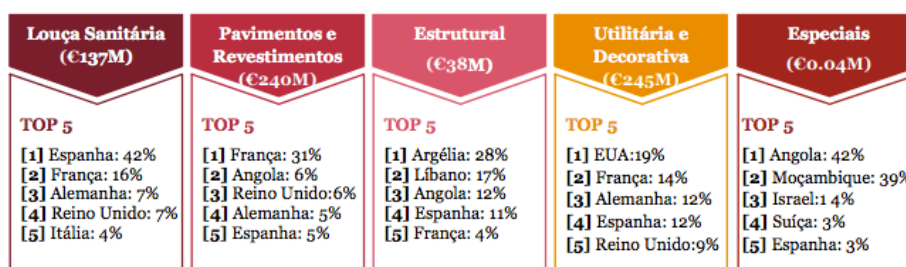


Tabela 7 - TOP 5 dos Países de Destino das Exportações da Cerâmica Nacional 2015

Numa forma de entendimento da dimensão mundial das exportações dos subsetores da cerâmica, extraiu-se um diagrama com o grau de exportações de cada país.

Louça Sanitária (€7.229M)	Pavimentos e Revestimentos (€18.260M)	Estrutural (€7.247M)	Utilitária e Decorativa (€13.608M)	Especiais (€4.782M)
TOP 5 [1] China: 58% [2] México: 6% [3] Alemanha: 4% [4] Itália: 3% [5] Turquia: 2%	TOP 5 [1] China: 41% [2] Itália: 20% [3] Espanha: 13% [4] Índia: 3% [5] Turquia: 2%	TOP 5 [1] China: 32% [2] Alemanha: 15% [3] EUA: 7% [4] Japão: 4% [5] Itália: 3%	TOP 5 [1] China: 68% [2] Alemanha: 4% [3] EUA: 2% [4] Reino Unido: 2% [5] Portugal: 2%	TOP 5 [1] Japão: 19% [2] EUA: 14% [3] Alemanha: 14% [4] China: 9% [5] Polónia: 4%

Tabela 8 - Síntese do TOP 5 de Exportadores por Subsetor de Cerâmica – 2015; Fonte: ITC e análise PwC

A cerâmica utilitária e decorativa, e continuando no estudo e analisado pela PwC Portugal (auditoria, consultoria e fiscalidade):

Cerâmica Utilitária e Decorativa em 2015	
	Responsável por 37% do volume de exportação de cerâmica nacional em 2015
	Número de colaboradores inferior à média do setor (10 colaboradores em média no subsetor, quando na indústria a média é de 14 colaboradores)
	Principais países de exportação em 2015: Espanha, Itália, Estados Unidos da América, França, Alemanha e Reino Unido
	Possui vantagem comparativa revelada na produção desta categoria cerâmica
	5º Fornecedor Mundial (2% das exportações do mundo em 2015).

Tabela 9 - Caracterização da Indústria de Cerâmica Nacional no subsetor - Utilitária Decorativa em 2015

4.2.1. O nexu do passado com o presente

É no setor de cerâmica utilitária e decorativa que Caldas se celebrou.

O jornal *Público*²⁸, em 07 de Janeiro do ano de 2000, publicava um artigo da jornalista *Luísa Oliveira*, com o título: *A outra louça das Caldas - SECLA*, narrando o histórico da *Sociedade de Exportação e Cerâmica Limitada*:

Corria o ano de 1944 e a II Guerra Mundial estava a terminar. Joaquim Alberto Pinto Ribeiro, que trabalhava no Hotel Aviz, em Lisboa, tinha aí conhecido o homem de negócios americano Clifford Furst, que pretendia exportar louça portuguesa para os Estados Unidos. Pinto Ribeiro interessou-se pela proposta e, nas Caldas da Rainha, adquiriu a antiga fábrica de cerâmica Mestre Francisco Elias, com o propósito de produzir louça das Caldas para venda nos mercados internacionais. Foi este o primeiro embrião da SECLA, uma unidade fabril ainda hoje activa, e que

²⁸ Fonte: <https://www.publico.pt/noticias/jornal/a-outra-louca-das-caldas-138358>; consulta em 22-02-2017

teve um papel fundamental na renovação do gosto, das formas e das técnicas de fabrico da cerâmica. E isto, principalmente, pela aposta na cerâmica de autor, recorrendo a ceramistas, pintores e escultores que, entre os anos 50 e 70, realizaram protótipos com o objetivo da produção em grande escala. O que era a louça das Caldas nesses longínquos anos do imediato pós-guerra, em que os Estados Unidos se preparavam para um boom económico e de consumo que iria envolver todo o mundo ocidental? Era aquilo que ainda hoje se pode perceber nas lojas da região para turistas: peças decoradas com motivos naturalistas, frequentemente em relevo e apenas com finalidade decorativa, herdeiras de uma tradição que encontra em Rafael Bordalo Pinheiro a sua figura maior. De tudo isto, a SECLA se fez um pouco eco, no seu início tanto mais que a produção era, nessa altura, totalmente manual, feita na roda ou por modelação. Mas a louça apenas decorativa não satisfazia as exigências do mercado norte-americano, que precisava, então, de peças utilitárias. A fábrica teve que se adaptar, tanto ao nível técnico como ao nível do gosto - que, já na época, obedecia a padrões internacionais modernos. Em 1948, a entrada de um operário vindo da Fábrica de Sacavém permitiu começar a produzir louça segundo os modelos industriais ingleses, decorada ou afeiçãoada já por artistas que se aproximavam do gosto moderno. A partir de 1950, criou-se um Estúdio SECLA, onde artistas desenvolviam peças de autor, em cerâmica, ao mesmo tempo que protótipos, frequentemente assinados, que podiam depois, caso fosse possível, ser reproduzidos para o mercado internacional. É sobre a produção feita neste estúdio, que durou cerca de vinte anos, que se debruça a exposição no Museu do Azulejo. A exposição, como é hábito no Museu do Azulejo, resultou de um trabalho de investigação realizado pela comissária, Helena Gonçalves Pinto. Foi possível recuperar muitas das obras realizadas no Estúdio SECLA, atribuí-las aos seus autores e na montagem que segue o critério cronológico está bem patente a evolução formal e técnica que os tempos foram permitindo - e que se nota, também, na escultura e na pintura das duas décadas consideradas, testemunhando, mais uma vez, que o design, ou melhor, as artes decorativas trazem para um público mais alargado os padrões das artes ditas maiores. A iniciativa de trazer artistas de certo renome para colaboração na SECLA deveu-se mais uma vez a Pinto Ribeiro e, provavelmente, à realização do Salão Nacional de Artes Decorativas, em 1949, que veio chamar a atenção para o sector (Público, 07-01-2000).

A SECLA chegou a ter três fábricas em funcionamento, todas em Caldas da Rainha, designadamente: a SECLA 1, perto da zona sul do Parque D. Carlos I, por detrás da escola primária; a SECLA 2, perto da primeira e paralela ao cemitério, e a SECLA 3, na zona industrial de Caldas.

No mesmo jornal *Público*, em 2008 dizia no primeiro parágrafo: — A SECLA, a maior e também a última das grandes fábricas de cerâmica (louça decorativa) das Caldas da Rainha, deverá fechar as suas portas no dia 30 de Junho devido a falta de encomendas (Cipriano, 2008).

No livro, *cerâmica das Caldas da Rainha no século XX: uma cronologia* (Xavier *et al.* 2016) extrai-se um número considerado de fábricas e empresas ligadas ao setor da cerâmica, que foram ativadas e desativadas ao longo do tempo:

FÁBRICA BORDALO PINHEIRO; FAIANÇA BELO; SECLA; TORIL; FAIANÇA SUBTIL; EUCLIDES – FAIANÇAS ARTÍSTICAS; OFICINA DE BARRO DE ÓBIDOS; BARRARTE; KERANGOL; FAÓBIDOS; PORSIL; JA – CERÂMICA DECORATIVA; CRUZ & CRISTINA; INDUPASTA; CERIVAL; OBIDARTE; CERÂMICA REIS; DECORÂMICA; CRISTAR; CART-EXPORT; MOLDE; MORLUI; BEVER; SOCEDAL; FAIAMOR; MICA; FATRATOR; FRANCISCO ORLANDO MENDES; F.G.; CERÂMICA VITORINO; MOLDIMOLDE; FAIOBIDOS; ARGILÓBIDOS; CERÂMICAS VALENTINO; CERAPONTE; ARTEZELE; CARLA CUNHA; LUÍS PIRES; FRAGOARTE; CERPATI; SOCIPORAL; FAIANÇA HIPÓLITO; LINHAS COMPLETAS; ARTUR MALDONADO FREITAS; PASTORET; LE FAUBOURG (EX-SUBTIL); CERÂMICA A. SANTOS; BRAZ GIL STUDIO); OLFAIRE - MENDES & NICOLAU.

Certamente haverá outras empresas omissas desta listagem, oficinas ou pequenos ateliês. Existem, no entanto, empresas de apoio à atividade da cerâmica como: *WWB-Cerapasta*, focalizada no comércio de pastas para a indústria; *Cristalcer*, de venda de produtos cerâmicos de retalho; *LC – Loja do Ceramista*, com comércios dos produtos para os ceramistas e com um serviço de forno. Na produção de série de grandes quantidades temos no concelho de Caldas da Rainha, a Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro, as Faianças Molde. SA e a BRAZ GIL studio.

Fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro:

A Fábrica de Faianças das Caldas, fundada a 30 de Junho de 1884, pelos dois irmãos Raphael e Feliciano Bordalo Pinheiro. Rafael Bordalo Pinheiro, fica responsável pela parte artística e técnica e o seu irmão Feliciano, pela parte organizacional.

Raphael também acompanhou a peculiar conceção arquitetónica das instalações que incluía um espaço destinado a escola de cerâmica, onde se lecionavam vários cursos da especialidade. A fábrica e depósito de vendas estavam envolvidas por um parque arborizado contendo duas nascentes de água e dois Barreiros e era decorado com as próprias cerâmicas de Raphael Bordallo Pinheiro.

Na fábrica de Raphael Bordallo Pinheiro foram criados centenas de modelos cerâmicos de criatividade ímpar, baseando-se nas tradições locais, nomeadamente na olaria caldense, adotando a fauna e a flora como inspiração decorativa. A sua produção cerâmica, especialmente pela sua qualidade artística, ganhou grande projeção e transformou-se num pólo de atração nacional e internacional. Bordallo modela também as personagens do quotidiano português com audácia e um notável sentido crítico e, nos seus azulejos, cria padrões com influências tão vastas quanto diversas: do Naturalismo ao Renascimento, passando pela Art Nouveau e pelo legado hispano-árabe.

Raphael Bordallo Pinheiro com ajuda da sua equipa de operários, produziu obras arrojadas, quer pelas dimensões, quer pela delicadeza dos pormenores. A Jarra Bethoven, que ultrapassa os 2,60m de altura, é um símbolo da exuberância e do talento do artista e encontra-se no Museu das Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Os vinte e um anos de produção de Raphael Bordallo Pinheiro (1884-1905) ficaram imortalizados na história da cerâmica caldense. Para tal, contribuiu não só a exuberância e criatividade das suas faianças, mas também o alto nível técnico atingido, principalmente ao nível da modelação e dos vidrados.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro faz da sua vida uma verdadeira missão pela salvaguarda da memória de seu pai, Raphael Bordallo Pinheiro. Continuador da sua obra, permitiu que esta tradição cerâmica chegasse aos nossos dias.

Após a morte de Manuel Gustavo, em 1920, um grupo de ilustres caldenses, juntamente com os operários deram continuidade à empresa e, após a grave crise de 2008, é adquirida pelo Grupo Visabeira que lhe assegura a continuidade produtiva e histórica²⁹.

Os reflexos da globalização, e a contínua oferta de novos produtos capazes de conquistar mercados no setor da cerâmica de utilidade e decoração, obriga a um pensado plano de estratégia. A aposta tem sido no Design, e daí Portugal ter conseguido a 5^a posição mundial no setor.

A estratégia da produção Bordallo Pinheiro aposta no mesmo legado do mestre, mas desafiam outros designers e outros artistas, a criarem sob a sua influência. Desde os motivos sobre a *sardinha* até peças de cariz decorativo e utilitário. Nessa aposta contam-se oitenta designers:

Adriana Barreto; Alberto Faria; Ana Catarina Pinto; Ana F. Borges; Ana Gil e António Caetano; Ana Gomes; Ana Lisa Luças; Ana Miranda; Ana Sofia Gonçalves; António Antunes; António Segurado; Arianne Amores; Barrão; Bela Silva; Boligán Corbo; Caetano de Almeida; Cássio Loredano; Catarina Pestana; Cláudia Abrantes; Delfim Ruas; Efrain Almeida; Elena Ospina; Elsa Rebelo; Erika Verzutti; Estela Sokol; Fábio Carvalho; Fernando Brízio; Filipa Oliveira; Frederico Lencastre; Frida Baranek; Henrique Cayatte; Inês Gomes Ferreira; Isabel Colher; Isabela Capeto; Javier Carbajo e Sara Rojo; Joana Vasconcelos; José Feitor; Kap (Jaume Capdevila); Laerte Ramos; Lia Cardoso e Luiz Miguel Pedroso; Luíz Felipe Ziul; Manuel Vieira; Marcos Chaves; Marcos Miller; Maria Lynch; Maria Miguel; Marilena Nardi; Marlena Pohle; Martha Medeiros; Martin Jarrie; Miguel Amaral; Nelson Henriques; Nuno Miguel Martins; Nuno Saraiva; Olga Shtonda; Omar Alberto Figueiroa Turcios; Patrícia Pereira; Paulo Galindro; Raquel Krügel; Regina Silveira; Roger Hespanhol; Rui Fazenda; Saint Clair Cemin; Sara Infante; Sérgio Ramognolo; Sofia Fischer; Susana Lai; Susanne Themnitz; Teresa Esgaio; Tiago Carneiro da Cunha; Tiago Tsou; Tónico Lemos; Tunga; Vera Valentim; Vik Muniz e Yuichi Fukuda (Pinheiro, 2017).

²⁹ Fonte: <https://pt.bordallopinheiro.com/bordallo-pinheiro?fullview=true>; consultado em 22-02-2017

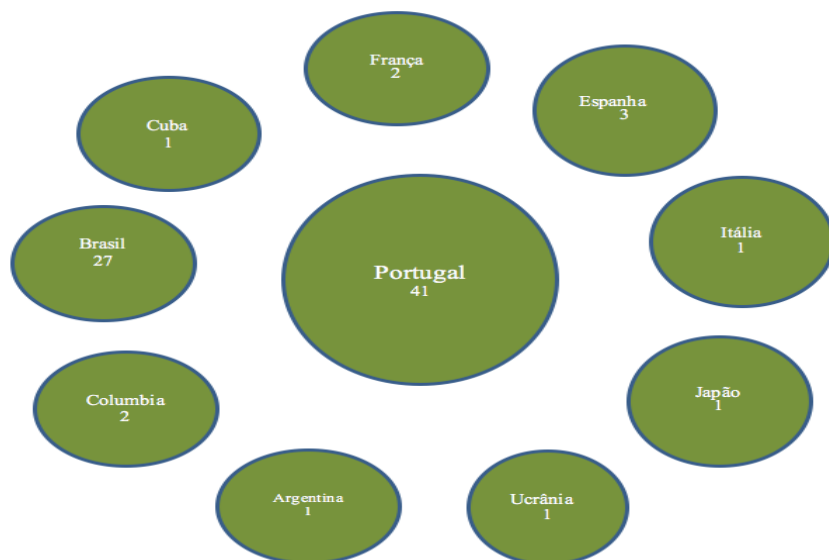


Tabela 10 - Distribuição de designers por países

Este conjunto de designers procedem de dez nações, sendo bem esclarecedor da importância do artista Bordalo Pinheiro e seu legado deixado a nível nacional e internacional.

Sobre o produto *Sardinha de Bordalo*, desde 2003 que as *Festas de Lisboa/EGEAC* fizeram uma parceria:

A coleção Sardinha by Bordallo Pinheiro resulta da colaboração entre a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, fundada em 1884 por Raphael Bordallo Pinheiro, e a EGEAC / Câmara Municipal de Lisboa. A Sardinha original de Bordallo Pinheiro, pela sua natureza clássica e tridimensional, transformou-se no suporte ideal para receber o trabalho criativo que as Festas de Lisboa/EGEAC desenvolvem desde 2003, e que tem atribuído à Sardinha o estatuto de ícone da cidade. (Pinheiro, 2017).

O site esclarece, que a coleção *Sardinha by Bordallo Pinheiro* é revisada anualmente e inserindo novos modelos de ilustrações e descontinuando outras, desafiando deste modo os colecionadores. Não é só nas *sardinhas* que o desafio é feito, mas com obras escultóricas e utilitárias produzidas com a mestria da produção da fábrica. Paula Rego, foi a artista que criou este ano de 2017, a obra intitulada, *Figo*, inspirada nos anos 60, numa escultura têxtil da pintora (GC., 2017).

A caldense Elsa Rebelo, é tida nesta listagem de designers, é a diretora artística das Faianças B. Pinheiro, antiga aluna da ESAD.CR:

Num total de 211 trabalhadores — mais 39 do que em 2016 — os planos de crescimento da marca passam também por expandir as próprias instalações. “Atualmente a fábrica tem nove mil metros quadrados e o objetivo é passar a ter 12 mil num único piso térreo, mais fluido, em janeiro de 2019”, diz Tiago Mendes, diretor de produção (OBSERVADOR, 2017).

Faianças Molde. SA:

A *MOLDE*³⁰, Fundada em 1988 e localizada em Caldas da Rainha, continua no seu processo de fabrico de louça utilitária e decorativa. Mantendo um laboratório de investigação, modelação e produção de grés e faiança. Em 2004, ampliou a produção a azulejos e, em 2006, iniciou o projeto *Turismo Industrial*, proporcionando visitas turísticas à área de fabrico.

Em Fevereiro de 2015 deflagrou um incêndio no armazém, o órgão de informação, *SIC NOTÍCIAS*, sob a fonte da agência *LUSA* informava assim:

Os 110 postos de trabalho da fábrica de Faianças Molde, nas Caldas da Rainha, onde hoje de madrugada deflagrou um incêndio, não estão em causa, garantiu o administrador, Joaquim Beato. (...) — Vamos reunir com os trabalhadores para avaliar a situação, mas os postos de trabalho não estão em causa e vamos contar com a ajuda de todos para pôr a fábrica a funcionar o mais rapidamente possível, disse à Lusa Joaquim Beato, administrador da fábrica de faianças ‘Molde’ (SIC Notícias/Lusa 27-02-2017). No âmbito da Molda 2016³¹ decorreu uma exposição da cerâmica industrial da fábrica da Molde, no Centro de Artes, que se realizou entre 28 de Outubro e 29 de Janeiro, extraímos do folheto da exposição:

Esta exposição, com curadoria de Carla Lobo, apresenta algumas das peças mais representativas da história da Molde Faianças, desde a sua fundação, em 8 de Junho 1988, até à actualidade. O ponto de partida é formado pelo acervo de peças adquirido pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha, que corresponde sensivelmente aos primeiros 17 anos de laboração da fábrica.

A Molde Faianças, iniciou a sua actividade estrategicamente direccionada para produtos cerâmicos diferenciados e de alta qualidade. Produzia peças em faiança, grés e terracota. Foi pioneira na abordagem à terracota, com os seus produtos distintos dos fabricos tradicionais marcados pela rusticidade. Em 2004, iniciou a investigação técnica e artística que viabilizou a produção de azulejos, designada por Azulejo XXI. Em 2006, a empresa abraçou o projecto Turismo Industrial, que promove a divulgação da fábrica e do processo produtivo através de visitas guiadas às instalações fabris, aproximando público consumidor e empresa.

A reorientação estratégica da Molde, operada na década de 2000 a 2010, em resposta às alterações dos mercados, levou a empresa a focar a sua produção de louça no grés, diminuindo gradualmente a produção de produtos em terracota, até à sua extinção, mantendo porém no grés todas as características que diferenciavam a sua produção em terracota. Nesse domínio é uma empresa de amplo reconhecimento internacional.

Segundo o *site*, da fábrica Molde Faianças³², produz em média, 1 500 000 (peças), com distribuição de vendas, com 55% para os mercados de EUA e Canada, a Europa com 40% e os restantes países e com 5%.

³⁰ Molde Faianças S.A. Fonte: <http://www.molde.pt/empresa.html> consultado em 27-02-2017

³¹ MOLDA é uma bienal integrada no programa *Caldas da Rainha Cidade Cerâmica*, é um programa que valoriza as múltiplas vertentes da atividade cerâmica numa cidade que a desenvolve desde a sua origem, há mais de cinco séculos.

³² <http://molde.pt/>; consultado em 05-06-2017

Extraímos do livro, *Molde – Uma colecção industrial da Molde Faianças*, dos primeiros 17 anos aos 25 de existência, os designers:

*Gustav Kristensson, Filipe Alarcão, Camila Christensen, Lindley Ashford, Ken Cornet, Barbara Eigen, Anders Arhoj, Eduardo Nery e Carla Lobo*³³ (Lobo *et al.*, 2016)

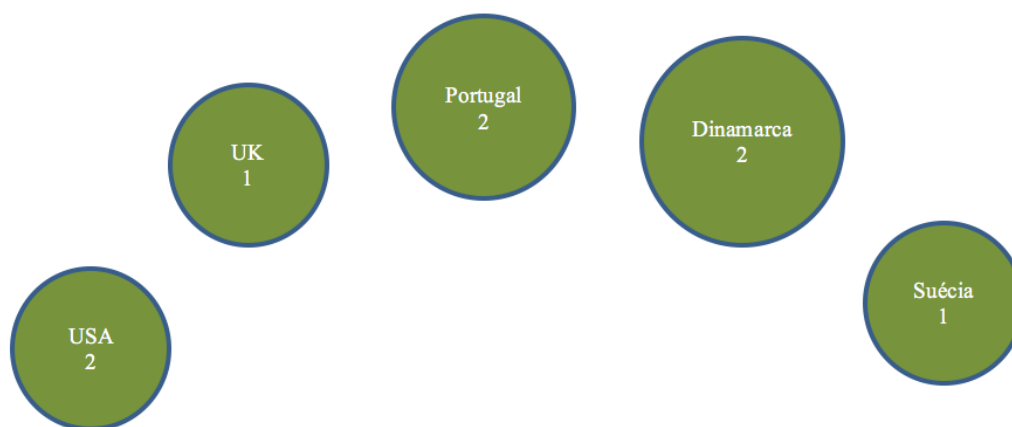


Tabela 11 - Distribuição dos Designers por países.

No contexto da bienal *Molda*, Carla Lobo, coordena o projeto de revestimento azulejar de fachada, desenvolvido no âmbito do Curso de Design de Produto – Cerâmica Vidro da ESAD.CR, para duas empenas de edifícios da Praça da República (vulgo Praça da Fruta). Os autores representados são:

Margarida Moreira; Beatriz Pereira; Carolina Canas; Inês San Payo; Mariana Montês (Molda, 2016).

A fábrica Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro, associou-se ao projeto.

BRAZ GIL studio:

A *BRAZ GIL studio*, na entrevista exploratória, cedida por Joaquim Braz Gil, na azafama do embalamento de uma encomenda com os seus colaboradores:

— *A Braz Gil, é um projeto ligado à porcelana há mais de 30 anos, apostando nos produtos de excelência. Um projeto familiar de manufatura da porcelana e já vamos na terceira geração de futuros ceramistas. Além de eu ter a responsabilidade do Design, o meu filho Paulo Gil é um ótimo criador e designer. Colaboramos também com outros designers conforme as encomendas. Neste momento temos 18 colaboradores* (Ascenso, 2017).

No *site*³⁴ da empresa revelam quando é que se vocacionaram para a especialidade de trabalhos de porcelana de prestígio:

³³ Carla Lobo estudou Design de Equipamento na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, cidade onde vive e trabalha. Doutorada em Design, e Mestre em Cor na Arquitetura, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Professora Adjunta na ESAD CR do Instituto Politécnico de Leiria, nas áreas do Projeto e da Cor. Coordenadora do Curso de Design de Produto – Cerâmica e Vidro, e membro da respetiva Comissão Científico-pedagógica; fonte: <http://molda.org.pt/>; consultado em 05-06-2017.

³⁴ <https://brazgil.pt/world-of-braz-gil>; consultado em 06-08-2017

[...] a criação de peças de prestígio, originou a colaboração com diversas entidades culturais, nomeadamente o IPPAR, o ICEP e o Instituto Português de Museus, tanto ao nível de reproduções para museus e palácios como da manufatura de peças originais, em colaboração com designers nacionais e estrangeiros (studio, 2017).

Em análise preliminar, verificamos que estes polos fabris mantêm-se no mercado concorrencial, por aposta na inovação em linhas de produtos e numa maior especialização e na qualidade das produções com a estreita colaboração de designers e outros artistas plásticos.

A *Bordalo Pinheiro*, preservando o legado do fundador, desafia outros autores, nas criações de modelos originais. *Instiga* os potenciais compradores e colecionadores, com coleções em originais e descontinuando as mesmas.

A *Molde*, com inovação no designer, torna os produtos mais atrativos e utilitários. A mudança de pasta de *baixo fogo*, para pasta (grés) com cozeduras superiores a 1230°, tranquiliza o comprador, com um produto de maior resistência, de linhas sólidas e qualidade na utilização.

A *Braz Gil studio*, aposta na excelência do produto acabado. A porcelana (*sempre branca*) como opção e sendo um material peculiar no manuseamento e cuidados de preparação:

O seu principal inimigo são as impurezas de óxido de ferro, que alteram por completo a sua cor. Por esse motivo no momento de trabalhar esta pasta deve-se ser muito rigoroso quanto à limpeza do atelier, qualquer impureza de outras argilas ou sujidade pode estragar um trabalho (Frigola, 2006).

Entrevistámos dois dos responsáveis da modelação da antiga fábrica de porcelana decorativa na Cela-Nova de Alcobaça, *PORART*, Antero Cerol e Pedro Beja. Antero, fora antigo colega de Joaquim Braz Gil, na *SPAL* e sócio da *PORART*. A *SPAL (Porcelanas de Alcobaça)*, cujo a licença industrial para a produção de porcelana, foi adquirida à fábrica da *Cerâmica Bombarralense*, depois de um fatídico incêndio que a destruiu e aniquilou a esperança da renovação do seu proprietário *Jorge de Almeida Monteiro*³⁵ e a histórica fábrica *Vista Alegre*. Estas duas fábricas formaram os sócios da então *PORART*. *Antero Cerol*, antigo chefe de manutenção da *SPAL*, lidera a departamento de modelação e *Pedro Beja* formado na antiga cerâmica *ALFAL*, nos Ganihos – Aljubarrota. *Pedro Beja* quando questionado sobre se os moldes da faiança dariam para a porcelana?

— *Os moldes para a porcelana são calculados de modo diferente temos que fazer as contas e descontar sempre 17% na sua forma e as curvas (contornos) deverão ter uma inclinação de forma que as peças não desmoronem a quando da cozedura a 1300°, quando se encontram em fusão*

³⁵ A Cerâmica Bombarralense Lda. surgiu em 1944. Dedicou-se à faiança, produzindo louça decorativa e azulejo.

A fábrica foi também local de encontro artístico e político. Júlio Pomar e Alice Jorge, Vasco Pereira da Conceição e Maria Barreira, David de Sousa, Stella de Brito e Hernâni Lopes, são alguns dos que o frequentam. O ambiente cultural e estético era vincado pelo neorealismo. Na década de 50, António Dias Coelho faz experiências de cerâmica na Bombarralense. Foi nela também que, em 1944, o jovem pintor de cerâmica Ferreira da Silva, vindo de Coimbra aos 16 anos, principiou a sua carreira.

Em 1954, a Cerâmica Bombarralense fechou, na sequência de um incêndio que a apanhou descapitalizada. Almeida Monteiro monta uma oficina para os seus trabalhos de cerâmica, gravura e cobre martelado que funcionará até 1974. Recebe encomendas de painéis decorativos para diversas empresas. Fonte: <http://cidadeimaginaria.org/> consultado em 03-03-2017

(Ascenso, 2016).

Antero Cerol, quando questionado porque a *PORART* investiria tanto em peças de miniaturas, respondera:

— *Nós cozíamos a gaz, a temperatura do forno tinha que aumentar gradualmente e estabilizar, não podíamos estar sujeitos a grandes variações de temperatura para que as peças se mantivessem em fusão, sem desequilibrar a sua estrutura. As miniaturas eram para ocupar os espaços vazios, entre as peças maiores e ter assim rendimento na cozedura* (Ascenso, 2016).

Os fornos a gás, garantem o maior controlo de temperatura nas *queimas*. A distribuição de corrente elétrica sofre nas redes muitas variações de oscilações nas *ondas de tensão* devido há diversidade de perfis de consumo.

Carlos Enxuto, um ceramista de autor caldense, que falaremos no próximo subcapítulo, convidou para assistirmos à elaboração de terrinas em porcelana, por método antigo de prensagem, a pressão dos dedos sobre o molde: A pasta depois de passar por um processo de alongamento, através de um *laminador*, com a espessura calculada a prever a contração da pasta. A lastra é estendida sobre o molde e com destreza e pressão cuidada, os dedos que percorrem o molde ajeitando a lastra de forma que a estenda sem que porventura possa existir bolsas de ar descuidadas. Numa ação contínua, via-se a olhos nus o material a contrair.

Ao longo dos 532 anos, desde 1485 a 2017, falar de todos os artistas que passaram pela cerâmica nas Caldas da Rainha, não será um feito impossível de investigar, mas certamente daria um relatório muito extenso e omisso nas faltas de provas de algumas personagens.

Em Julho de 1989, o Museu José Malhoa, dirigido pela conservadora, *Matilde Tomaz do Couto*, por ocasião da apresentação da *IV Exposição dos Artistas Caldenses*, editou um catálogo *Artistas Caldenses*, num dos prelúdios o escultor *António Duarte* escreveu:

As Caldas têm grande tradição como centro de produção industrial de cerâmica artística de aplicação decorativa e utilitária.

O Problema é saber se há preocupações de continuidade nos motivos tradicionais naturalistas em novas soluções formais, ou se trabalha na procura de uma cerâmica de produção desenraizada, similar a produtos estéticos dos quaisquer outros centros sem passado cultural nessa bela arte do fogo. (Malhoa, 1989)

A SECLA, era das fábricas de faianças que tinham uma produção mais mecanizada, faziam milhares de peças, correndo o risco de muitas peças no design formas similares com outras concorrentes. A procura de mercados internacionais em especial os Estados Unidos e nórdicos, levou a SECLA a apostar na inovação e originalidade, contratou artistas de renome que deram novas linhas de design.

(...) Hansi Staël, que vivia em Portugal, e que a partir de 1954 passou a dirigir artisticamente a produção da fábrica. Na exposição, mostra-se um núcleo de peças suas já de uma elegância indiscutível, quer na decoração, feita a partir de tipos populares ou vegetais estilizados, quer nas formas, sóbrias e funcionais. Numa taça, nomeadamente, transforma a sua forma habitual pela

simples pressão na pasta mole, ao mesmo tempo que limita a decoração a vidrados escorridos e ao desenho, no interior, de uma espiral. Ainda destes primeiros anos do Estúdio é de assinalar a contribuição de Ferreira da Silva, conhecedor e admirador da arte sua contemporânea, também ele, como Pinto Ribeiro, sócio da SECLA. Outros artistas de relevo, de que a exposição dá conta, foram Thomaz de Mello (Tom), de que se mostram peças diversas, algumas de inspiração abstracta, outras refletindo sobre a tradição da cerâmica popular caldense, e o casal Júlio Pomar e Alice Jorge: o primeiro, à época, já destacada figura do neorealismo, onde a arte tentava a resistência às normas oficiais; a segunda com obra de gravadora e pintora, cujas peças aqui apresentadas denotam uma atenção particular às técnicas. De Pomar, saliente-se a Garrafa (1957) onde a própria forma do objecto acompanha a forma feminina pintada. Maria Antónia Parâmos, José Aurélio e António Quadros continuam esta linha. Aurélio, escultor, revela uma atenção às possibilidades plásticas do barro que não se encontra naturalmente em António Quadros, pintor. Do primeiro, mostram-se, entre outras, jóias e duas pequenas esculturas plenas de inventividade e humor; do segundo, peças de um serviço que fez para o casamento de José Aurélio, onde cada peça é decorada com um pequeno poema relativo ao seu uso ou ao tema do amor; e também pratos decorativos onde é possível detectar o conhecimento da obra cerâmica de Picasso, por exemplo, ou o ensaio de um retorno a um certo primitivismo da arte cerâmica. De Luís Ferreira da Silva, que trabalhou na SECLA já nos anos 60, há uma tentativa de inovação formal e técnica mais evidente, que inclui, por exemplo, a inclusão de desperdícios, de cacos partidos nas suas obras. São dele também alguns dos azulejos patentes na exposição. Nestes últimos anos do Estúdio SECLA, há uma atenção cada vez maior à matéria, aos sinais evidentes da cozedura e à forma, que acompanham o interesse pela abstracção nas demais artes deste período. Herculano Elias, o próprio Joaquim Alberto Pinto Ribeiro, Miria Toivola Câmara Leme, José Santa-Bárbara, Leonore Davis e Ian Hird são os últimos artistas deste período representados na exposição. Depois da sua passagem pelas Caldas da Rainha, a SECLA orientou-se exclusivamente para a produção em série. Mas a experiência do Estúdio ficou como um marco na história da cerâmica portuguesa (Público, 07-01-2000).

Neste artigo do Público ficam omissos alguns artistas entre os quais: *Querubim Lapa, Eduardo Nery e Francisco Jorge Furriel*. O mesmo jornal Público, notícia a morte: *Querubim Lapa, o pintor que se escondia atrás da cerâmica (Público, 2-05-2016)*³⁶. A Gazeta das Caldas, notícia: *Morreu Eduardo Nery, um mestre da arte pública (G.C, 8-03-2013)*³⁷, *Francisco Jorge Furriel*, é noticiada a sua morte na Gazeta da Caldas em Janeiro de 2014: *faleceu no passado fim de semana, o ceramista Francisco Jorge Furriel, aos 88 anos (G.C, 24-01-2014)*.³⁸

Ferreira da Silva — *João B. Serra*, na sua página da web, *Cidade Imaginária, Ferreira da Silva -*

³⁶ Fonte: <https://www.publico.pt/2016/05/02/culturaipilon/noticia/morreu-querubim-lapa-o-pintor-que-se-escondia-atras-da-ceramica-1730783>; consultado em 05-03-2017

³⁷ <http://gazetacaldas.com/sociedade/morreu-eduardo-neri-um-mestre-da-arte-publica-2>; consultado em 05-03-2017

³⁸ Fonte: <http://gazetacaldas.com/sociedade/francisco-jorge-furriel-1925-2014/>; consultado em 05-03-2017

*biografia breve e nota bibliográfica*³⁹, define o caráter do artista desde a sua natividade em 1928 no Porto, até 2006.

O *Jornal das Caldas* considera o ceramista: *Ferreira da Silva* é o maior *ceramista* português dos nossos tempos (J.C, 24-07-2015). O mesmo jornal, noticiava passado dois anos, a sua morte: *Morreu nas Caldas da Rainha o mestre Ferreira da Silva, vítima de doença prolongada. Encontrava-se debilitado já há algum tempo, vindo a falecer no Montepio* (J.C, 08-03-2016).

O Dr. ^o *Fernando Costa*, antigo Presidente da Câmara Municipal de Caldas da Rainha (1986 / 2014), fala-nos numa entrevista exploratória sobre *Ferreira da Silva*, semana após a sua morte descrevendo o papel que o Município teve no apoio ao artista:

— *No caso de Ferreira da Silva, era um grande criador ... há 15 anos começamos a pensar na importância do Ferreira da Silva, e tivemos duas orientações a pensar na construção de um grande museu de cerâmica onde Ferreira da Silva terá um lugar importante, houve na ideia, que ele não gostava, não era a favor de ter a sua casa museu, nem de ter um museu com o seu nome, mas ele no final da década de 2000, consegui-o convencer para esta ideia. Ele ainda desenhou há uns desenhos na Câmara, que seria a ampliação do CENCAL, onde seria construído o museu dele. É certo que ele preferia que ao fazer-se algum museu em que ele fosse referência seria na SECLA antiga, onde ele trabalhou. Havia lá um espaço na SECLA antiga, a que ele chamava o curral, que era a área onde ele trabalhava mais. A outra orientação, foi que ele gostava de construir, e não é por acaso que ele nos últimos anos da vida trabalhou sobretudo em grandes peças de ar-livre. Ao mesmo tempo fizemos vários contratos nos últimos 10 anos para produções específicas, por um lado, e por outro lado, adquiriríamos um conjunto de património que ele tinha de exposições em várias partes do país. Nesse quadro de trabalho que lhe demos nos últimos dez anos de contratos, este painel⁴⁰ por exemplo, resulta desse trabalho. Há outro painel do género deste na Associação de Municípios, muito bonito, aliás dois, também foram feitos neste contrato e que são da Câmara e, pela importância com a nossa perspectiva que o Ferreira da Silva ia adquirindo, no trabalho cerâmico, mas ele também trabalhou com ferro, com vidro, com madeira, trabalhou com todos os matérias, mas especialmente com a cerâmica. Eu não tinha dúvidas que, Ferreira da Silva será um dos grandes nomes da arte do século XX em Portugal e por isso procurei que ele trabalhasse o mais possível nas Caldas, e para as Caldas, na perspectiva que a sua obra ficasse a marcar as Caldas. Com modéstia, e as devidas distâncias, se Barcelona teve um grande ceramista e um grande arquiteto, que se chama Gaudí, eu acho que as Caldas têm um grande ceramista e, ele além de*

³⁹ Fonte: <http://www.cidadeimaginaria.org/cer/FerreiradaSilva.pdf>; consultado em 05-03-2016

⁴⁰ Painel escultórico em técnica mista, combinando cerâmica, aço, vidro, acrílico e papel. Contêm a inscrição *Vanda je suis entre toi avec toute ma tendresse*. Integra a coleção municipal Ferreira da Silva. Data: 2008; fonte: *Rota Ferreira da Silva da Câmara Municipal de Caldas da Rainha*.

ceramista ele é um verdadeiro escultor e um verdadeiro arquiteto. O nosso Gaudi, é Ferreira da Silva (Ascenso, 2016).

No início do Século XXI, na Quinta do Pinheiro no Valado dos Frades-Nazaré, era frequente ver no Hotel Rural, *Ferreira da Silva*, contemplando a sua obra ora sentado, ora vagueando, nas salas, nos jardins passeando à frente da capela. Na antiga sala do lagar transformado em bar tem quatro painéis azulejares com rostos femininos, com o particular traço estilizado de meio busto. Umbelina Barros uma das suas discípulas na formação do CENCAL, confessou ter sido um dos rostos que serviu de modelo a um dos painéis. A boda de casamento de *Umbelina*, foi na quinta, por inspiração do mestre *Ferreira da Silva*. Casou com Pedro Miguel Silva, que o converteu em ceramista. Umbelina, foi discente no CENCAL dos mestres, Herculano Elias, João Reis, Armando Reis, Rui Jorge Ribas (Joca) e Ferreira da Silva.

No dia 4 de Junho de 2017, no recente inaugurado Museu de Leopoldo de Almeida, no *Centro de Artes* em Caldas da Rainha, foi apresentado o livro, *Ferreira da Silva – obra em espaço público*, (Xavier *et al.*, 2017), pelo qual foram inventariados, as numerosas obras do mestre espalhadas por todo o país. obras de interiores e exteriores e instalações.

No mesmo dia de apresentação do livro de Ferreira da Silva, entrevistamos Alberto Reis, um antigo colega e discípulo de Ferreira da Silva na SECLA:

— *O Ferreira da Silva era homem extraordinário, ele por exemplo, entrava no curral, o local onde trabalhávamos e ele por alcunhado, cumprimentava toda a gente, depois isolava-se no seu canto, podia estar às vezes uma semana, a pensar e a meditar, chegou a estar duas semanas sem nada lhe ocorrer. De repente dizia: — Barroso vamos ao ataque! — o Galo, era o servente que preparava o barro, o Barroso, o rodista ponha o barro na roda e começava com os pés a rodar, e levantava-lhe a peça, segundo a sua orientação. Depois, ele tomava conta do resto da peça. Uma simples jarra, saía das mãos do Ferreira da Silva, saía uma peça de alta-categoria. O que eu estou a dizer é do fundo do coração. Então, depois com a sua orientação, eu reproduzia por exemplo às dezenas ou centenas da peça original* (Ascenso, 2017).

Numa visita ao CENCAL é notória a influência que foi dada por Ferreira da Silva. Praticamente em todo canto ou parede encontram-se obras do autor (FS). O espaço é de uma escola e não de um museu, mas torna-se curioso ver que algumas das suas obras, estão *escondidas* entre os dossiers e documentos administrativos por falta de espaço para mostrar.

Continuando a falar dos artistas, decorreu em 29 de outubro a 29 janeiro de 2016, uma exposição intitulada *Primeira Escolha*, no âmbito da bienal *Molda*, no *Museu José Malhoa*, que teve como objetivo a apresentação de *uma coleção de design contemporâneo em cerâmica*. A curadoria foi a cargo de *Fernando Brízio*, licenciado em *Design pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa* (MOLDA, 2016). O designer consta da lista de colaboradores da *Faianças Bordalo Pinheiro*.

Elaboramos uma tabela dos autores desta exposição de *design contemporâneo em cerâmica, Primeira Escolha*:

<i>Nome</i>	<i>País</i>	<i>Nome</i>	<i>País</i>	<i>Nome</i>	<i>País</i>	<i>Nome</i>	<i>País</i>
<i>Alicia Ongay-Perez</i>	<i>Reino Unido</i>	Apparatu	<i>Espanha</i>	Bela Silva	<i>Portugal</i>	Bethan Laura Wood	<i>Reino Unido</i>
<i>Bilge Nur Saltik</i>	<i>Turquia</i>	Bruno Carvalho	<i>Portugal</i>	Ctrlzak Katia Meneghini e Thanos Zakopoulos	<i>Itália Grécia</i>	D-Bros	<i>Japão</i>
<i>Daniel van Dijck</i>	<i>Holanda</i>	Emma Buckley	<i>Reino Unido</i>	Eneida Tavares	<i>Portugal</i>	Everything Elevated Marius Myking and Martin Nichols	<i>Noruega Estados Unidos</i>
<i>Fernando Brázio</i>	<i>Portugal</i>	Filipa José	<i>Portugal</i>	Filipe Alarcão	<i>Portugal</i>	Francis Cayouette	<i>Canadá</i>
<i>Francisco Providência</i>	<i>Portugal</i>	Front - Sofia Lagerkvist, Charlotte Von Der Lancken And Anna Lindgren	<i>Suécia</i>	Gésine Hackenberg	<i>Holanda</i>	Guillaume Delvigne & Ionna Vautin	<i>França</i>
<i>Harry Trimble & Oscar Medley-Whitfield</i>	<i>Reino Unido</i>	Hella Jongerius	<i>Holanda</i>	Humade Lotte Dekker & Gieke Van Lon	<i>Holanda</i>	Ineke Hans	<i>Holanda</i>
<i>João Valente</i>	<i>Portugal</i>	Jólan van der Wiel	<i>Holanda</i>	Julian F. Bond	<i>Reino Unido</i>	Konstantin Grcic	<i>Alemanha</i>
<i>Lola Goldstein</i>	<i>Argentina</i>	Maarten Kolk& Guus Kusters	<i>Bélgica</i>	Maarten Baas	<i>Holanda</i>	Marcel Wanders	<i>Reino Unido</i>
<i>Marco Sousa Santos</i>	<i>Portugal</i>	Maria Ana Vasco Costa	<i>Portugal</i>	Martín Azúa	<i>Espanha</i>	Max Lamb	<i>Reino Unido</i>
<i>Maxim Velčovský</i>	<i>República Checa</i>	Miguel Vieira Baptista	<i>Portugal</i>	Olivier van Herpt	<i>Holanda</i>	Pedro Sottomayor	<i>Portugal</i>
<i>Alice Rachel Boxnboim</i>	<i>Israel</i>	Rita Frutuoso	<i>Portugal</i>	Sam Baron	<i>França</i>	Scholten & Baijings	<i>Holanda</i>
<i>Sérgio Gonçalves</i>	<i>Portugal</i>	Studio Floris Wubben	<i>Holanda</i>	Studio Glithero	<i>Reino Unido</i>	Susanne Themlitz	<i>Portugal</i>
<i>Unfold e Tim Knapen</i>	<i>Holanda</i>	Vitor Agostinho	<i>Portugal</i>	Vitor Reis	<i>Portugal</i>	Unfold - Claire Warnier & Dries Verbruggen	<i>Bélgica</i>

Tabela 12 - Tabela de Autores da Primeira Escolha – Molda

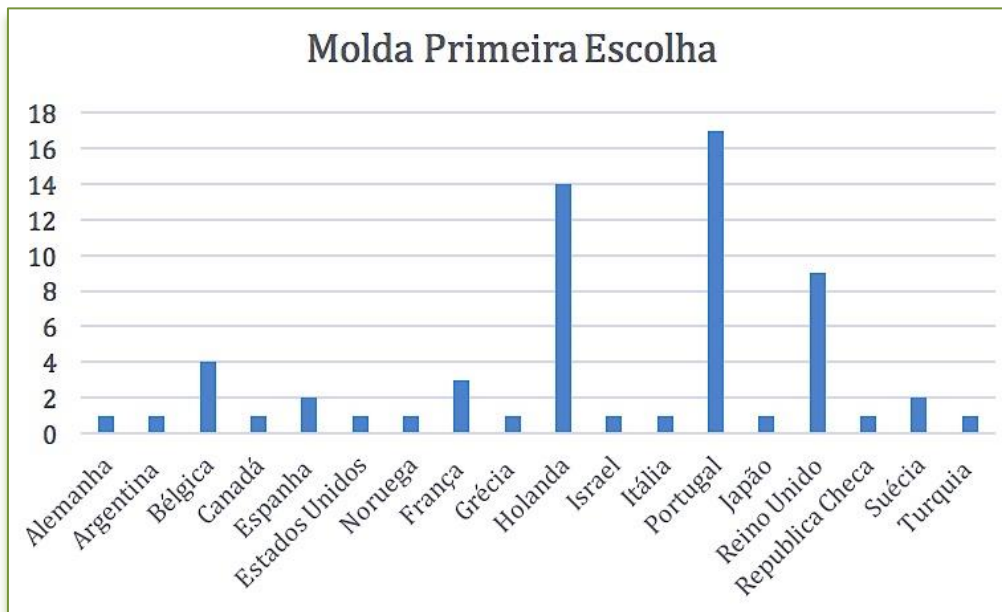


Tabela 13 - Distribuição de Autores por países

Elaboramos uma tabela com a distribuição das nacionalidades dos autores. Portugal com dezassete autores, seguindo a Holanda com uma presença bastante significativa de catorze do Reino Unido com nove autores e os demais países conforme é explicitado na tabela (13).

Integrado na *Feira dos Frutos* de 2017 no Parque D. Carlos I, nas Caldas da Rainha de 18 a 27 de Agosto) na Casa dos Barcos, a *MOLDA 2017*, organizou uma nova exposição com o mesmo conceito do ano transato sendo exibido os mesmos projetos (Primeira Escolha), mas com outro objetivo intitulado a exposição como *Cerâmica Contemporânea das Caldas da Rainha – Doze Ceramistas, Doze Projetos*:

A Molda, um programa que estuda, divulga e celebra a cerâmica nas Caldas da Rainha, regressa em 2017, como uma mostra de projetos de doze ceramistas convidados.

Em simultâneo, procedemos a uma retrospectiva da edição da Molda 2016, com uma apresentação da coleção caldense de Design Cerâmico Internacional, uma coleção constituída nesse ano e que esteve na base da exposição “Primeira Escolha”, patente no Museu José Malhoa de Outubro a Janeiro.

A cerâmica contemporânea, cultivava e acolhia nas Caldas da Rainha, encontra-se, desta forma, com novos públicos, ampliando o seu lugar único e identitário na cidade.

Com esta presença na Feira dos Frutos, que, queremos que se repita em próximas edições, reafirma-se o compromisso da MOLDA com valores que enformam a candidatura das Caldas ao título de Cidade Criativa reconhecido pela UNESCO (2017, MOLDA).

Os doze ceramistas e projetos foram os de: *Ana Sobral, Carlos Enxuto, Catarina Nunes, Elsa Rebelo, Francisco Correia, Joel Pereira, Laboratório D’Estórias, Mariana Sampaio, Rita Frutuoso, Umbelina Barros e Vitor Agostinho*. Sete destes ceramistas e designers, fazem parte do nosso estudo (58,33%). Os restantes, *Laboratório D’ Estórias*, composto por *Rute Rosa e Sérgio Vieira*, foram por nós

contactados, mas sem oportunidade de entrevista ou inquérito. *Cláudia Canas, Francisco Correia, Joel Pereira e Rita Frutuoso* são os que completam a exposição com as peças já mencionadas. Destacamos do catálogo, os autores pelo qual não exercemos os contactos e inquéritos:

Cláudia Canas; nasceu em Lisboa, tem ateliê nas Caldas da Rainha. Fez a sua aprendizagem, desde 1991, com os Mestres oleiros, João Reis e Armindo Reis. Aprofundou conhecimentos de cerâmica em diversos workshops posteriores. Em 2013, licenciou-se em Artes Plásticas na ESAD.CR. Tem participado em várias exposições e colaborado com diversas galerias. Está representada em coleções particulares nacionais e internacionais.

Francisco Resende Correia; nasceu em Lisboa. Frequentou os Cursos de Design Produto – Cerâmica e Vidro e Design Industrial na ESDA.CR. Formação em cerâmica criativa no CENCAL. Trabalho centrado na roda de oleiro, na experimentação de pastas cerâmicas, técnicas de cozedura e Terras Sigilatas. Produção nas áreas de design industrial e da criação artística.

Rita Frutuoso; é diplomada em design e tecnologias para a cerâmica e Mestre em Design de Produto, pela ESAD.CR. Nesta escola é, há 10 anos responsável pelo espaço oficial de cerâmica, gesso e vidro, na categoria de Técnico Superior. Paralelamente à sua atividade profissional desenvolve trabalho criativo.

Joel Pereira; nasceu em Fátima, num meio familiar ligado ao trabalho das madeiras. Obteve formação em cerâmica na ESAD.CR. Trajeto pessoal e profissional que o leva a diversos países da Europa e América. Residência atual na Noruega.

Laboratório D'Estórias; surgiu em 2013, juntando Rute Rosa e Sérgio Vieira, no propósito de revigorar técnicas de manufatura de cerâmica caldense, ameaçadas pelo encerramento da maioria das unidades de produção da região. Aliança entre cerâmica, escrita e ilustração, criando um fio condutor narrativo e propondo uma reinterpretação de sinais ou marcas da cultura portuguesa. Recurso frequente a outros materiais, como papel ou latão. Colaborações de diversos ilustradores. Na exposição, designada CENCAL – 25 anos⁴¹, realizada em 2006, reuniram-se peças de ceramistas, designers e artistas de várias proveniências como:

Ambrogio Pozzi, Ana Sobral, António Antunes, José Figueiredo, Arlindo Fagundes, Armando Correia, Arnaldo Rebelo, Armindo Reis, Augusto Cid, Carlos Afonso, Carlos Enxuto, Dulce Fernandes, Cristiana Marques, Eduardo Constantino, Elsa Rebelo, Emídio Galassi, Ferreira da Silva, Fernanda Caldas, Francis Behets, Francisco Furriel, Genya Sonobe, Herculano Elias, Ilda Marques, Isabel Barreto, Ivan Jandrick, Jeroen Bechtold, Jesus Sheriff, João Batista Queirós, João Reis, Joaquim José Vinhais, Rui Jorge Ribas (Joca), Jorge Brígida, José Eduardo Santos, José Nobre, Koji Kondo, Leonel Telo, Luís Louro, Manuel Cargaleiro, Martins Correia, Mário Sousa, Mirta Morigi, Nadine Gueniou, Paulo Óscar, Pedro Pacheco, Ponte e Sousa, Teresa Lima, Vera Brás, Virgílio Peixe, Xohan Viqueira, Yuji Terashima, Zaida Caramelo, Zé Almeida.

⁴¹ Fonte: <http://www.cencal.pt/article/historia.html>; consultado em 04-03-2016

A Gazeta das Caldas⁴² tem uma loja *on-line*, vendendo cerâmica de autor:

Ana Sobral, Ana Tudo Bom, Ana Vilela, Carlos Enxuto, Carlos Oliveira, Cláudia Canas, Constantino's, Elsa Rebelo, Fernando Miguel e Milene, Ivo Correia, Laboratório D'Estórias, Luís Santos, Mário Reis, Paula Clemente, Paula Violante, Sara Cardina, Teresa Alves, Umbelina Barros e Vítor Mota.

A associação de Ceramistas de Caldas e Alcobaça sem fins lucrativos denominada 3C's⁴³:

Associação Cerâmica Criativa Contemporânea Coletivo Três Cês, com sede na Rua da Praia do Salgado, Serra dos Mangues, freguesia de São Martinho do Porto, concelho de Alcobaça, como os ceramistas de autor; *Ana Lousada, Atelier Todd Ferrari, Carla Soares, Carlos Lima, Carlos Neto, Cláudia Canas, Elisabete Leitão, José Pires, Marco Fidalgo, Mário Reis, Miguel Neto, Nadine Guéniou, Paula Teresa, Paula Violante, Pedro Miguel S. Silva, Sérgio Amaral, Umbelina Barros, Vitor Reis e Xana Monteiro.*

- 4.2.2. No presente - Autores / Ateliês – com trabalhos na área da cerâmica, com referência às Caldas da Rainha, naturais, radicados, com ateliês/oficinas ou formação na cidade

A linha do tempo, corre silenciosamente e deixa a cada segundo um passado. Os novos artistas seguem os trilhos dos mestres. Enquanto autores independentes produzem hoje a chamada cerâmica de autor. Preguntámos à organização da *MOLDA (Bienal da Cerâmica)*:

— *quantos ceramistas de autor ou ateliês com trabalho na área da cerâmica, com referencia à região das Caldas da Rainha, sabiam ou tinham estimado que houvesse?*

A resposta não foi conclusiva, mas sim estimada:

— *Temos cerca de 50 contactos, mas não estão verdadeiramente confirmados.*

Pesquisamos os contactos formulámos algumas perguntas, confirmámos algumas entrevistas e visitamos alguns autores e a ateliês. Dos 50 anunciados resultou em 32 contactados diretos, e 26 corresponderam às entrevistas e respostas a inquéritos francos.

Partimos deste pressuposto com base dos 50 autores, de que têm Caldas da Rainha como referência. Não foi só autores ceramistas, mas outros artistas cujo a cerâmica esteja no processo de construção da sua obra, por exemplo artistas plásticos, escultores e designers. Cinquenta por cento de entrevistas, dá para traçar uma amostragem do perfil do autor atual:

- I. *Identificação do autor; o nome artístico; naturalidade; como se referencia no meio (ceramista, oleiro, artista plástico, escultor, designer ou outro; como surge na cerâmica; quanto à formação; assinatura ou marca; registo oficial(?))*











⁴² Fonte: <http://gazetacaldas.com/categoria-produto/ceramica-de-autor/>; consultado em 04-03-2017

⁴³ Fonte: <http://www.ceramica3cs.com/11a-mostra-de-ceramica-contemporanea-de-autor-de-s-martinho-2015/>; consultado em 04-03-2017

- II. *Caracterização do espaço de trabalho; ateliê (oficina); localização; Equipamento principal disponível; recurso a equipamento externo(?); Pessoal de apoio; partilha de espaço.*
- III. *Caracterização dos produtos; tipos de produtos (utilitários, decorativos ou misto); tipos de materiais (pastas); dimensões médias.*
- IV. *Distribuição; loja própria(?); venda direta(?); venda on-line(?); redes sociais(?).*

Elaboramos uma tabela identitária dos autores contactados e cujo as entrevistas e inquéritos foram realizadas: (I) *identificação do autor; o nome artístico; naturalidade; como se referêcia no meio (ceramista, oleiro, artista plástico, escultor, designer ou outro; quanto à formação na cidade das Caldas da Rainha e no que respeita à idade dos autores. Como surgem na cerâmica; assinatura ou marca; registo oficial(?).*

Nome	Artes	Naturalidade	Ateliê	Formação	Idade
 Ana Maria Sobral	Ceramista, Oleira, Escultura Grafismo	Pemba – Moçambique	Foz do Arrelho – Caldas da Rainha	ESAD.CR CENCAL	60
 Américo Rebelo	Ceramista, Oleiro	Gaeiras – Óbidos	Gaeiras – Óbidos	CENCAL	61
 Ana Paula Sobral	Ceramista	Lisboa	Albarraque – Sintra	CENCAL	44
 Carlos Enxuto	Escultura Ceramista Olaria	Caldas da Rainha	Caldas da Rainha	CENCAL	53
 Carlos Oliveira	Escultura Ceramista	Caldas da Rainha	Caldas da Rainha	CENCAL	53
 Catarina Nunes	Escultura Ceramista	Angola	Intendente – Lisboa	ANTÓNIO ARROIOS ESAD-CR	39

 Elsa Rebelo	<i>Escultura Ceramista Designer</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>Relvas – Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	47
 Eneida Tavares	<i>Designer</i>	<i>Barreiro</i>	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	27
 Filipe Faleiro	<i>Escultor Ceramista</i>	<i>Lisboa</i>	<i>Sem Ateliê – em Casa</i>	<i>CENCAL</i>	25
 Hugo Graça	<i>Designer Ceramista</i>	<i>Lisboa</i>	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	31
 Isabel Claro	<i>Ceramista Oleira Escultura</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>CENCAL</i>	47
 Ivo Correia	<i>Ceramista</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>- Caldas da Rainha - Reguengo da Parada - CLD</i>	<i>Eng. Biotécnico Forma-se com o pai – Armando Correia ceramista - Caldas</i>	35
 Jorge Carreira	<i>Designer</i>	<i>Guimarães</i>	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR</i>	33
 Jorge Lindinho	<i>Ceramista oleiro</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>Tornada – Caldas da Rainha</i>	<i>CENCAL</i>	48
 Luís Santos	<i>Escultor Ceramista</i>	<i>Alcobaça</i>	<i>Caldas da Rainha Mendalvo Alcobaça</i>	<i>Belas Artes Lisboa Aprendizagem o pai ceramista – João Santos - Alcobaça</i>	54
 Mariana Sampaio	<i>Artes Plásticas Escultura Ceramista</i>	<i>Golegã</i>	<i>Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	25











 Paula Rebelo	Ceramista Escultora	Caldas da Rainha	Gaeiras - Óbidos	<i>CENCAL</i>	51
 Pedro Brás	Ceramista	Caldas da Rainha	Caldas da Rainha	<i>CENCAL</i>	54
 Rafaela Ferreira	Pintor Ceramista	Lisboa	<i>Sem Ateliê – em Casa</i>	<i>CENCAL</i>	20
 Samuel Reis	Designer	Lagos	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	27
 Teresa Alves	Ceramista Pintora	Sá da Bandeira - Angola	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>CENCAL</i>	48
 Thomas Schitteck	Pintor Artista Plástico	Munique - Alemanha	Columbeira Bombarral	<i>Belas Artes de Munique CENCAL</i>	53
 Umbelina Barros	Ceramista Escultura Pintura	Miaux - França	Águas Santas – Caldas da Rainha	<i>ESAD.CR CENCAL Belas Artes do Porto</i>	43
 Victor Mota	Ceramista Escultura	Peniche	S. Cristóvão – Caldas da Rainha	<i>CENCAL</i>	49
 Vitor Agostinho	Designer	Peniche	<i>Silos – CERES Caldas da Rainha</i>	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	42
 Vitor Reis	Artista Plástico Ceramista	Caldas da Rainha	Centro de Artes – Caldas da Rainha	<i>ESAD.CR CENCAL</i>	42

Tabela 14 - Identificação dos autores; o nome artístico; naturalidade; como se referênciam no meio (ceramista, oleiro, artista plástico, escultor, designer ou outro)

Produzimos e quantificámos o número de autores contactados, mas sem ocasião de entrevistas ou de inquéritos:

Nome	Arte	Ateliê
Carla Rebelo	Designer	Caldas da Rainha
Mário Reis	Ceramista	Caldas da Rainha
Paula Violante	Ceramista	
Pedro Miguel	Ceramista	
Sérgio Vieira	Ceramista	Caldas da Rainha
Rute Rosa	Ceramista	Caldas da Rainha

Tabela 15 - Contactos realizados sem entrevistas ou inquéritos.

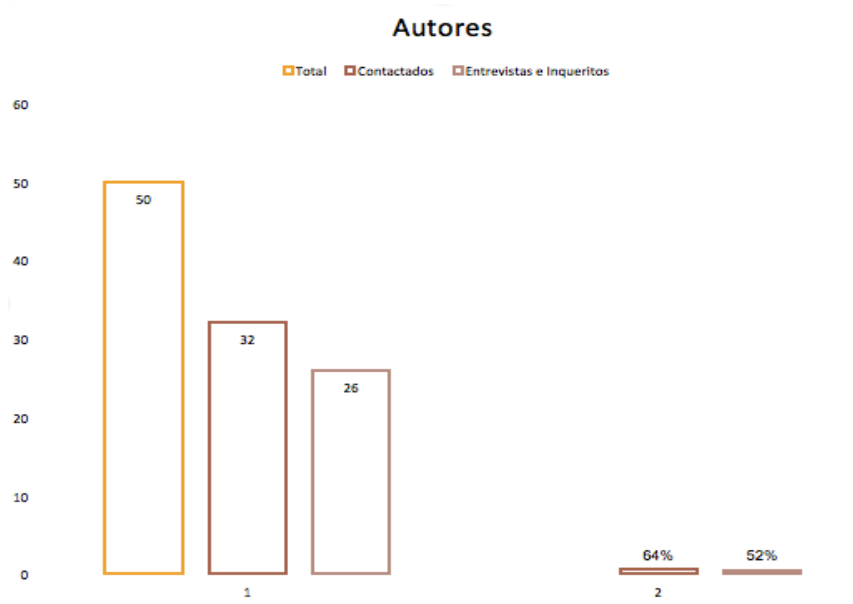


Tabela 16 - Tabela das percentagens dos inquéritos

As entrevistas conseguidas, 50% da quantidade estimada de autores, oferece um indício do perfil do autor atual. Existe uma igualdade quanto ao género, não é uma atividade masculinizada, como era de alguns séculos passados, 44% são mulheres e 56% homens. A média de idade é de 43 anos desde os 61 aos 20 anos. Temos autores que nasceram nos finais dos anos 50's (2), anos 60's (9), anos 70's (7), anos 80's (4) e anos 90's (4).

Dos autores que questionados, temos 9 caldenses, 2 autores nascidos nos concelhos limítrofes de Alcobça e Óbidos, 2 autores naturais de Peniche, 2 autores nascidos em Angola, 1 autor nascido em Moçambique, 4 autores nascidos em Lisboa, 1 autor na Golegã, 1 autor no Barreiro, 1 autor nascido em Guimarães, 1 autor nascido em Lagos, 1 autor nascido em França e 1 autor nascido na Alemanha.

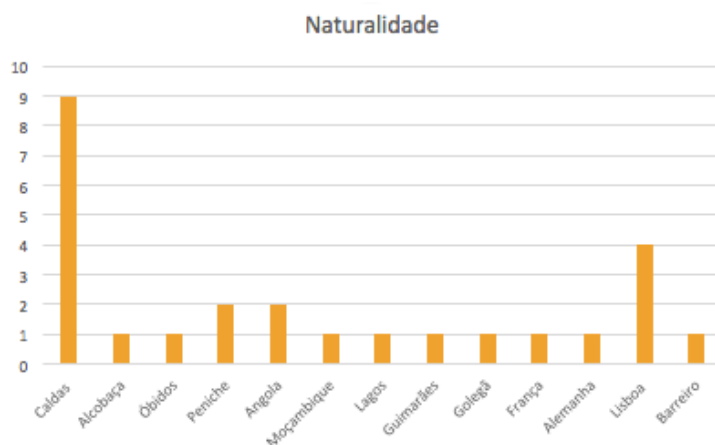


Tabela 17 - Distribuição das naturalidades

- I. *Identificação do autor; o nome artístico; naturalidade; como se referênciamos no meio (ceramista, oleiro, artista plástico, escultor, designer ou outro; como surgem na cerâmica (influência); quanto à formação; assinatura ou marca; registo oficial(?)*

Questionados sobre a forma como se consideravam perante as obras que produziam como ceramistas, oleiros, escultores, pintores, artistas plásticos, designers ou grafista.

Ana Maria Sobral, confessa que muitas das suas obras começam na roda, apesar que na maioria das vezes, a pasta passar pela laminadora, desenhando sobre o corpo da peça, traços pelos quais incise os grafismos. Formada na *ESAD.CR e CENCAL*, donde também foi docente.

A cerâmica, é a palavra chave, mesmos os que não se consideram ceramistas têm a cerâmica como base da sua obra. 38% dos inquiridos considera-se ceramista.

É comum as várias valências em todos os criadores. Um ceramista tem na maioria das vezes, uma roda de oleiro, a roda passa pelo processo da criação.

Jorge Lindinho, considera-se um oleiro, as peças começam na roda. Os objetos, *saem das mãos*, nas formas redondas ou ovais. Desconstrói as jarras, potes ou vasos, e achatando os lados e cria figuras animais. Aplicando barro processado na laminadora adapta como formas acessórias, aos respetivos bonecos. A sua formação de cerâmica passou pela primeira turma do *CENCAL*.

Carlos Enxuto, ceramista e escultor tem na sua obra, variadíssimos projetos e domínio versátil em amplos materiais ligados à cerâmica e vidrados. Sendo amante da pesca submarina tem nas esferas (bolas) que cria, tamanhos diversos, num efeito de simulação de bolhas de ar, numa diversidade de vidrados em mono e policromáticos. Apesar de sua formação no *CENCAL*, Carlos orgulha-se da sua biblioteca técnica que o ajuda na sua constante investigação de matérias e estudando as suas reações químicas. Completa a sua atividade com a docência, já o foi no *CENCAL* e em Espanha.

Umbelina Barros, tem três rodas de oleiro, uma das quais antiga movida pela ação de pé. Doutoranda em Ensino Artístico, das Faculdades de Belas Artes e de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto, *Umbelina*, passou por processos de aperfeiçoamento da técnica da roda, em

estágio, nas duas regiões tradicionalmente marcadas como terra de oleiros. Em S. Pedro do Corval (Reguengos de Monsaraz), com o Mestre José Manuel Velho (Velhinho), e em Barcelos com o Mestre João Oliveira (Lourenço). Segundo a autora teve a felicidade de desenvolver técnicas antigas de roda. A autora considera-se além de ceramista, uma escultora. A docência também tem sido uma das tarefas. *Isabel Claro (Bolota)*, ceramista desde os 16 anos, altura em que inicia a sua formação nessa área, Bolota desenvolve a sua atividade na olaria contemporânea num equilíbrio entre métodos tradicionais e a cerâmica artística de autor.

Ana Paula Sobral, ceramista em Sintra, utiliza a roda de oleiro e quadros de serigrafia. Ana, dá aulas de cerâmica na *Associação de Ceramistas de Lisboa*.

A escultura está em 17% dos autores.

Paula Rebelo, tem os seus dotes escultóricos apurados, a representação humana, na criação de várias *Sagradas Famílias*, e estatuária. A sua obra também esmera nos estudos de vidrados que resultam nos jogos cromáticos e nos chamados *escorridos*. Aluna do CENCAL, filha de Euclides, clássico modelador e irmã de Elsa Rebelo. Paula, foi docente de cerâmica na Suíça.

Carlos Oliveira, considera-se um escultor e produz à grande escala, esculturas de grandes dimensões. A escultura de uma cruz com uma imagem de Cristo e sua mãe Maria, (*Ut Chistus Ecclesiam Amavit*), com a dimensão de (270 por 180 cm), criada para o *IV Theology og the Body International*, realizado em Fátima de 13 a 16 de Junho de 2013 e depois doada ao Papa Francisco na Cidade do Vaticano, foi o modo ativar mais a sua atividade na arte sacra. Carlos tem um atelier à medida das suas obras que chegam a arvorar oito metros de altura. O processo começa com o barro vermelho que vai moldando ao jeito. Serve de matiz para todo o processo de recalque da matriz com *resinas de poliuretano (silicone)*, passando para uma segunda matriz em gesso e depois na fundição em moldes de areia e por fim bronze. Começou com a aprendizagem do pai, bastante novo pediu-lhe que o ensinasse a moldar. Foi aluno da primeira turma do CENCAL.

Catarina Nunes, considera-se uma escultora, intitulado o seu projeto de *Anémoma*. Visitámos o seu ateliê no coração de Lisboa, no Intendente. As suas peças na sua maioria têm haver com o tema Mar. Formou-se na *ESAD.CR*, com Design de Tecnologia Cerâmica, em Tóquio na *Tama Art University* conclui o mestrado em Cerâmica Contemporânea. Estudou Design de Cerâmica e Vidro na *University of Central England* em *Birmingham*.

Filipe Faleiro, esculpe as suas esculturas em grés, figuras com dualidades de personagem e perspetivando o mesmo objeto com várias interpretações. Na observação das peças, de um lado horrendo, do outro um lado meigo, tornam as figuras inesperadas. Estuda no CENCAL.

Luís Santos, escultor tem como obras mais conhecidas e imediatas, o monumento a *São Bernardo*, em pedra, na rotunda da *Escola D. Inês de Castro*, na cidade de Alcobaça, e a instalação escultórica intitulada: *... voando...*, fazendo a combinação de vários materiais, cerâmica, aço inox e vidro. Luís desde pequeno que aprendeu com o pai a arte da escultura em cerâmica, João Santos ceramista e pintor tradicional de Alcobaça. Licenciou-se em escultura na *Faculdade de Belas Artes na Universidade de Lisboa*.

Victor Mota, além de ceramista é um escultor, e no seu atelier *Linhas da Terra Cerâmicas* em S. Cristóvão em Caldas, promove formações a estrangeiros. No início de agosto de 2017, no *Parque D. Carlos I*, no *Céu de Vidro* patrocinou uma exposição com os seus formandos que vivem no Oeste com uma exposição com os seus trabalhos. Formado no CENCAL.

Os artistas plásticos, deste estudo são na maioria formados na ESAD.CR.

Mariana Sampaio, artística plástica tem variadíssimos projetos desde o estilismo à cerâmica. A cerâmica inspirada nos bordados da avó. *Mariana*, faz objetos decorativos, imitando os desenhos dos rendilhados, elevando à terceira dimensão, num jogo complexo de figuras geométricas. Num dos seus projetos de estilista, utiliza porcelana de papel o chamado *paper clay*. Formou-se em Artes Plásticas com licenciatura e mestrado na ESAD.CR. Formada em azulejaria e vidro, cerâmica criativa e modelação em gesso no CENCAL.

Vitor Reis, artista plástico, tem no seu projeto de criação, formas de intervenção comunicativa e de crítica. Descendente de uma família de oleiros das Caldas da Rainha, o seu irmão *Mário Reis* é também um importante ceramista. O seu projeto também passa pela roda de oleiro. Formado em Artes Plásticas na *ESAD.CR*.

Os pintores que têm na cerâmica um *suporte* à sua obra.

Thomas Schitteck, pintor alemão, radicado na Columbeira-Bombarral, onde tem o seu ateliê. Usa azulejos com a primeira *queima*, pintando colunas de grandes dimensões, em especial para espaços públicos ou grande espaços interiores. Formado na Belas Artes de Munique e no CENCAL como docente.

Teresa Alves, ceramista discípula de *Herculano Elias* no CENCAL e pinturas azulejares tendo sido formanda de *Thomas Schitteck* na *Óbidos Ceramic Academy* (OCA).

Rafaela Ferreira, ceramista e pintora, utiliza azulejos com a primeira cozedura e constrói painéis azulejares. Formada no *CENCAL* tem por objetivo tirar um curso de Artes Plástica na ESAD.CR.

Américo Santos, ceramista e pintor. No seu escritório tem um mural pintado com uma assinatura de *Lelo*, alcunha pelo qual é conhecido familiarmente. Formado no CENCAL e foi docente na mesma instituição.

Designers, poderíamos dizer que todos os autores são designers, no início de qualquer trabalho geralmente passa por um desenho, mas designers de formação são 13% dos inquiridos e formados na ESAD.CR.

Vitor Agostinho, designer de formação tem o seu projeto como *moldes mutantes*, os seus moldes adaptam-se em variadíssimas e formas e perspetivas, que resultam em peças originais de cerâmica e vidro. Formado na ESAD.CR *Vitor*, apoia como designer o grupo *CERIMPORT - CCA, Cerâmica Culinária e Alimentar, SA*. (CCA) localizada no centro de Portugal, com cento e oitenta funcionários e duas unidades de produção).⁴⁴

⁴⁴ fonte: <http://www.cca.net.pt/historia.html>; consultado em 15 de agosto de 2017

Samuel Reis, designer de produto na ESAD.CR, partilha com Vitor Agostinho, o mesmo espaço nos *Silos-CERES*, nas Caldas da Rainha e fazem por vezes trabalhos de parceria. *Samuel e Vitor* acrescentam também a formação no CENCAL da Marinha Grande em vidro. *Samuel*, tem no seu projeto peças únicas em vidro *Cerne*, corta pedaços de árvores que busca frequentemente em estaleiros, retirando o cerne do interior dos troncos e utiliza como moldes para as peças de vidro.

Eneide Tavares, designer, tem a cerâmica como base, cria objetos em faiança com linhas simples, mas associa às peças materiais pouco comuns e impensáveis, rafia, pele, caruma⁴⁵ e outros. As peças ganham um design contemporâneo e de traços originais. Formada na ESAD.CR.

Jorge Carreira, designer, utiliza o mesmo processo de fabrico da faiança, mas utiliza cimento numa camada extrafina. As peças adquirem originalidade e sobressaem quando confrontadas com outros objetos naturais. *Jorge e Eneide* partilham o mesmo ateliê nos *Silos*, *Estúdio Mulato* e partilham por vezes os mesmos projetos. *Jorge* é formado na ESAD.CR como *Designer de Produto*.

Hugo Graça, designer, é o fator comum destes quatro designers, *Vitor*, *Samuel*, *Eneide*, *Jorge* e demais autores como por exemplo, *Filipe Faleiro* as suas estatuetas *horribillis*. *Hugo*, procede não só à cozedura como ao vidrado. *Hugo* com o atelier nos *Silos - Ceres*, apoia tecnicamente a cerâmica, em todo o processo: modelação, enchimento, acabamento, cozeduras e vidrados. Além do seu Curso de Designer de Cerâmica na ESAD.CR e no CENCAL de *Controlo de Vidrados*, teve a experiência de trabalho na *Loja do Ceramista*, no apoio técnico, aos que solicitavam os serviços. Desabafou-nos que por vezes gostaria de ter mais tempo para as suas obras de autor.

Extraímos da tabela de inquéritos os meios artísticos dos autores: *Ceramistas 38%*; *Escultura 17%*; *Oleiros 15%*; *Designers 13%*; *Pintura 9%*; *Artes Plásticas 6%*; *Grafismo 2%*.



Tabela 18 - extraída dos inquéritos aos autores

⁴⁵ Caruma – folhagem do pinheiro bravo ou manso.

Carla Rebelo, designer, não houve ocasião de entrevista, mas contactada a fábrica *JOMAZÉ*⁴⁶ na Póvoa de Alcobaga, um dos sócios *João Xavier* e também responsável pelo design esclarece: A *Carla*, trabalha como *freelancer*. A fábrica exporta para os países nórdicos e Estados Unidos. Tem cerca de 50 trabalhadores.

O surgimento na cerâmica a influência.

O CENCAL ou a ESAD.CR é comum nas formações profissionais, excetuando dois autores:

Luís Santos, que aprendeu com o pai *João Santos* ceramista, pintor e escultor de Alcobaga e Ivo Correia, aprende com o pai *Armando Correia*, que foi um dos históricos ceramistas caldenses.

Elsa Rebelo e Paula Rebelo tiveram iniciação com o seu pai *Euclides Ribeiro*, que foi o responsável da modelação da *MOLDE Faianças*. Elsa Rebelo, tem a missão e devido à posição que ocupa de levar o design de *Bordalo Pinheiro* até aos dias de hoje e perspectivá-lo no futuro.

Ana Paula Sobral, radicada em Sintra formada no CENCAL, e presidente da *Associação dos Artesãos de Lisboa*, confessa que o seu mentor na cerâmica foi João Serigado.⁴⁷

Juan Miró e Pablo Picasso estão na base de influência de *Ana Maria Sobral*. *João Reis*, oleiro caldense influenciou *Américo Rebelo* e *Vitor Reis* seu sobrinho. *Teresa Alves* é influenciada pois dois mestres um ceramista *Herculano Elias* e o pintor *Thomas Shittek*. *Herculano Elias*, influência também mais dois ceramistas *Carlos Enxuto* e *Umbelina Barros*.

Ferreira da Silva, entre os autores, foi o mais mencionado 43% de influência.



Tabela 19 - Ferreira da Silva - foto Margarida Araújo - Manipulação de imagem L. Lourenço Beja

⁴⁶ Fonte: <http://jomaze.pt/>; consultado em 15 de agosto de 2017

⁴⁷ Natural de Abrantes, João Serigado vive há várias décadas em Salir do Porto, tendo sido paraquedista e instrutor daquela profissão. O seu hobbie ligado às artes, a partir de 1986, passou a ter um carácter profissional pois abriu uma fábrica de cerâmica artesanal em Alcobaga, de onde exportava peças para vários países do mundo. A unidade funcionou até 1991, tendo o seu responsável durante esse período tirados dois cursos no Cencal; fonte: consultado em 15-08-2017; <http://gazetacaldas.com/cultura/ceramica-de-serigado-e-gigantes-de-cristina-lourenco-para-ver-ate-domingo/>

Quanto às formações e extraindo dos inquiridos. Analisa-se a tabela e constata-se um nível superior especialização. Os autores apesar do talento não descoraram a formação estão numa constante ação de aprendizagem, procura de novos produtos e novas técnicas. Investigam e arriscam por sua conta e medida.

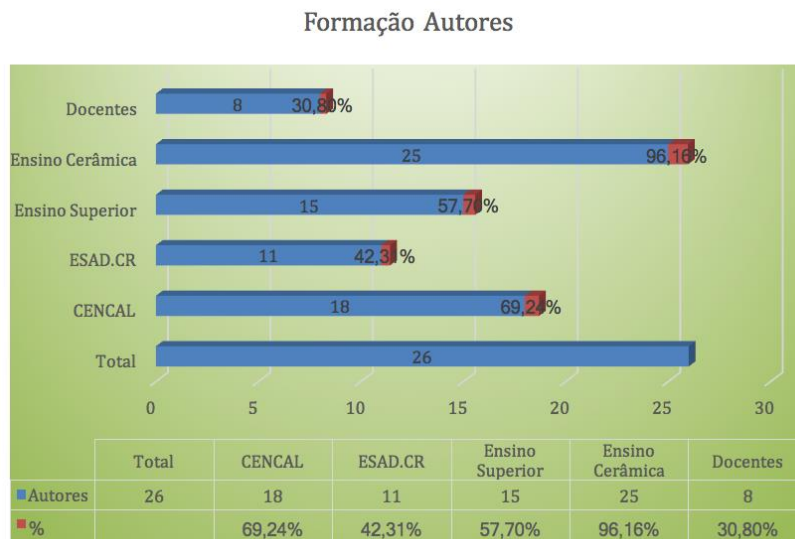


Tabela 20 - A formação dos autores

Quanto às marcas (assinaturas) questionámos sobre a sua utilização e registo oficial.

Dos vinte seis autores, só dois têm registo oficial, um autor perspectiva oficializar, os outros vinte e três, não fazem questão de registar, dizendo que o processo é exageradamente burocrático.



Ilustração 1 - Marca e assinaturas dos autores

Carlos Enxuto é da opinião de ser criado um selo de certificação, de autenticidade da região das Caldas, como acontece com as zonas demarcadas por exemplo dos vinhos.

Um dos autores revelou, que as encomendas de série massiva, a maioria não leva marca de autor. Garantindo que é uma questão de preservação da imagem do criador. Por vezes do mesmo autor são

exibidas duas marcas, ou na definição de outro projeto, desmarcando assim da identificação direta do autor. Estas segundas marcas ou projetos intitulam-nas como as mais comerciais. Ao frasearmos um dos autores diríamos: — *É a marca que permite encher o frigorífico lá de casa!* (Exemplos):



II. Caracterização do espaço de trabalho; ateliê (oficina); localização; equipamento principal disponível; recurso a equipamento externo(?); Pessoal de apoio; partilha de espaço.

Elaboramos uma lista numérica para mais facilmente identificarmos os autores:

01-Ana Maria Sobral; 02-Américo Rebelo; 03-Ana Paula Sobral; 04-Carlos Enxuto; 05-Carlos Oliveira; 06-Catarina Nunes; 07-Elsa Rebelo; 09-Filipe Faleiro; 08-Eneida Tavares; 09-Filipe Faleiro; 10-Isabel Claro; 11-Ivo Correia; 12-Jorge Carreira; 13-Jorge Lindinho; 14-Luís Santos; 15-Mariana Sampaio; 16-Paula Rebelo; 17-Pedro Brás; 18-Rafaela Ferreira; 19-Samuel Reis; 20-Teresa Alves; 21-Thomas Shittek; 22-Umbelina Barros; 23-Victor Mota; 24-Vitor Agostinho; 25-Vitor Reis; 26-Hugo Marçal.

Os ateliês ou oficinas, estão distribuídos ao longo do concelho de Caldas da Rainha, exceto no norte do concelho, em que *Luís Santos* utiliza a oficina em Mendalvo - Alcobaça, do pai falecido João Santos. Utiliza outro ateliê junto à sua moradia na rua Odete Saint Maurice em Caldas. O mesmo acontece com Ivo Correia, que utiliza a oficina do pai falecido Armando Correia, no Chão da Parada e recorre a outro ateliê instalado na sua moradia na rua Vitorino Frois em Caldas. A sul das Caldas da Rainha, temos outras exceções fora do concelho de Caldas da Rainha, um ateliê no centro das Gaeiras de Óbidos de Paula Rebelo (*Atelier do Lagar*), e uma *fabriqueta* chamada (*Lenacer*), da responsabilidade de *Arménio Rebelo* e cujo o sócio é o *João Eduardo Silva*, que foi presidente da Junta de Freguesia e grande dinamizador das exposições anuais de presépios das Gaeiras. O ateliê do pintor Thomas Schittek localiza-se na Columbeira - Bombarral. *Ana Paula Sobral* localiza-se em *Albarraque - Sintra*. O ateliê de *Catarina Nunes* é no coração de Lisboa no Intendente, partilhada com a moradia pombalina.

A grande concentração de autores inquiridos é nos *SILOS – CERES*, encontrámos seis, mas temos a informação de haver mais ceramistas ou designers sediados. O atual presidente da Associação de

Artesãos das Caldas da Rainha, Pedro Brás, também ele como autor-ceramista referenciado informou-nos, que outro autor estaria instalado nos Silos com o nome de Cerâmica *de Estúdio de Luís Pires*.

A associação (AACR), expôs neste mesmo evento, *Feira dos Frutos 2017*, um espaço com as obras dos seus associados. Além do presidente, *P. Brás* com a sua marca *o Farol: Margarida Antunes, (M-Antunes Artesanato) e Oficina de Cerâmica Artesanal de Vitor Lopes e Júlia Lopes*. *P. Brás*, acrescentou que a associação passou por tempos difíceis, tendo à data quinze associados e com perspectivas de aumentar.

Os Autores mais novos que não têm ateliê, Rafaela Ferreira e Filipe Faleiro, ainda em formação no *CENCAL*, recorrem a serviços de terceiros para as cozeduras, Rafaela é ajudada pela sua formadora do *CENCAL*, *Maria de Teresa Lima (pintora cerâmica e ceramista)*, e Filipe conforme já foi citado, é o designer *Hugo Graça* que coze as suas estatuetas. Ambos os jovens autores são namorados e confessam que fazem da sua cozinha um ateliê.

Geograficamente a distribuição dos ateliês:

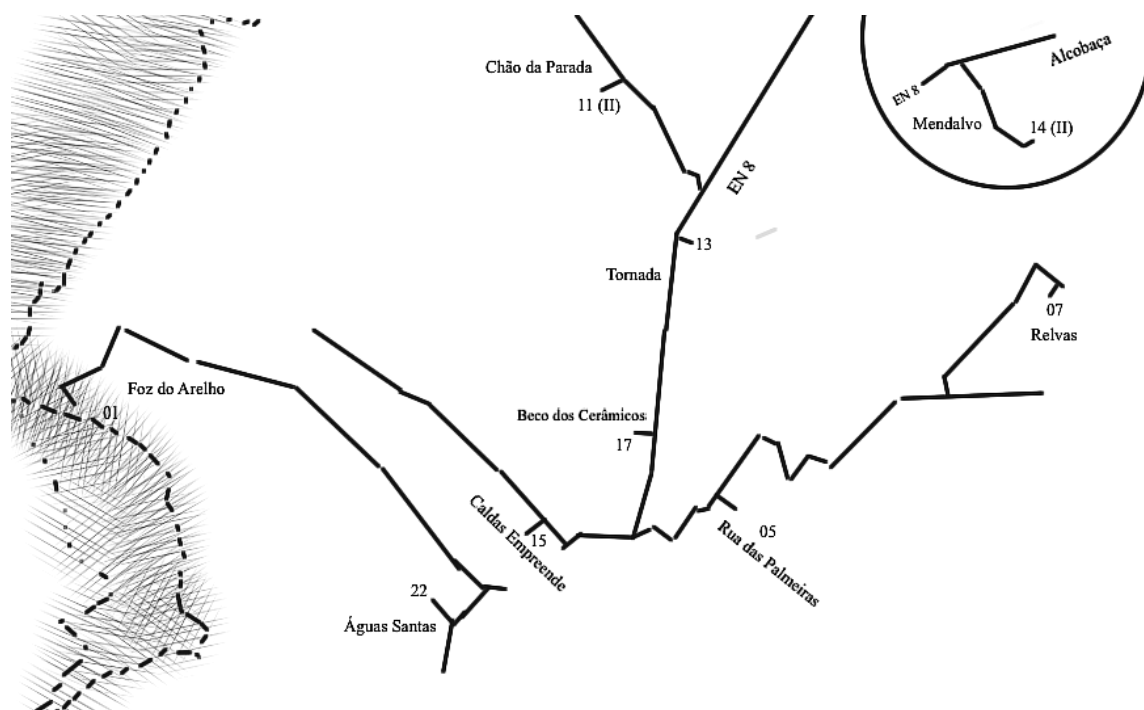


Ilustração 2 - Localização dos ateliês de autores de Caldas da Rainha: 01-Ana Maria Sobral 05-Carlos Oliveira; 07-Elsa Rebelo; 13-Jorge Lindinho; 11- Ivo Correia (II); 14-Luís Santos (II); 17-Pedro Brás; 22-Umbelina Barros.

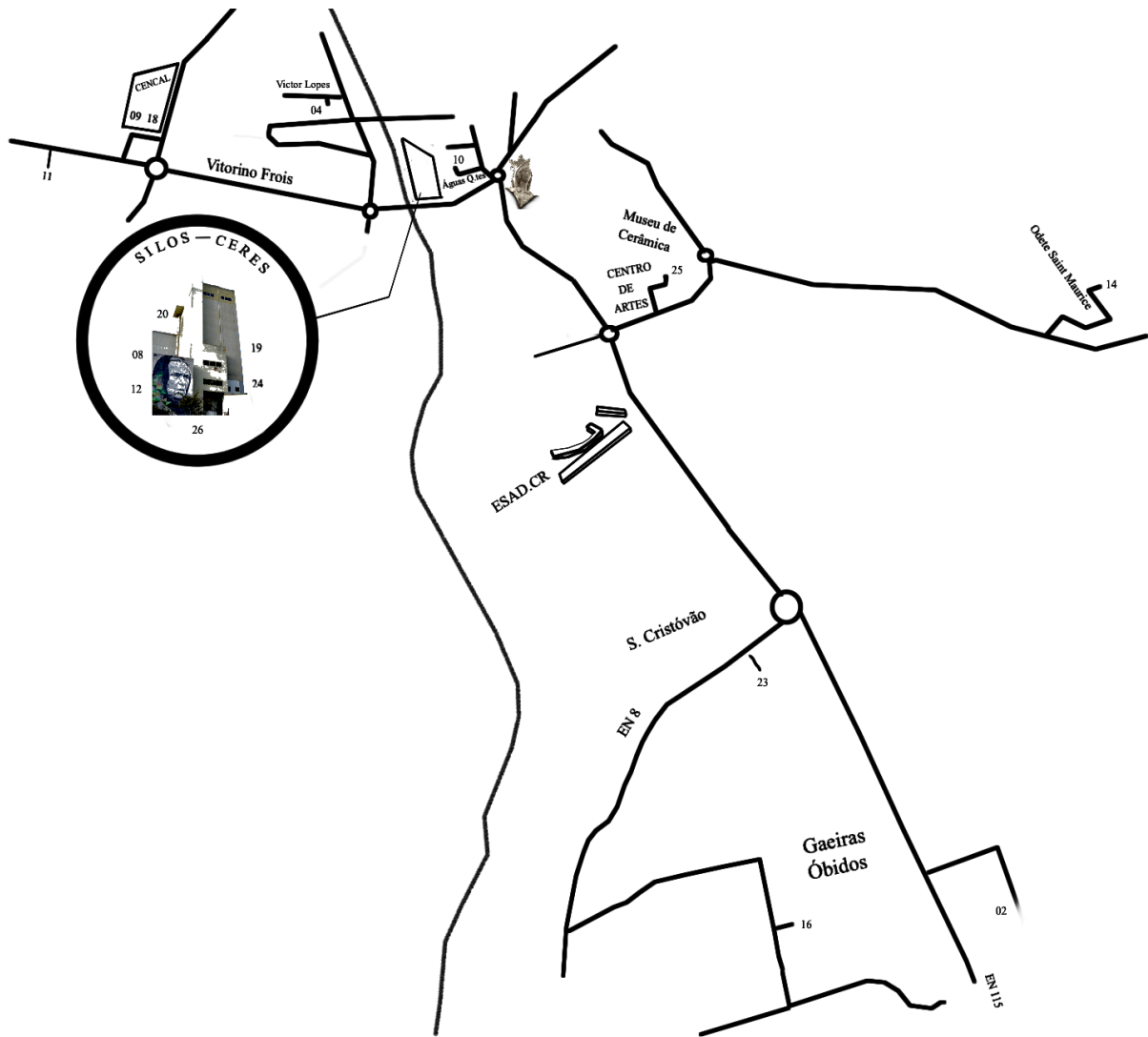


Ilustração 3 - Localização dos ateliês de autores de Caldas da Rainha: 02-Américo Rebelo; 04-Carlos Enxuto; 08-Eneida Tavares; 09-Filipe Faleiro; 11-Ivo Correia; 12-Jorge Carreira; 14-Luís Santos; 16-Paula Rebelo; 18-Rafaela Ferreira 19-Samuel Reis; 20-Teresa Alves;

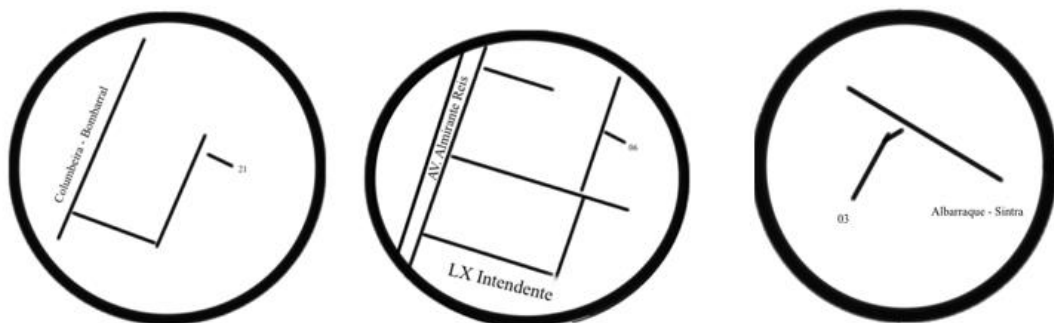


Ilustração 4 - Thomas Shittek; 06-Catarina Nunes; 03-Ana Paula Sobral.

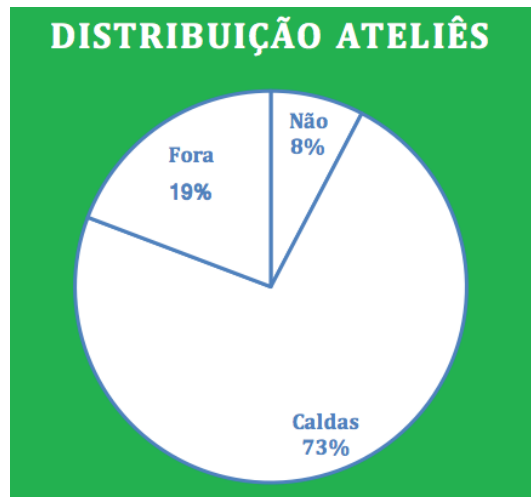


Tabela 21 - Ateliês Caldas da Rainha; dentro concelho Caldas 73%; fora 19%; sem Ateliê 8%

Equipamento principal disponível ou recurso a equipamento externo: os fornos, poderemos dizer que os resultados das obras têm haver com o equipamento disponível a cada autor. Os fornos de maior capacidade cúbica, podem dar origem a outras dimensões nas obras, dependendo do propósito do autor ou propostas de hipotéticas de promotores e condicionando os volumes e quantidades. A dimensão dos fornos passa por bitola e, é a causa limitadora do autor. O recurso por vezes a serviços de cozeduras externas. Hoje em dia está desenvolvido uma troca de serviços e aquisição de produtos, prontos a utilizar ou a modificar. O autor por vezes não descora a possibilidade, na maioria das vezes escassa, mas de trabalhar em série, com produtos de médias quantidades de serviços utilitários e decorativos. Existe um mercado preparado para este setor peculiar. Venda de todos os tipos de pasta, prontas a utilizar, desde às argilas *gordas e líquidas*, a variadíssimos tipos de grés e porcelanas e vidrados crus. A oferta destas pastas e vidrados alargou os horizontes dos autores. Podem arriscar e entrar num mundo que se julgava *tabu*, o da porcelana e do grés. Estes produtos exigiam uma maior capacidade técnica de preparação das pastas em laboratório. As pastas requerem elevadas temperaturas de cozedura que podem ir até aos 1350° Celcius. Em Caldas da Rainha, existem duas empresas especializadas neste tipo de serviços e até, à oferta de cozedura. *Ivo Correia*, que faz a da cerâmica a segunda atividade, a primeira é de Engenharia Biotecnologia, tem na Loja do Ceramista, na zona industrial de Caldas, o seu serviço de cozeduras.

Num ateliê ou oficina, os fatores económicos e financeiros, estão presentes e marcam a gestão e o destino das peças. Os valores de fatura de energia, num atelier de autor considerado normal podem chegar entre duzentos, trezentos ou quatrocentos euros mensais dependendo das vezes das cozeduras e tipo de pastas a cozer. Os fornos, a grande maioria funciona a eletricidade, são os mais fáceis de instalar, depende da Potência Máxima Admissível (PMA) garantida pelo distribuidor da rede elétrica e pelo comercializador o tipo de tarifa contratada com horários aplicáveis de (*Tripla-Tarifa*) ou (*Bi-horária*) sendo o mais económico, das zero horas (00:00) às sete (07:00) da manhã chamada (*hora vazia*). Geralmente todos os fornos elétricos têm um *microprocessador*, permitindo até *cem curvas de*

cozeduras diferentes (Frigola, 2006a). *Carlos Enxuto* tem um forno a gás concebido para os interiores das cidades, adquiriu em França. Quanto maiores forem as temperaturas, mais se optam por fornos a gás. O gás, como já foi citado, garante uma subida mais regular da temperatura e permanência no topo *ideal*. Esta pequena gestão é importante, para a programação das fornadas, opções nas pastas. A faiança tem uma *queima* baixa, as temperaturas que oscilam entre 850° a 1050°. Esta opção de temperatura é resultante de testes executados pelos autores feitos com os *cones pirométricos ou Seger*, que funcionam como medidores de temperatura (Frigola, 2006b). Os cones que têm a forma piramidal, e são colocados no forno, ao nível de visão do óculo, que geralmente está inserido na porta do forno. Colocados com um ângulo de 8°, dando indicações quanto há cozedura. A ponta do cone ao atingir o ponto de fusão e o ângulo os 90° (deitado sobre a superfície da placa do forno), é resultante do tempo necessário à queima. Utiliza-se também os *anéis de buller*, com a mesma avaliação.

As *rodas de oleiros* já citamos, aparecem praticamente em todas as oficinas que visitamos.

As *Lastradoras ou Laminadoras*, é uma ferramenta também muito comum. *Marina Sampaio*, no seu ateliê em (*Caldas Empreende*), exhibe os seus antigos *rolos da massa*, pelo qual antigamente alastrava o barro com duas réguas em paralelo servindo de bitola na espessura da lastra.

A mais bem equipada oficina que visitamos foi a de *Carlos Oliveira* tendo três fornos de várias dimensões e todo o equipamento de apoio à elaboração da maioria das obras que cria em grandes dimensões, como escultor e ceramista.

Carlos Enxuto, é um investigador sobretudo nos vidrados, tem uma *centrifugadora orbital*, que permite fraturar a matéria, dividindo as partículas dos óxidos, para conseguir outros resultados diferentes.

Fixamo-nos em quatro equipamentos essenciais para a produção: os *fornos*, as *rodas de oleiro*, *lastradoras* e *cabines de vidragem*. Quantificámos, e na primeira amostragem, verificámos que os fornos num universo de vinte seis autores, existem trinta e um, mas existem sete autores com zero. Por exemplo *Hugo Marcal Designer*, apoia com este equipamento cinco dos autores. *Luís Santos*, herda do pai dois fornos da oficina em *Mendalvo - Alcobaga* e junta mais dois no seu ateliê em *Caldas*.

A cabine de vidragem mais bem equipada que observamos foi as que contêm uma cortina de água para absorção das gotículas dos vidrados. Curioso que observámos ainda um autor a aplicar vidrados nas peças com a técnica antiga de fixação de desenho em papel ou tela, com um difusor em forma de (T), de aplicação bucal.

Equipamento Principal distribuído pelos 26 Autores								
Designação	Quantidades totais	Autores com	Autores sem	Q. 0	Q. 1	Q. 2	Q. 3	Q. 4
Fornos	31	20	6	7	14	0	3	2
R. Oleiro	26	19	7	7	13	5	1	0
Lastradoras	17	16	10	10	15	1	0	0
C. Vidragem	18	18	8	9	17	0	0	0

Tabela 22 - Extraída do inquérito aos autores.

Pessoal de apoio e partilha de espaço: a grande maioria de autores não tem apoio, lidam com todos os *passos*, excetuando alguns casos ou encomendas que o justifiquem. Temporariamente ou ocasionalmente a maioria dos inquiridos já admitiu estagiários, confessando que a maior parte das vezes descontrolam a rotina no ateliê, devido à falta de prática da maioria deles.

Pedro Brás, tem a mãe de oitenta anos, no apoio aos acabamentos das peças. Dona Idalina Rodrigues, diz que é *Elixir da sua longevidade*.

Carlos Oliveira, tem seis pessoas de apoio, três junto ao autor, e mais três nas estruturas e moldes.





Américo Rebelo, tem no apoio cinco pessoas, uma nos moldes, uma no enchimento, duas no acabamento, uma no forno.








Isabel Claro (Bolota), frequentemente tem uma pessoa a apoiar e uma a estagiar.

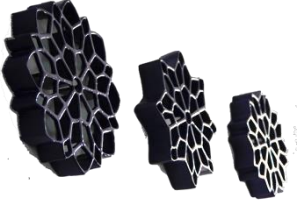


Umbelina Barros, o seu marido Pedro Barros, apoia-a nos vidrados. O curioso é que no dia da entrevista, ajudamos a *desenformar* uns pratos de porcelana da primeira queima, para uma encomenda de um restaurante local.




III. Caracterização dos produtos; tipos de produtos (utilitários, decorativos ou misto); tipos de materiais (pastas); dimensões médias.

<i>Autor</i>	<i>Descrição dos produtos</i>	<i>Imagem</i>
<i>Ana Maria Sobral</i>	Peças em grés, cozidas em forno elétrico à temperatura de 1150°. As peças iniciam na roda de oleiro e na lastradora. Modelação e <i>paper clay</i> . Decoradas com grafismos incisos, engobes e óxidos. As decorações são sempre sobre numa forma de grafismo.	
<i>Américo Rebelo</i>	Peças em faiança, pasta líquida e gorda. A <i>Lenacer</i> , produz peças decorativas e utilitárias. Hoje em dia com alguma regularidade e quantidades, produzem a chamada <i>chacota</i> , apoiando os vários artistas com primeiras peças (1º forma) antes da decoração e 1º queima.	
<i>Ana Paula Sobral</i>	Peças únicas, utilitárias e para várias instituições, em barro branco e vermelho, grés, porcelana. Moldados na roda em lastra. Com os decalques utiliza a técnica de serigrafia. Temperaturas das queimas 980°, 1020 e 1220.	

<p><i>Carlos Enxuto</i></p>	<p>Peças únicas em barro branco e vermelho, grés, porcelana, vidrados e engobes. Utiliza ainda madeiras e metais. Tem várias temáticas e conceitos: O mar e as com réplicas de artefactos arqueológicos, plantas aquáticas, peixes e outros elementos; o conceito Oriente vs. Ocidente, formas e técnicas ancestrais; Pequenas, médias e grandes dimensões; Arte Urbana; azulejaria. Pesquisa de vidrados e engobes. Estatuária, Caixas de Cinzas.</p>	
<p><i>Carlos Oliveira</i></p>	<p>Trabalhos de pequena, média e grandes dimensões sob encomendas, vão desde a cerâmica até ao bronze. Peças Escultóricas em bronze. Barro vermelho, grés, silicone, fibra de vidro, alabastro, resinas isoftálicas e bronze.</p>	
<p><i>Catarina Nunes</i></p>	<p>No seu projeto (<i>Anémoma</i>), utiliza barro branco de baixa temperatura e grés e vidrados. Tem 2 tipos de queima, a 1020° o barro e o grés a 1250°. Utiliza nalgumas peças, como vidro, areia ou plástico. A autora utiliza em situações circunstanciais algumas anémonas para a produção específica de som. Nestas performances, utiliza várias bailarinas que dançam arbitrariamente ao efeito do som produzido, com a fricção das mãos nas anémonas.</p>	
<p><i>Elsa Rebelo</i></p>	<p>Essencialmente as obras começam por uma roda de oleiro apesar da modelação, mas é a roda que a fascina. A pasta que tem trabalhado é o grés (rodado). Na estação <i>RN em Caldas</i> pode-se ver as suas peças expostas com 3 tipos de projeto, (<i>Pontos de Paisagem</i>), inaugurada em junho de 2017. Um <i>degradê</i> de cores que simboliza as cores da terra (Portugal) de norte a sul. Um painel azulejar com motivos de Bordalo, produzido nas Fianças Bordalo Pinheiro com a coordenação da autora, (<i>Percursos de Bordalo</i>) (2009), e uma verdadeira homenagem aos oleiros desta terra e primórdios da cerâmica a (<i>Orla das Gamelas</i>) (2015), antigos malagueiros.</p>	

<p><i>Eneida Tavares</i></p>	<p>Peças cerâmicas com raízes biológicas, caruma adaptada em modo de cestaria e outros componentes, por exemplo couros de pele de animais. Colabora no estúdio <i>Mulato</i>.</p>	
<p><i>Filipe Faleiro</i></p>	<p>Estatuetas com dupla personalidade em grés e pintadas com engobes.</p>	
<p><i>Isabel Claro</i> (<i>Bolota</i>)</p>	<p>Peças decorativas e utilitárias, em barro gordo, grés e porcelana. Desenvolve trabalho essencialmente na roda de oleiro, entre a olaria tradicional e a contemporânea. Tem peças utilitárias em porcelana de serviço de cozinha e restaurante.</p>	
<p><i>Ivo Correia</i></p>	<p>Preserva a memória do pai Armando Correia, utilizado ainda os seus moldes numa linha (<i>XIS</i>), temas naturais e zoomórficos. Pintados com azul cobalto. Nas peças de autor utiliza barro vermelho, grés e porcelana. Coze a 3 fogos, 1250° porcelana e grés, 1020° barro vermelho e a chacota a 800°.</p>	
<p><i>Jorge Carreira</i></p>	<p>Colabora no Estúdio Mulato, com Eneida Tavares. Tem umas peças decorativas potes de cimento. Usa a técnica da cerâmica na elaboração dos moldes e o resultado podia-se considerar uma <i>cerâmica fria</i> se houvesse o termo.</p>	
<p><i>Jorge Lindinho</i></p>	<p>A olaria é de onde nascem as peças decorativas que muitas levam a metamorfose zoomórfica e motivos naturais. Barro vermelho da <i>Bajouca de Leiria</i>, terra conhecida de oleiros e da <i>Cruz da Légua de Porto de Mós</i>. Temperaturas de cozaduras de 900° a chacota, 1030° a vidragem.</p>	
<p><i>Luís Santos</i></p>	<p>Dois níveis de peças: escultóricas e outras meramente de linhas simples (unnome). O escultor além dos projetos S. Bernardo em Alcobaça em pedra, expõe regularmente com a sua exposição concebida com cerâmica e aço inox e vidroaço (...<i>Voando...</i>).</p>	

<p><i>Mariana Sampaio</i></p>	<p><i>Projeto Lastra e Mesa</i>, uma simbiose híbrida entre o bidimensional e o tridimensional. Os bordados da avó estão na base deste projeto da autora. Uma verdadeira homenagem ao tradicional, com o conceito contemporâneo. Grés fino e barro da Bajouca prensado na lastradora. Noutros projetos, porcelana, paper clay, madeira, vidro, tecidos e rendas.</p>	
<p><i>Paula Rebelo</i></p>	<p>Peças decorativas e utilitárias. Pratos, jarras, potes e figuras zoomórficas. Forte aposta nos vidrados escuridos de cores fortes. Projetos escultóricos em estatuária de média dimensão em barro vermelho e pasta gorda. Apoiar-se na base de objetos naturais, por exemplos seixos, e transforma em peças decorativas.</p>	
<p><i>Pedro Brás - Farol</i></p>	<p>O grande volume de saída de peças da oficina, são diretamente para abastecimento de lojas essencialmente de recordações. As sardinhas, as guitarras portuguesas, as bases para velas, o Santo António, vasos cobertos de pétalas, vasos musgados, com andorinhas e etc. As decorações são prensadas manualmente, por exemplo, as pétalas são formadas nas palmas da mão do autor. A oficina faz miniaturas de faróis portugueses.</p>	
<p><i>Rafaela Ferreira</i></p>	<p>Painéis azulejares, pintura em azulejo vidrado cru, com temas diversos (20x30), (20x10) e (10x10). Pequenas tigelas em grés vidradas.</p>	
<p><i>Samuel Reis</i></p>	<p>Peças em vidro, projeto <i>CERNE</i>, apoiado no <i>CENCAL</i> da Marinha Grande. O autor pesquisa nos estaleiros de lenha. Em certos troncos consegue limpar o cerne e daí num modo arbitrário conseguir moldes para a criação de objetos.</p> <p>O autor participa em parceria com <i>Vitor Agostinho</i>, no projeto <i>Moldes Mutantes e vice-versa</i>.</p>	

<p><i>Teresa Alves</i></p>	<p><i>Duas linhas projetos de autor: painéis azulejares de formas redondas com a dimensão máxima de diâmetro de 50cm, painéis retangulares de alto e baixo relevo (20x20), (16x16) e (16x32); Peças em grés decorativas e utilitárias, com motivos naturais com traços estilizados e formas helicoidais (peças de autor); A linha comercial (TA), acessórios de vestuário e fixação em partes metálicas por superfície magnética, em grés prensado manualmente em moldes de gesso, com vidrados monocromáticos e policromáticos com motivos aguerridos e motivos tradicionais.</i></p>	
<p><i>Thomas Schitteck</i></p>	<p>Painéis azulejares de grandes dimensões retangulares ou formato cilíndrico. Pintura sobre azulejo de vidrado cru, motivos circunstanciais seguindo uma linha de conceito inspirada na influência e ambiente do projeto: “... movimentando num campo de linguagem pictórica muito mais amplo que os contemporâneos, fundada na tradição e possuindo o desejo de espanto característica dos modernos.” (Texto de Manuel Margarido)</p> <p>Projeto urbano “Statues of Colour”: Instalação em azulejo, composta por quatro colunas cilíndricas com diâmetros que variam entre 1,4 a 2,5m e altura entre 3,6 a 9m, perfazendo um total de 7208 peças de azulejos de 15x15cm pintados à mão.</p>	
<p><i>Umbelina Barros</i></p>	<p>Várias linhas de projetos: olaria, modelação, instalações escultóricas de sentido figurado decorativas alusivas a projetos específicos e particulares. Trabalhos em barro vermelho branco e pastas líquidas e gordas, grés e porcelanas, vidrados, vidrados escorridos, tradicionais caldenses, raku e engobes. <i>Bina</i>, é a marca mais brejeira para objetos de cariz mais comercial. Temperaturas das queimas: 800° a 900°; 1020° e 1250°.</p>	

<p><i>Victor Mota</i></p>	<p>Duas linhas de projetos: modelação. escultóricas em várias pastas, barro vermelho, barro branco e pastas gordas. Vidrados policromáticos e monocromáticos. Peças únicas com perfis zoomórficos, pratos sobrepostos e colados na queima da vidragem.</p> <p>Projeto <i>Linhas da Terra (LT)</i>, peças de cariz comercial, com imagens populares icnográficas.</p>	
<p><i>Vitor Agostinho</i></p>	<p>Projeto <i>Moldes Mutantes</i>. A oportunidade multifacetada oferecida pelos moldes, eleva a oportunidade de criação de múltiplas peças com conceitos similares, mas distintos perfis. Peças em faiança de pasta líquida e vidrados transparentes.</p>	
<p><i>Vitor Reis</i></p>	<p>Vários projetos, várias peças que funcionam como críticas social, políticas e anti sistémicas. Peças solitárias ou massivas numa descoberta continua entre a cerâmica e a sua forma de expressão.</p> <p>Peças em grés branco, barro vermelho, terracota, faiança, engobes e vidrados.</p>	
<p><i>Hugo Marçal</i></p>	<p>Apoia tecnicamente 5 projetos de cerâmica de autores mencionados. <i>Um dos seus projetos Calçadas Portuguesas (pimenteiros e saleiros)</i>. Faiança em pasta líquida vidrados monocromáticos. Pasta em grés e porcelana.</p>	

IV. Distribuição; loja própria(?); venda direta(?); venda on-line(?); redes sociais

Os autores geralmente participam em exposições efémeras coletivas e de iniciativa própria, onde fazem vendas diretas com o público e contactos futuros nas hipotéticas encomendas massivas.

Ana Maria Sobral e Carlos Enxuto, nos ateliês, têm exposições e venda direta. *Pedro Brás*, tem loja própria na rua de Luís Camões junto ao Parque D. Carlos I, antiga loja da Fábrica Bordalo Pinheiro. A maioria dos autores distribui essencialmente por todo país as peças intitulas como comerciais. O grupo de designers, *Hugo Marçal, Eneida Tavares, Jorge Carreira, Samuel Reis e Vitor Agostinho*, têm um contrato com a Galeria Vicara em Leiria. A galeria é de um antigo aluno da ESAD.CR (*Paulo Sellmayer*), e colocam as peças destes autores, na Dinamarca, Inglaterra e Estados Unidos. *Catarina Nunes*, exhibe as obras geralmente em galerias e daí a sua venda.

Questionados sobre a utilidade de uma plataforma digital na Internet de promoção à cerâmica das Caldas. A grande maioria (88%) disse que sim, (4%) disse que não e (8%) talvez. No entanto alguns autores colocaram a ideia de ser criado um catálogo com os autores sendo o município o promotor da iniciativa.

Todos os autores inquiridos têm acessos às redes sociais, em especial o *facebook*. Nesta rede foi essencial o primeiro contacto com os autores, explicando os objetivos das entrevistas exploratórias e marcação destas.

Cinco autores utilizam a plataforma *blogspot*, mas nenhuma delas está atualizada, com alguns anos de falta de atividade.

5. A Câmara Municipal de Caldas da Rainha e as políticas culturais

5.1. V - *Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?*

VI - *Esforço para promover o artesanato e arte popular (festivais, exposições, feiras, mercados, etc.)?*

Consultando o livro *Cerâmica das Caldas no Século XX – Uma Cronologia*, dispõe-se de uma clara resposta às perguntas suscitadas pela organização da *Rede de Cidades Criativas da UNESCO*. As questões — (V - *Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?*) e [(VI - *Esforço para promover o artesanato e arte popular (festivais, exposições, feiras, mercados, etc.)*)]? — são respondidas na cronologia com o registo das notícias, nos órgãos de informação locais. Analisando a cronologia, nota-se que no ano de 1974 está isento de qualquer registo de atividades no contexto cerâmica. A 16 de Março de 1974, Caldas da Rainha teria sido notícia pela tentativa de golpe de estado, com um movimento logrado, das tropas do quartel das Caldas em direção a Lisboa. Passado um mês e poucos dias, dá-se a revolução de Abril, 25 de Abril de 1974. O Movimento das Forças Armadas (MFA), anula uma ditadura de quase meio século destituindo o governo na altura de Marcelo Caetano que sucedeu a Oliveira Salazar que ostracizava o povo e todas as forças que se opunham ao regime. Uma polícia política (PIDE) e mais tarde (DGS), matando e torturando. Uma censura que supervisionava toda a comunicação e negava as edições em todas as áreas do pensamento e da criatividade. O regime ditatorial suportou durante anos uma guerra colonial de manutenção do território como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Timor. Várias gerações de jovens foram sacrificadas dos dois lados das barricadas, estes territórios vir-se-iam a constituir como países, depois da revolução de Abril. A partir de então, Portugal teve um novo paradigma em todos os setores da sociedade, políticos e culturais. Surgem novos e renovados partidos políticos, movimentos sociais, educativos, sindicais, recreativos, nova comunicação social e, etc., pelo que até esse momento a liberdade era desconhecida. Podemos dizer que houve neste período um momento de reflexão em todos os setores, surgindo pouco a pouco o despoletar de todos os elementos

sociais e direitos da própria liberdade que estaria condicionada. Começa então a partir de 1975, o papel da sociedade e neste caso as edilidades e instituições, agora ao seu serviço da população e não de um regime político. Promoveu-se iniciativas com apoio em variadíssimas áreas da cultura, desporto, saúde e bem-estar e com objetivos centrados nos cidadãos. Surgem então com maior ocorrência iniciativas de criação de estruturas de apoio a estas causas culturais e educacionais. Caldas da Rainha, não fugiu à regra e, a edilidade criou infraestruturas de educação - formação, feiras, congressos, festivais, exposições, centro de artes, promovendo a criatividade e o dinamismo artístico a arte urbana, museus, espaços lúdicos. A propósito a Câmara Municipal divulga no seu site⁴⁸:

Rota Bordaliana; Rota Ferreira da Silva; Casa Museu de S. Rafael Bordalo; Atelier-Museu António Duarte; Atelier-Museu João Fragoso; Espaço da Concas; O Museu Barata Feyo; Museu de Cerâmica; Museu do Ciclismo; Museu do Hospital e das Caldas da Rainha; Museu José Malhoa, Património Histórico e recentemente o Museu Leopoldo de Almeida.

A Gazeta das Caldas em Março de 2015, notícia a propósito dos Museus do Oeste:

Carlos Coutinho foi nomeado diretor dos museus de Cerâmica, José Malhoa e Joaquim Manso (Nazaré). Antes, este responsável já era coordenador do Museu de José Malhoa e passa agora à direção dos três museus, em regime de substituição. O cargo foi anteriormente ocupado por Matilde Couto. (G.C,08-03-2015)

Entrevistamos o diretor dos Museus, *Carlos Coutinho*, no Museu de Cerâmica:

Luís Ascenso — No imaginário, a existir um “epicentro” da cerâmica, considerá-la-ia que seria aqui? Porque estamos na casa do Visconde de Sacavém (Museu de Cerâmica)? Seria aqui o “epicentro” ou o ponto de encontro, nacional da cerâmica?

Carlos Coutinho — Não quer dizer que seja aqui mesmo no palacete, até porque as condições! ... O palacete não reúne as condições para albergar o ‘epicentro’, vamos lá deste núcleo deste da cerâmica conforme disse. Tem que haver um Museu de Cerâmica, tem que ser uma estrutura pensada, pode ser uma ampliação ...

LA — Há já alguma estrutura pensada, ou algum anteprojecto?

CC — Existem anteprojetos, mas temos que olhar de novo para esses anteprojetos, a meu ver, e tem que haver um projeto capaz, um projeto que seja sólido, para albergar aqui o que se pretende em termos de destaque aqui da cerâmica e poder congrega toda a história da Cerâmica. Aqui nas Caldas da Rainha, tem que haver um projeto forte que realmente marque a diferença na cidade. A cidade está a precisar, nesse sentido tem que haver aqui uma força viva de um núcleo de entidades a colaborarem no mesmo sentido, para que se consiga, alcançar esse projeto. (Ascenso, 2016)

Na já citada formação sobre os colecionadores de cerâmica das Caldas tida na Escola Rafael Bordalo Pinheiro, João B. Serra vai mais longe em relação a este assunto: ... *defende também a criação de um museu de cerâmica, de cariz industrial em que seja explicada todo o processo de fabrico desde a escolha*

⁴⁸ Fonte: http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/VISITANTE/MUSEUS consultado em 09-03-2016

de pastas até ao resultado final. Um museu que esteja ao serviço da investigação.

No propósito da Autarquia das Caldas da Rainha, candidatar a cidade, à rede de *idades criativas da UNESCO*, em 2020, foi criada a MOLDA⁴⁹, e tem uma vastíssima programação coordenado pelo professor João Bonifácio Serra:

Caldas da Rainha Cidade Cerâmica é um programa que valoriza as múltiplas vertentes da actividade cerâmica numa cidade que a desenvolve desde a sua origem, há mais de cinco séculos. Todos os domínios da cerâmica aqui foram e continuam a ser cultivados – da cerâmica utilitária à decorativa e artística, da cerâmica de construção ao revestimento e louça de mesa, da olaria à faiança, ao grés e à porcelana. Todas as tipologias de fabrico aqui foram e continuam a ser efectivados: da indústria à pequena produção artesanal e à peça de autor. Todas as modalidades de criação de conhecimento aqui foram e continuam a ser referenciadas: do ensaio através da experiência à investigação laboratorial, da formação em contexto profissional à escolaridade formal e dedicada. Todas as áreas da inovação e criatividade aqui foram e continuam a ser implicadas: das formas à técnica e tecnologia, das pastas aos vidrados, dos materiais à cozedura e ao design. A cerâmica faz parte dos elementos constitutivos da própria cidade. Por isso queremos trazer a cerâmica para o espaço público e vivê-la, desta forma vincando a sua natureza identitária. Este programa reconhece e projecta as Caldas da Rainha como um centro produtor particularmente qualificado para a fixação, difusão, experiência, aprendizagem da cerâmica, nos planos nacional e internacional. Tem presente o facto de a cerâmica estar inscrita, tanto no aspecto patrimonial como empresarial, na região Oeste. Pretende reforçar as dimensões cultural, económica, turística da cerâmica na cidade, na região e no panorama nacional do sector. Numa primeira fase, entre 2015 e 2020, Caldas Cidade Cerâmica envolverá os actores locais e da região em acções de apresentação, criação e celebração da actividade cerâmica. Alternadamente, desenrolar-se-ão, nos anos pares (2016, 2018, 2020) projectos de exposições, conferências e edições, e, nos anos ímpares, projectos de mapeamento, estudo e revitalização de estruturas de criação e produção. Os projectos expositivos, com início neste ano de 2016, configuram uma bienal designada MOLDA. Caldas da Rainha Cidade Cerâmica é iniciativa da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, com comissariado de João B. Serra.

A Gazeta das Caldas notícia uma conferência de imprensa, dada pelo presidente da Câmara Tinta Ferreira, a vereadora da Cultura, Maria Conceição Pereira, e o comissário João B. Serra, anunciando *A Festa da Cerâmica vai continuar em 2017*. A vereadora salienta que o evento irá até 2020 que coincide com a candidatura a Cidade Criativa da UNESCO.

O jornal ainda refere: *Segundo o presidente da Câmara, Tinta Ferreira, este foi um dia importante para o processo em curso de valorização da cerâmica caldense e afirmação das Caldas como uma cidade de cerâmica. O edil manifestou também a sua satisfação com a publicação destes catálogos,*

⁴⁹ Fonte: <http://molda.org.pt/sobre/#abienal>; consultado em 12-03-2017

que ficam para memória futura. Este trabalho pode catapultar as Caldas da Rainha no seu processo de afirmação enquanto concelho em que as Artes e as Águas são elementos identitários. Para Tinta Ferreira estes factores correspondem à nossa visão estratégica para o município (G.C, 17-02-2017).

A autarquia Caldense teve sempre um papel importantíssimo na salvaguarda e no carinho aos seus artistas não só cerâmicos, mas também de outras áreas artísticas. As Caldas têm uma enorme área concentrada de arte pública exposta, não só nas tradicionais rotundas que predomina as esculturas em pedra, mas também as de cerâmica escultórica, como o caso da rotunda à esquina da Escola Rafael Bordalo Pinheiro com a rua do Dr. ° Leonel Sotto Mayor, escultura de Herculano Elias. Todo o património azulejar interno e externo por toda a cidade desde o início, períodos *Romântico*, *Arte Nova* e até aos nossos dias. As rotas já citadas de *Ferreira da Silva e Rota Bordaliana*, feitas de forma a cativar o visitante. A Rota Bordaliana foi pensada, no mesmo percurso que Rafael Bordalo Pinheiro fazia a pé, quando chegava a Caldas da Rainha, pela estação dos caminhos de ferro. As dimensões ampliadas da maioria das peças e colocadas no espaço público, é geradora de uma constante mensagem, podendo os interessados aprofundar a informação mais detalhada de cada peça, através do acesso direto ao site na internet, por meios dos *códigos QR*⁵⁰, tanto registada placa usual informativa, como infundida na calçada portuguesa.



Ilustração 5 - Código QR (sigla do inglês Quick Response) (Fácil Resposta), é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente captado, usada na maioria dos telefones celulares equipados com câmara. Esse código é convertido em texto (interativo), num endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS.

Todas as peças foram feitas na fábrica de Faianças Bordalo Pinheiro e as de maior dimensão estão cobertas com uma caixa de vidro inquebrável para prevenir atos de vandalismo. A Câmara Municipal fez uma aposta forte, nesta *Rota Bordaliana* e um investimento de cerca de 122,1 mil euros e está integrado na candidatura de Regeneração Urbana, sendo participada com 85% por fundos comunitários (G.C.,18-10-2015).

É notório o esforço da Autarquia na adaptação às novas tecnologias com recurso a parceiros de âmbito turístico e divulgação de pontos de visita (pontos de interesse). Uma das parcerias é com o grupo Londrino *Time Out Group*⁵¹, opera em 108 cidades do mundo, em 39 países, com um alcance médio de 137 milhões de visualizações e utilizações mensais nas aplicações, (*APP City Guide*)⁵², sites e revistas,

⁵⁰ Código QR (sigla do inglês *Quick Response*) (Fácil Resposta), é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente captado, usada na maioria dos telefones celulares equipados com câmara. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço URI, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Código_QR consultado em 14-03-2017

⁵¹ <http://www.timeout.com/about/time-out-group/about-time-out>; consultado em 14-03-2017

⁵² Aplicação City Guide; <http://www.timeout.com/city-guides/travel/50-best-travel-apps/>; consultado em 14-03-2017

sobre o segmento de turismo. Este grupo intitula-se como *Guia mundial de arte e entretenimento, gastronomia, bebidas, cinema, viagens, lojas e vida noturna e, etc.*

Autarquia foi prestando ao longo dos tempos homenagem toponímica às personagens de maior importância que se destacaram no setor da cerâmica, tanto empreendedores, como artistas. Algumas das ruas ainda sustentam as placas toponímicas com traço neopalissista. A Gazeta das Caldas a 10 de Março de 2017 a propósito deste tema refere:

Chegou recentemente à Câmara das Caldas um pedido para dar o nome de Hansi Staël a uma rua da cidade. Este reuniu perto de 300 assinaturas, de várias personalidades do mundo da cultura que se uniram para que fosse homenageada a artista húngara que foi diretora artística da SECLA, nos anos 50.

Mas o presidente da Câmara, Tinta Ferreira, diz que não há novas ruas pelo que o pedido – aceite de forma unânime em sessão de Câmara – terá que aguardar que haja novos loteamentos (G.C., Março2017).

No objetivo de criar uma forte ligação à cerâmica o Município impulsionou a criação de uma Associação de cidades e vilas ligadas à cerâmica, a Gazeta das Caldas referia-se assim:

Vários municípios portugueses vão integrar uma nova associação, dedicada à promoção das cidades e vilas portuguesas com tradição cerâmica.

A primeira reunião teve lugar a 13 de Janeiro em Mafra e nela estiveram presentes representantes dos municípios de Mafra, Caldas da Rainha, Alcobaça, Tondela, Reguengos de Monsaraz, Redondo, Ílhavo, Barcelos e Aveiro. Já está marcada um segundo encontro, que deverá ter lugar em Fevereiro, nas Caldas da Rainha para apreciação dos estatutos (G.C., 22-01-2016).

Conclusão

O objetivo desta dissertação é o de responder à pergunta de partida (*Qual o nexa da cerâmica com a cidade Caldas da Rainha?*) e dar a conhecer os novos talentos resultantes desta ligação. Apoiámo-nos nas subquestões lançadas pela UNESCO, (*I - Tradição de longa duração em forma particular de artesanato ou arte popular?*); A resposta a esta questão não fecha com este capítulo, a história está enviesada em todos os capítulos, na relação entre a cidade, com a cerâmica e factos históricos. No começo é um local termal, Caldas, como o próprio nome o indica. A cerâmica começa por um serviço funcional, ao próprio hospital termal. Os artistas foram criando outras formas de subsistência e pela força das circunstâncias criaram os seus próprios percursos. As peças da oficina da *Maria dos Cacos*, essencialmente utilitárias e decorativas, marcam a diferença do vulgar e impõem um estilo próprio. Os objetos, vão para além da normal utilização, despertando a criatividade e a imaginação. *A mulher em forma de garrafa*, hoje, século XXI, estaríamos a falar de marketing, comunicação do produto ou de design, houve um modo imaginoso de o fazer. Quando visitámos a coleção particular de João Maria

Ferreira, a propósito do Curso de Colecionismo foi apresentada pela Dr.^a Margarida Araújo⁵³, a célebre *mulher da garrafa*, com o típico vidrado monocromático, e um curioso *pote com segredo*, — em que o líquido para ser vertido (bebido) teriam que vedar-se dois ou três orifícios — instalados no gargalo do pote em forma helicóide com motivos naturalistas. Os autores das peças tinham sempre o propósito da utilidade, mas ao mesmo nível a preocupação de tornar o objeto gracioso na forma de incitar ambientes bem-dispostos, familiares, sociais e vividos *à volta da mesa*.

Da escola de Mafra, vem Manuel Ciprino Gomes (Manuel Mafra), com o seu notável dom artístico, cria um elo de ligação com a Corte Portuguesa. Pensa-se que o aparecimento do novo estilo *palissiano* (*Neo-Palissy*) tenha surgido desta ligação. As participações de feiras universais e internacionais de M. Mafra e mais tarde Rafael Bordalo Pinheiro e seu filho Gustavo, até à época do início do século XX.

D. Fernando, de Saxe Coburgo-Gotha (D. Fernando II), fazedor, conhecedor e colecionador de cerâmica é dos primeiros impulsionadores da cerâmica caldense. A cerâmica associa-se ao nome das Caldas, (Cerâmica das Caldas) e, é desta forma anunciada com a suas formas naturalistas e típicas da sua cor, mais peculiar, (o verde das caldas).

As Caldas e a cerâmica são referência e a marcam várias gerações de artistas. A cerâmica é o modo de vida e sustento de muita gente que passaram, e passam por esta arte da transformação do pó da terra.

À questão (*II - Centro de formação relacionadas com artesanato e arte popular profissões e afins?*), desenvolvemos a investigação sustentada na história, a formação, e a informação que foi passada de mestres para discípulos. Mais tarde, o desenho na base dos projetos das peças e a necessidade de formação e especialização. A oficialização de cursos específicos de cerâmica no ensino secundário. A surgimento do CENCAL como centro de formação da cerâmica criando técnicos médios nas várias vertentes da cerâmica, por fim a Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, licenciaturas nas áreas do vidro na cerâmica, design, e outras artes. São inúmeras as quantidades de alunos que passaram ao longo destes séculos por estas estruturas de ensino e formação, fábricas, oficinas e ateliês, workshops, ora de aperfeiçoamento profissional, ora ao dito amador que tem no barro o seu modo lúdico.

O passado foi importante para se entender o presente e na questão (*III — Forte presença de fabricantes de artesanato e artistas locais?*), durante a investigação enumeram-se as quantidades de fábricas, oficinas, ateliês, olarias e os artistas associados a estas estruturas, e legados deixados meritoriamente. Por último fomos à descoberta dos novos autores com ligação às Caldas da Rainha. Uma descoberta frutuosa, que marca uma continuidade e preservação da cultura cerâmica caldense. Completando a questão seguinte (*IV — Produção contemporânea de artesanato e arte popular?*), os vultos do passado estão resguardados na história desta cidade e do país. A amostragem destes inquéritos e entrevistas, dão para fazer uma avaliação empírica e tirar ilações. Traça um perfil de autor caldense, mesmo que não nascido nas Caldas, fica com a *chancela* curricular e enigmática. Avaliando as produções contemporâneas e recentes, aos que faleceram podem dormir descansados, porque estes novos autores

⁵³ Professora no CENCAL de História da Cerâmica durante 12 anos.

herdaram o seu modo de estar, de sentir, e de expressar. Beberam o elixir dos Mestres e deixam na cidade a vontade, a criação de novas formas, novos projetos e inovações, conexões de materiais impensáveis, a joalheria com a cerâmica, a cerâmica com bordados ou tricô, cerâmica com a cortiça, e outros projetos surpreendentes.

(IV - Infraestruturas relevantes para artesanato e arte popular, por exemplo, museus, lojas de artesanato, feiras de arte locais, etc.?), é demonstrado nesta pesquisa que ao longo dos tempos na cidade, foi-se criando e recriando espaços, ao serviço dos cidadãos, dos artistas, na conservação da memória, com museus e ateliês, municipais e nacionais. Foi provado da urgência de congregar um espaço, novo ou recriado Museu de Cerâmica, bem estruturado e criterioso. O colossal acervo das coleções de cerâmica que estão ocultas. Incorporar neste museu, a ser projetado, um setor dedicado à arqueologia industrial, investigação e pedagogia conforme foi citado.

As Feiras Nacionais da cerâmica, exposições, conferências, oficinas práticas, *master classes*, vendas de artesanato, comércio local e comércio on-line de cerâmica, decorreram a longo destas quatro décadas do impulso dado pela democracia.

(VI - Esforço para promover o artesanato e arte popular (festivais, exposições, feiras, mercados, etc.?), a *MOLDA*, a bienal (2016-2020), que foi criada no intuito da promoção da ligação da cerâmica com a cidade das Caldas da Rainha responde à última questão da UNESCO e completa a resposta.

Podemos então colocar a pergunta de partida:

Qual o nexu da cerâmica com as Caldas da Rainha?

Temos a certeza de ter dado a resposta nesta investigação. Caldas da Rainha tem de facto uma ligação à cerâmica e por aquilo que revelamos continuará esta ligação. Ainda há muito por descobrir e muito trabalho por fazer. Ficamos com uma mágoa foi o sentido de oportunidade perdida com Ferreira da Silva adiamos a entrevista por algum tempo e só tivemos o tempo de ir ao seu funeral. Estará a fazer falta sem dúvida um acervo digital (áudio e visual), que reúna para memória futura, arqueologia da memória.

A associação, Património Histórico PH – Grupo de Estudos,⁵⁴ têm realizado um trabalho notável na promoção, valorização e defesa do património. Sem esta instituição esta dissertação não seria possível.

⁵⁴ A associação, Património Histórico PH – Grupo de Estudos, fonte: <http://phcaldas.pt/a-associacao/apresentacao/> consultado em: 15-10-2016

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Luísa. (2011). *A cultura como categoria de intervenção pública no tempo e no território*. Tese de Doutoramento em Sociologia Cultural, Diferença e Território. (F. d.-U. Porto, Ed.) Faculdade de Letras - Universidade do Porto.
- Arq-Portuguesa. (2016). *A cidade (medieval-barroca-séc. XIX) - Portuguesa*. Acedido em: 03-01-2017, de Arquitetura Portuguesa (BLOG) em: www.arquiteturaportuguesa.pt
- Az, Rede. (2015). *Az rede de investigação em azulejo*. Acedido em: 15 de Outubro de 2016 <http://redeazulejo.fl.ul.pt/timeline/>
- Azulejo, M.N. (s.d.). *Museu nacional do azulejo - Cronologia do azulejo em Portugal*. Acedido em: 07 de Abril de 2016, em: <http://www.museudoazulejo.gov.pt>
- Baranano, Ana. (2008). *Métodos e técnicas de investigação em gestão*. 1ª Edição - 2ª Impressão ed. Edições Sílabo. Lisboa.
- Bernarda, João. (2001). *A Loíça de Alcobaça*. Edições ASA. Gaia
- Castanheira, Isabel. (2014). *As Caldas de Bordalo*. (Arranha Céus, Ed.) Amadora
- Castro, Museu (s.d.). *Museu Machado de Castro*, Coleções Cerâmica. Acedido em: 15 de Outubro de 2016 em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt>
- Cencal (s.d.) *CENCAL*. História. Acedido em: 02-02-2016 em: <http://www.cencal.pt/article/historia.html>
- Cerâmica, G. d. (1990). *50 Anos de cerâmica caldense, 1930 - 1980*. Caldas da Rainha: Grupo de Amigos do Museu de Cerâmica, Caldas da Rainha.
- Cerâmica, Portal. (s.d.). *Portal cerâmica*. Acedido em: 28 de 07 de 2017, em: <http://www.ceramica.pt/setor.php>
- Chavarria, Joaquim. (1999). *Moldagem - Aulas de Cerâmica*. Estampa, Ed. Lisboa
- Chaves, Luís. (1925). *Os Barristas portugueses*. Subsídios para a História da Arte Portuguesa. Imprensa da universidade de Coimbra, Ed. Coimbra
- Cipriano, Carlos. (2008). *Maior cerâmica das Caldas da Rainha vai encerrar no final do mês*. Público Acedido em: 20 de 11 de 2015 em: <http://www.publico.pt/economia/noticia/maior-ceramica-das-caldas-da-rainha-vai-encerrar-no-final-deste-mes-1332086>
- Costa, Lucília. (2000). *25 Séculos de cerâmica*. Estampa, Ed. Lisboa
- Couto, Maria. (1998). *A arte da miniatura em barro - escultores e barristas*. Museu José Malhoa. Caldas da Rainha
- David, Feliciano e Rodrigues, Graciete. (2011). *A arte nova nos azulejos em Portugal*. Município de Aveiro, Ed. Aveiro
- Eco, Umberto. (1997). *Como si fa una tesi di laurea*. (E. Presença, Ed., & A. F. L. Leitão, Trad.) Milano.

- Pinheiro F. Bordallo. (s.d.). *Produtos*. Bordallo Pinheiro. Acedido em: 20-08-2017 em: <https://pt.bordallopinheiro.com/>
- Ferreira, Octávio e Leitão, Manuel. (1984). *Portugal pré-histórico - seu enquadramento no mediterrâneo*. Publicações Europa América Ed. Mem Martins
- Fricke, Johann. (1978). *A cerâmica*. Editorial Presença. Queluz
- Frigola, Maria. (2006). *Cerâmica artística*. E. Estampa. Lisboa
- Gomes, Saúl. (1994). *As cidades tem uma história*. Património Histórico - Estudos e Documentos P. H. Caldas da Rainha.
- Gouveia, Margarida e Silva, Joaquim (1993). *Paredes de louça - azulejos de fachada das Caldas da Rainha*. (P. Histórico, Ed.)
- Guedes, Maria. (1992). *População e sociedade caldense no século XVI*. PH - Património Histórico ed.Vol. 3. Caldas da Rainha
- Horta, Cristina. (2016). *Manuel Mafra - ceramista da casa real portuguesa*. Caleidoscópio. Casal de Cambra
- Lobo, Carla. (2016). *Molde - uma coleção de cerâmica da Molde Faianças*. Molda 2016. Câmara Municipal de Caldas da Rainha. Caldas da Rainha
- Lopes, Vitor. (2001). *Testemunho nas paredes*. A. C. D. Editores. Lisboa
- Machado, João. (1987). *Azulejos do hospital termal das Caldas da Rainha*. Museu José Malhoa, Ed. Caldas da Rainha
- Mangorinha, Jorge. (2000). *O lugar das termas*. Livros Horizonte Ed. Lisboa
- Molda 2016. (2016). *Animais na cerâmica caldense - Coleção de João Maria Ferreira*. Catálogo Molda 2016. Caldas da Rainha
- Medina, João. (2008). *Caricatura em Portugal - Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do zé povinho*. Colibri, Ed. Lisboa
- Morais, L., Carneiro, N., Leite R., (2012). *Guia de boas Práticas de gestão estratégica na indústria cerâmica europeia*. APICER-Associação Portuguesa da Indústria Cerâmica.CH Business consulting sa ed. Coimbra
- Museu J. Malhoa. (1989). *Artistas caldenses*. Instituto Património Cultural Português. Caldas da Rainha
- Capelo, R., Monteiro, A., Nunes, J., Rodrigues, A., Torgal, L., Vitorino, F., (1994). *História de Portugal em datas*. Circulo de Leitores, Ed. Lisboa
- Queirós, José. (1907-2002). *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*. Presença, Ed. Barcarena
- Quivy, Raymond ; Campenhoutd, Luc Van. (1992). *Manuel de Recherche en Science sociales*. (Gradiva, Ed.) Paris.
- Rabaçal, P. (2013). *100 Datas que fizeram a história de Portugal*. Segunda edição ed. Marcador. Barcarena
- S. Paulo, J. (1657-1959). *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor* Tipografia Ideal ed. . (Correia, F. Trad.) Lisboa
- Serra, J. B. (1991). *Arte e indústria na cerâmica caldense*. Património Histórico - Estudos e Documentos P. H. Caldas da Rainha.
- Serra, J. B. (1995). *Introdução à História das Caldas da Rainha*. Património Histórico - Estudos e Documentos P. H. Caldas da Rainha.
- Serra, J. B. (1996). *Herculano Elias na tradição cerâmica caldense*. Acedido em: cidadeimaginaria.org/cer/HerculanoElias.pdf: cidadeimaginaria.org. em: 13-05-2015
- Serra, J. B. (2000). *HistESAD.pdf*. Acedido em: cidadeimaginaria.org/cer/HerculanoElias.pdf: cidadeimaginaria.org em: 13-05-2015
- Serra, J. B. (2007). *Cidade Imaginária*. Acedido em: Cidade Imaginária Origens históricas da louça genital das Caldas: uma hipótese de trabalho. em: 13-05-2015

- Serra, J. B. (2007). *Nota (breve) sobre Bordalo, a Jarra e Beethoven*. Acedido em: cidadeimaginaria.org. em: 13-05-2015
- Serra, J. B. (2008). *Cidade Imaginária*. Obtido de Eduardo Constantino - Catálogo de Exposição Óbidos: <http://cidadeimaginaria.org/cer/hcer.htm>. em: 13-05-2015
- Serra, J., Xavier, I., Oliveira, C., Cândido, P. (2016). *Cerâmica das caldas no Século XX: Uma cronologia* Associação Património Histórico PH - Grupo de Estudos; Molda 2016; Caldas da Rainha Cidade Cerâmica ed. Caldas da Rainha
- Serra, J. e Pereira, J. (2017). *Caldas da Rainha – Um roteiro*. Câmara Municipal C. Rainha Ed. Caldas da Rainha
- Silva, J. A. e Constantino, E. (2000). *Artes do fogo sabedorias dos homens*. Património Histórico - Estudos e Documentos P. H. Caldas da Rainha.
- Silva, J. C. (1987). *A igreja de Nossa Senhora do pópulo de Caldas da Rainha - V centenário hospital termal - 1485 - 1985*. Edição de autor. Caldas da Rainha
- Silva, J. L. (2004). *Cenários para as indústrias dos sectores tradicionais em Portugal num horizonte de 2010/2015*. CENCAL. Caldas da Rainha
- Silva, Manuela. (1994). *A região de Óbidos na Época Medieval*. Património Histórico - Estudos e Documentos P. H. Caldas da Rainha.
- Xavier, I. (2015). *Criar espaço público para o espaço público – Ensaio sobre as instituições de artes contemporâneas em Portugal*. ESAD.cr / IPL Ed. Caldas da Rainha
- Xavier, I., Serra, J., Oliveira, C., Cândido, P. (2016). *Cerâmica das caldas no século XX: uma cronologia*. PH Grupo de Estudos; Molda 2016; Caldas da Rainha Cidade da Cerâmica, Molda 2016, Ed. Caldas da Rainha
- Xavier, I., Serra, J., Costa, Lucília. (2017). *Ferreira da Silva - Obra em espaço público* (Câmara Municipal de Caldas da Rainha ed. Caldas da Rainha

ANEXOS

Anexo - I - Tabela elaborada pelo autor da dissertação, do livro de João Saavedra Machado; Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha—Séculos XVI—XVII.

Período	Quantidade de painéis	Tipo	Origem
Cerca de 1500	3	Hispano-Mourisco, Corda Seca, Vidrado Policromo	Sevilha
Início do século XVI	1	Hispano-Mourisco, Aresta, Vidrado Policromo, Decoração geométrica tipo mosaico radial estrelado	Sevilha
1ª metade do século XVI	1	Hispano-Mourisco, Aresta, Vidrado Policromo, Decoração fitomórfica de inspiração renascentista	Sevilha
1659	1	Padronagem Tapete, Pintura policroma, Decoração geométrica e vegetalista	Produção Portuguesa Lisboa
1659	7	Padronagem Tapete, Pintura policroma, Decoração geométrica e naturalista	Produção Portuguesa Lisboa
1659	5	Painel de oratório, Decoração policroma (azul e amarelo sobre branco) a imitar renda	Produção Portuguesa Lisboa
1667 / 1668	1	Tábua do Almoxarife para a conta do carneiro que se dá de jantar aos enfermos do Hospital, Painel incompleto, Pintura a azul e branco	Produção Portuguesa Lisboa
1710 / 1719?	11	Painéis Historiado, Ciclo dos Mestres, Pintura azul e branco, Representações da vida Mariana e outras representações de santos e motivos religiosos	Produção Portuguesa, António de Oliveira Bernardes e o filho Policarpo
1743 / 1745	12	Painéis Historiado, Ciclo dos Mestres, Pintura azul e branco, Representações da vida de S. Sebastião	Produção Portuguesa, Oficina Bartolomeu Antunes
1747 / 1750	7	Painéis Historiado, Ciclo dos Mestres, Pintura azul e branco, representações de Nossa Senhora do Pópulo, S. Pedro, S. Camilo de Lelis, Santa Isabel, Santa Clara de Assis, S. Amaro e S. João de Deus	António Roiz (?)

Anexo II - Tabela extraída do site do CENCAL; Fonte: <http://www.cencal.pt/article/historia.html>

ANO	Acontecimento	Observações
1985	CENCAL participa;	Projeto UNCTAD/GATT - ICEP - Projeto em Design de Embalagem com o designer finlandês Leo Niklander, consultor das Nações Unidas para o Desenvolvimento e ex-designer da Arabia e da Tato Corrugating Plant. (Cencal/História.pt, 2016)
1986	Visita ao CENCAL da Diretora do Metropolitan Museum of Art de Nova York.	Conferência de Mrs. Milred Mottaheded (coleccionadora e proprietária duma rede de venda de porcelana de coleção nos EUA) sobre A História do Homem Escrita em Cerâmica.

			(Cencal/História.pt, 2016)
1986		CENCAL Convida Designer	Isabel Tapia (Espanha), (Cencal/História.pt, 2016)
1986		CENCAL 1986 – 2010	Neste período foram organizados workshops ou atividades com a participação de ceramistas, técnicos e outros especialistas nacionais ou estrangeiros, direta ou indiretamente organizadas pelo CENCAL. Assim durante a sua existência o Centro contou com a colaboração de Alberto Faria Frasco, Ferreira da Silva, Armando Correia, Arlindo Fagundes, Manuel Cargaleiro, Martins Correia, Sá Nogueira, Dimas Macedo, Eduardo Constantino, António Pascoal, Figueiredo, António Antunes, Augusto Cid, Zé d'Almeida, José Hipólito, Fernando Relvas, Sena da Silva, Arnold Zimmerman, Jorge Pacheco, Rafael Salinas Calado, Eduardo Nery, José Nobre, Mário Ferreira da Silva, José Meco, Cecília de Sousa, António Cardoso, Xoan Viqueira (Espanha), Francis Behets (Bélgica), Pompeo Pianezzola, Nino Caruso e Ambroggio Pozzi (Itália), Haberling (Suíça), Genya Sonobe, Yuji Terashima e Koji Konde (Japão), Enrique Mestre (Espanha), Ivan Jandric (Jugoslávia) que tiveram um papel interessante na actividade do Centro. (Cencal/História.pt, 2016)
1987		CENCAL - Programa de Intercâmbio de Jovens da CEE	Recepção jovens provenientes da Dinamarca, França, Grécia, França, Alemanha e Espanha. (Cencal/História.pt, 2016)
1987		CENCAL - Ministério dos Negócios Estrangeiros português	Estágio de dois jovens belgas no quadro da cooperação entre Instituto Belga de Formação Permanente das Classes Médias de Aprendizagem e o Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas. (Cencal/História.pt, 2016)
1987		Workshop no CENCAL sobre Design de Olaria com Francis Behets	Programa da Conferência Europeia para o Artesanato, organizado pelo World Craft Council (Conselho Mundial para o Artesanato, organismo da UNESCO), organizado pela Secretaria de Estado da Cultura. (Cencal/História.pt, 2016)
1987		CENCAL Convida Designer	James Kirkwood (Reino Unido), (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL participa no Seminário na FIL no âmbito da Ceramex, sobre Os mercados da Cerâmica Decorativa e de Mesa nos anos 90	CEE, Escandinávia e América do Norte, com a participação de especialistas belgas (Guy Hobart e Jean Bleeveld) e norte-americano (Phillis Sweed). (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL - Programa de Intercâmbio de Jovens Trabalhadores Europeus	Recebidos jovens de vários países europeus e enviado um grupo para a Espanha e outro para a Grécia. (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL organiza conferência sobre A Fábrica de Cerâmica de Mesa do ano 2000	Investigador da British Ceramic Research, Dr. Christopher G. A. Clayton. (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CEDEFOP – O CENCAL foi selecionado para apresentar o seu projeto CERCADAM	Bolsa de Ideias no 2º Congresso Europeu da Formação Contínua em Berlim (Alemanha). (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL organiza Workshops	Ceramistas Xohan Viqueira (Espanha) e Francis Behets (Bélgica). (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL participa 1988/1990 Cerâmica integrado na rede europeia EUROTECNET.	Programa EUROTECNET – Projeto CERCADAM - de formação de operadores de CAD/CAM (Cencal/História.pt, 2016)
1988		CENCAL Convida Designer	Mariane Stockholm (Dinamarca), (Cencal/História.pt, 2016)
1989		Participação do CENCAL com um stand do projeto CERCADAM no quadro da delegação do IEFP.	Congresso Europeu da Formação Profissional na Cité de la Technologie et de l'Industrie em La Vilette (Paris) (Cencal/História.pt, 2016)
1989		CENCAL Convida Designer	Lorenzo Porcelli (Estados Unidos), (Cencal/História.pt, 2016)
1990		CENCAL participa;	Projeto de formação Transnacional com o Greta Leman (França) de Assistentes Técnico-Comerciais à Exportação. (Cencal/História.pt, 2016)

1990	17 a 22- 07	12ª Feira Nacional da Cerâmica	21- Jornadas sobre o Barro Vermelho; Org. ANIBAVE Jornadas Técnicas/Colóquios com Eng.ª Maria Helena Arroz do CENCAL; Eng.ª Noélia Duarte do LNETI; Eng.º Lopes Costa do IQA. (G.C, 20-07-1990) (BMCR3769)
1990		CENCAL Convida Designer	Ambrogio Pozzi(Itália), (Cencal/História.pt, 2016)
1991		CENCAL participa	Presença no Colóquio Europeu de Formação Contínua de Berlim com num stand Europeu de organismos com projetos conjuntos transnacionais, liderado pelo Greta-Leman (França) (Cencal/História.pt, 2016)
1991		CENCAL	Workshop Internacional de Cerâmica com Erich Haerberling (Suíça) (Cencal/História.pt, 2016)
1991		CENCAL 1991-1992	Programa de Estágios – Intercâmbio de estagiários com o GRETA LEMAN (França). (Cencal/História.pt, 2016)
1991		Conferência no CENCAL	Cerâmica por Basso Battista industrial de Bassano dal Grappa (Itália) (Cencal/História.pt, 2016)
1991		CENCAL - PROGRAMA EUROTECNET; 1991 - 1995	PROGRAMA EUROTECNET - Projecto CIMCER – CIM (Produção Integrada por Computador). Parceiros transnacionais: Centro Formacion Ocupacional INEM (Llobregat - Barcelona); I.T.O. vzw Vlaamse Katholieke Industriële Hogescholen (Malines - Bélgica). (Cencal/História.pt, 2016)
1991		CENCAL Convida Designer	Tassilo von Grolman(Alemanha), (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL	Intercâmbios na Europa – Visita de estudo do Liceu Auguste Renoir (Paris). (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL	Workshop internacional de cerâmica com Francis Behets (Bélgica). (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL	EUROPALIA (Bruxelas) - Colaboração com o IEFP na representação portuguesa de designers com obras em cerâmica. (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL	Participação na Exposição Transversalles/92 – Festival de Arte e Economia em La Rochelle (França) (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL	Programa PETRA (Programa de acção comunitário para a Formação Profissional dos Jovens e a sua Preparação para a Vida Ativa e Adulta) – Estágio de estudantes irlandeses da Arklow Entreprise Centre Ltd (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL - Programa PETRA 1992 - 1993	Programa PETRA - Projeto CERÂMICA 2000 - Rede Europeia de Parcerias de Formação na Cerâmica. Parceiro - Arklow Entreprise Centre Ltd., Arklow (Irlanda). (Cencal/História.pt, 2016)
1992		CENCAL Convida Designer	Peter Weeler(Reino Unido), (Cencal/História.pt, 2016)
1993		CENCAL - Programa PETRA 1993 - 1994	Programa PETRA – Projeto CERÂMICA 2000 - Visitas de estudo (Cencal/História.pt, 2016)
1993		CENCAL Convida Designer	Tapio Yli Viikari(Finlândia), (Cencal/História.pt, 2016)
1994		CENCAL - Programa PETRA II	Programa PETRAII – CERAMICA 2000 - Rede Europeia de Parcerias de Formação na área cerâmica. Parceiros: Arklow Entreprise Centre LTD. (Arklow/Irlanda). Participantes: Lycée Professionnel Henry Moisand (Longchamp - França), Escola de Cerâmica de Manises (Valência - Espanha), Liceu Artístico Jean Renoir (Paris - França), Instituto de Arte Estatal para a Cerâmica Gaetano Ballardini (Faenza/Itália). (Cencal/História.pt, 2016)
1994		CENCAL	Workshop internacional de cerâmica com Francis Behets (Bélgica)
1994		CENCAL - Programa PETRA	Programa PETRA – Lycée Professionnel Henry Moisand (Longchamp - França), da Arklow Entreprise Centre Ltd. E do Liceu de St. Denis (França). (Cencal/História.pt, 2016)
1994		CENCAL Convida Designer	Ambrogio Pozzi(Itália), (Cencal/História.pt, 2016)

1995		21-12-1995 a 14 -01-1996 Exposição de Presépios	Osíris – Galeria Municipal (BMCR)
1995		CENCAL - PROGRAMA EUROTECNET	Programa EUROTECNET – Desenvolvimento do projeto transnacional com o BAT EUROTECNET e o NADU Espanha sobre Flexibilidade - o Novo Paradigma da Produção e as Respostas Flexíveis da Formação numa Empresa Qualificante. Parceiros: I.T.O. vzw Vlaamse Katholieke Industriële Hogescholen - Malines - Bélgica, INEM/Centro Formacion Ocupacional - St. Felii de Llobregat – Barcelona- Espanha, Centro de Tecnologia Aplicada del Valles – Salvador – Limonero - Espanha, Eurocopter – Marignane – França. (Cencal/História.pt, 2016)
1995		CENCAL - PROGRAMA EUROTECNET	Medidas Transitórias Programa EUROTECNET - Realização de Seminário-Workshop Novas Competências nos Sistemas Emergentes de Organização e de Produção: Produção Magra e Produção Reflexiva, com participantes de Espanha, Bélgica, Itália, Reino Unido, Dinamarca, Alemanha e Suécia. (Cencal/História.pt, 2016)
1995		CENCAL	Festa Ibérica da Olaria (Reguengos de Monsaraz) – Participação com pavilhão e comunicações na Festa Ibérica da Olaria e do Barro. (Cencal/História.pt, 2016)
1995		CENCAL Convida Designer	Isao Hosoe(Japão), (Cencal/História.pt, 2016)
1996	13-02 a 24-03	Olaria de Timor - Exposição - Galeria Municipal Osíris - Caldas da Rainha	Catálogo da exposição: 23 de Fevereiro a 24 de Março de 1996. Coleção de José D. C. Arez (BMCR) 738.22(083.82)
1996		CENCAL 1996 - 1997	Iniciativas Comunitárias YOUTHSTART - Projeto Técnicas Gráficas e Multimédia para Jovens – Parceiros: Notting Dale Technology Centre (Londres - Reino Unido) e TECNOVA (Termoli - Itália). (Cencal/História.pt, 2016)
1996		CENCAL 1996 - 1997	IC ADAPT – Colaboração com a UNEFOR (Universidade de Aveiro) no desenvolvimento do projeto TRANSMIT para a realização dum Modelo de Levantamento de Necessidades de Formação para a Cerâmica de Construção, tendo como parceiros a Essex Training Enterprise Council (Reino Unido), a Regional Bureau Onderwijs (Holanda), a IBEC – Irish Business and Employers Confederation (Irlanda), a Probest Service (Itália) e a Bazan (Espanha) 1996 – Intercâmbio com Itália – Visita de estudo a Portugal do curso de Cerâmica para Designers do Centro de Cerâmica de Sassuolo(Itália). (Cencal/História.pt, 2016)
1996		CENCAL Programa Leonardo 1996 - 1998	Programa LEONARDO – Participação no projeto CERAFORM - Ceramique: Cultures Professionnelles et Pratiques Innovantes de Formation - liderado pelo Centre Formation d’Apprentis - CFBT (Marseille – França); Parceiro: Landesfachschule fur Keramik und Ofenbau (Stoob – Áustria). (Cencal/História.pt, 2016)
1996		CENCAL 1996 - 1997	Programa LEONARDO – Intercâmbios e Estágios de Formadores - Projeto Cereurop - OBSCERAMICA - Observação de Práticas Profissionais na Cerâmica – Parceiro Escola Cerâmica de Provence-Aubagne, organismo que faz parte do Centre de Formation de la Bourse du Travail de Marseille (CFBT) (Cencal/História.pt, 2016)
1996		CENCAL 1996 - 1997	Programa LEONARDO – Intercâmbios e Estágios de Formandos - Projeto Observação de Práticas Profissionais na Cerâmica – Parceiro: Liceu Profissional de Cerâmica Henri Moisand – Longchamps (Cencal/História.pt, 2016)
1996		CENCAL Convida Designer	Ingeregerd Råman(Suécia) (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL 1997 - 1998	Workshops de RAKU com ceramistas japoneses apoiado

			pela Japan Foundation - Mestres ceramistas: Genya Sonobe, Yuji Terashima e Koji Konde. Professora de Ikebana (arte de arranjo floral e mestre da arte da cerimónia do chá) - Kiyomi Nishimura (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL – Projeto Cerdesign	Plano de Ação em matéria de educação e formação profissional da Comissão Europeia (DGXXII) – Projeto Cerdesign - Atelier Design Europa / Europa Jovem - Parceiros: University of Art and Design - Helsinki UIAM - Department of Ceramic and Glass Design (Helsinki, Finlândia), Dansk Design Uddannelse/College of Danish Design (Kolding, Dinamarca), Staffordshire University - School of Design and Ceramics – (Stoke-on-Trent Reino Unido), - ICEP - Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Tecnologia, Gestão, Arte e Design de Caldas da Rainha, Escola Superior de Arte e Design de Matosinhos, Faculdade de Arquitetura de Lisboa, Universidade Lusófona, Escola Superior de Arte e Design da Fundação Ricardo Espírito Santo de Lisboa, ARCA de Coimbra. (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL	Contactos e visitas de representantes do CTC – Centro de Tecnologia Cerâmica do Brasil. (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL	Estágio no CENCAL da doutoranda brasileira Dulce Fernandes, da Universidade de Curitiba/Paraná, em Design Cerâmico (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL	CERÂMICA-CALDAS/97 - Festival TERRA(LAND) • MEMÓRIA • TERRA(CLAY) – com a participação de Xohan Viqueira, Emidio Galassi, Herculano Elias e Rui Ribas (Cencal/História.pt, 2016)
1997		CENCAL Convida Designer	Jorge Pensi (Espanha) (Cencal/História.pt, 2016)
1998	09-04 a 31-05	Eduardo Constantino - Exposição - Galeria Municipal Osfris - Caldas da Rainha	Coordenação: Valter Vinagre, Carlos Alberto Ribeiro Mota BMCR 35696
1998		CENCAL	Programa Juventude para a Europa - Estágio cultural com grupo de estudantes finlandeses – Parceiro Kesalukioseura. Este intercâmbio estava integrado no programa de cooperação cultural luso-finlandês. (Cencal/História.pt, 2016)
1998		CENCAL 1998 - 1999	Participação numa ação de Marketing de Formação /Consultoria de Formação organização IEFP/bfz (Alemanha) (Cencal/História.pt, 2016)
1998		CENCAL 1998 - 1999	IC ADAPT - ProjectoCERKEYCOM - Best Practices For Key Competences - An integrated approach with diagnosis, consultancy and training - Nos projetos integravam-se parceiros nacionais, franceses, alemães, finlandeses, italianos e austríacos. No final foi organizada uma visita de estudo com representantes das empresas participante no estudo a Itália (região de Treviso, Modena e Faenza). Este projecto apenas contou com a aprovação da parte ADAPT. Parceiros: AGFOL-Provincia Treviso (Itália) e Kuopio Academy of Crafts and Design – Kuopio (Finlândia). (Cencal/História.pt, 2016)
1998		CENCAL Convida Designer	Tapio Yli Viikari(Finlândia), (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL 1999 - 2001	Programa COMENIUS-SÓCRATES – Projeto de constituição de uma Iniciativa de Formação e Educação em Cerâmica – CENoE (Ceramic Educational Network of Europe) – Parceiros iniciais: Staatliche Fachschule fur Keramik Hohn Grenzhausen (Alemanha), Lycée Professionnelle de la Céramique Henry Moisan de Longchamps (França), SPSK – Stredni Prumyslova Skola Keramicka Karlovy Vary (República Checa), Akademia – Kuopion Kasi-Ja Taideteollisuusakatemia (Finlândia). Novos parceiros: Panstwowe Liceum Sztuk Plastycznych

			(Polónia) e Schle fur Farbe und Gestaltung Stuttgart (Alemanha). (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL 1999 - 2000	Programa LEONARDO – Projecto CEMOMÉDIA Observação de Práticas Profissionais em Cerâmica, Mobiliário e Multimedia - Estágios de formadores em França (Liceu Profissional de Cerâmica Henri Moissand – Longchamps), Finlândia (Akademia – Kuopion Kasi-Ja Taideteollisuusakatemia e University of Art and Design - Helsinki UIAM - Finlândia), Espanha (Seminário de Estudos Cerâmicos - Fábrica de Porcelanas de Sargadelos) (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL 1999 - 2000	Programa LEONARDO – Intercâmbios de Formandos - Projecto Cereurop II - Realidades Europeias da Cerâmica – Parceiro Liceu Profissional de Cerâmica Henri Moissand – Longchamps (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL	Programa Juventude para a Europa – Estágios de jovens finlandeses (Kesalukioseura) e italianos (Câmara de Ancona). O intercâmbio com o grupo finlandês estava integrado no programa de cooperação cultural luso-finlandês. (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL	Reino Unido – Visita de alunos do Royal College of Art no âmbito dum a pós-graduação daquela conceituada escola inglesa de design, que estavam de visita a Portugal. (Cencal/História.pt, 2016)
1999		CENCAL Convida Designer	Concurso Jovem Designer Especial realizado com os vencedores dos anos anteriores – integrado na exposição EXPERIMENTA (Barcelona) (Cencal/História.pt, 2016)
2000		CENCAL 2000 - 2001	Programa LEONARDO – Projecto de estágios de formadores, técnicos de formação e de planeamento da formação na Alemanha, República Checa, Polónia, Itália. (Cencal/História.pt, 2016)
2000		CENCAL	Workshop de Cerâmica Criativa com Tim Proud (Reino Unido) (Cencal/História.pt, 2016)
2000		CENCAL Convida Designer	Ron Arad (Reino Unido) (Cencal/História.pt, 2016)
2001		CENCAL	Programa LEONARDO – Visita da direção e estágios de alunos da Escola Panstwowe Liceum Sztuk Plastycznych (Polónia) no CENCAL (Cencal/História.pt, 2016)
2001		CENCAL 2001 - 2006	Programa EQUAL - Projecto <i>www.ROTA DO FOGO E DA TERRA - INDÚSTRIA CERÂMICA - TURISMO INDUSTRIAL, CIENTÍFICO E CULTURAL</i> - Parceria nacional: CENCAL, AIRO – Associação dos Industriais da Região Oeste, APICER – Associação Portuguesa da Indústria Cerâmica, DGT - Direção Geral de Turismo, ESTGAD – Escola Superior de Tecnologia, Gestão, Arte e Design, Câmaras Municipais de Barcelos (Museu da Olaria) e de Reguengos de Monsaraz, CRP – Centro Rodoviário Português, Federação dos Sindicatos da Indústria Cerâmica e as empresas: Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, SA, Faianças Artísticas Bordalo Pinheiro, Lda. e Raul da Bernarda & Filhos, Lda. (Cencal/História.pt, 2016)
2001		CENCAL Convida Designer	Isao Hosoe (Japão). (Cencal/História.pt, 2016)
2002		CENCAL Convida Designer	Prof. Valentinitich (Áustria) (Cencal/História.pt, 2016)
2003		CENCAL 2003 – 2012	Programa LEONARDO – Estágios Leonardo em cerâmica e artes gráficas de alunos da Escola Panstwowe Liceum Sztuk Plastycznych (Polónia) no CENCAL (Cencal/História.pt, 2016)
2005		CENCAL	Parceria transnacional Patrimoine et développement des territoires: CENCAL, SEMA – Société d’Encouragement aux Métiers d’Art, CNAP – Centre National des Arts Plastiques, FNAA – Fédération Nationale des Ateliers d’Art (França), Provincia Regional di Enna e Archeoclub d’Italia (Itália).

			Parceiros fase 3 (2005/6) ASSIMAGRA, CRISFORM, APPI e ANRET. (Cencal/História.pt, 2016)
2006		CENCAL 2006 – 2008	Execução da escultura Madona – peça comemorativa do 25º aniversário do CENCAL – pelo ceramista Xohan Viqueira, construída no espaço envolvente do Centro. Na execução desta peça realizada com a participação de formandos foram utilizadas técnicas inovadoras com base em materiais como cerâmica, betão, cimento e ferro. (Cencal/História.pt, 2016)
2007		CENCAL	Atribuída ao CENCAL a Medalha de Honra do concelho das Caldas da Rainha pela Câmara Municipal desta cidade pelo trabalho que o Centro que tem desenvolvido em prol da formação e promoção da cerâmica. (Cencal/História.pt, 2016)
2008		CENCAL 2008 – 2010	Participação no projeto da rede UNIC – Urban Network for Innovation en Ceramics do programa URBACT da parceria europeia de cidades cerâmicas Limoges (França), Aveiro (Portugal), Delft (Holanda), Pécs (Hungria), Faenza (Itália), Sevilha e Castellon (Espanha), Selb (Alemanha), Stoke-on-Trent (Reino Unido) e Cluj Napoca (Roménia) (Cencal/História.pt, 2016)
2008		CENCAL	Atelier do CENCAL na Exposição Figuras & Figurado – Rostos, almas e máscaras no figurado tradicional e contemporâneo português, do IIEFP, integrado na Feira Internacional do Artesanato. Apresentação e produção de modelos criados pelos mais importantes cartoonistas e ilustradores portugueses, nomeadamente António, Augusto Cid, José d’Almeida, João Vaz de Carvalho, António Jorge Gonçalves e José Bandeira. (Cencal/História.pt, 2016)
2009		CENCAL 2009 – 2011	Participação no projeto INEDIC – Innovation and Ecodesign in the Ceramic Industry, coordenado pelo LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia (Lisboa) com os seguintes parceiros: ETH Zurich (Swiss Federal Institute for Technology), Institute for Machine Tool and Production (Zürich – Suíça), Centro Português de Design (Lisboa), FARIA BENTO, Lda. (Aljubarrota), CENCAL (Caldas da Rainha), Ceracasa Cerâmicas (Castellón – Espanha), PROSPEKTIKER – European Institute for Future Studies and Strategic Planning (San Sebastian – Espanha), Research Association of the Ceramic Industry – ITC (Castellón – Espanha), Swiss Institute for Systems Engineering (Zürich – Suíça), Cerâmica Moderna do Olival, Lda (Olival), Volos Public Vocational Training Centre (Volos, Magnesia – Grécia), Volos Ceramics Workshop/Laboratory (Volos, Magnesia – Grécia), Cartonajes La Plana (Castellón – Espanha), CTCV – Centro Tecnológico da Cerâmica e Vidro (Coimbra), SPAL – Sociedade de Porcelanas de Alcobaça, SA (Valado dos Frades), 2nd Volos Ceramics production and Workshop/Laboratory (Volos, Magnesia – Grécia), Escola Superior de Artes e Design – Instituto Politécnico de Leiria (Caldas da Rainha), Revigres – Industria de Revestimento de Gres, Lda (Águeda), Arvis Environmental Enterprises of Greece SA (Athens, Grécia), Lehonia Ceramics Workshop/Laboratory (Volos, Magnesia – Grécia) (Cencal/História.pt, 2016)
2009		CENCAL	Workshop CERÁMICAS AGOSTO 2009 com o ceramista espanhol Claudi Casanovas sob o tema Espaço de expressão plástica em redor do adobe construindo um elemento arquitetural simples: a escada. (Cencal/História.pt, 2016)
2009		CENCAL	Cooperação com a Associação Espírito Santo Cultura para a realização de uma ação de formação de formadores em Manutenção do Património Azulejar de técnicos provenientes do Estado de S. Paulo (Brasil). (Cencal/História.pt, 2016)

2010		CENCAL	Participação na International Ceramics Week em Limoges (França) do projeto UNIC (Urban Network for Innovation in Ceramics) em que foi criada a rota mundial da cerâmica e assinada a Declaração de intenções de Limoges, com a participação de representantes das seguintes cidades: Limoges (França), Aveiro (Portugal), Delft (Holanda), Pécs (Hungria), Faenza (Itália), Sevilha e Castellon (Espanha), Selb (Alemanha), Stoke-on-Trent (Reino Unido) e Cluj Napoca (Roménia), Jingdehzen (China onde pela primeira vez foi feita a porcelana no mundo), Seto (Japão) Ichon e Gangjin (Coreia do Sul). (Cencal/História.pt, 2016)
2011		CENCAL	Curso de Técnicas e Formas da Olaria Tradicional de Grande Porte ministrado pelo Mestre Velinho de S. Pedro do Corval e de O Figurado e o Fantástico na Cerâmica Barcelense, por Júlia Cota de Barcelos, no âmbito do Ciclo Grandes Mestres da Olaria Portuguesa. (Cencal/História.pt, 2016)
2011		CENCAL	Workshop com o ceramista indiano Wali Waves que aborda a produção da cerâmica de autor de uma forma muito inovadora, sem esquecer o cuidado com os aspetos estéticos e plásticos, este ceramista consegue integrar na paisagem, embutir no espaço, um trabalho coletivo com alma em que todos os participantes se revivem num objeto, intemporal, como só a cerâmica pode oferecer. Tem igualmente um grande domínio técnico e tecnológico na preparação e conformação das pastas cerâmicas para escultura de exterior especialmente de peças que no final, irão cozer-se a si próprias, sendo peça e forno num só objeto. (Cencal/História.pt, 2016)
2012		CENCAL	Curso de Figurado e o Fantástico na Cerâmica Caldense, do Ciclo de Grandes Mestres Barristas Portugueses, como Mestre Fernando Miguel, das Caldas da Rainha. (Cencal/História.pt, 2016)

Anexo III - Fábrica Bordalo Pinheiro; colaboradores - Designers – Artistas Plásticos – Ceramistas

<i>Fábrica Bordalo Pinheiro; colaboradores - Designers – Artistas Plásticos – Ceramistas</i>			
<i>Nome</i>	<i>Origem</i>	<i>Artes</i>	<i>Produtos / Coleções</i>
<i>ADRIANA BARRETO</i>	Brasil - nasceu em 1949 Rio de Janeiro, onde vive e trabalha	Pinta, desenha, cria instalações, performances, vídeos e fotografias.	Terrina – Caldos da Rainha
<i>ALBERTO FARIA</i>	Portugal - Nasceu em Lisboa, em 1966.	É publicitário e ilustrador, com trabalho publicado na imprensa nacional e internacional, sendo autor de sardinhas premiadas várias vezes no concurso das Festas de Lisboa.	Sardinha – Adamastor
<i>ANA LISA LUÇAS</i>	Portugal - Porto	Designer, pintora e ilustradora, vive no Porto perto do mar, que lhe despertou a paixão pelo surf, a levou a autointitular-se como Bart e a associar a pintura e o design ao desporto. Recebeu a medalha de bronze no concurso internacional Design Awards.	Sardinha - Bartina
<i>ANA GIL</i>	Portugal - Lisboa, em 1980 licenciada em Publicidade pelo IADE	Trabalha como criativa e designer gráfica na C.M. de Sines e desenvolve projetos editoriais e corporativos.	Sardinha – Santo António
<i>ANTÓNIO CAETANO</i>	Portugal – Sines em 1968 - passou pela Escola António Arroio e licenciou-se em Artes Plásticas na Universidade de Évora.	É criativo e designer gráfico na C.M. de Sines. Tem participado em exposições de pintura e desenho e realizado diversos trabalhos de escultura, cenografia e ilustração.	Sardinha – Santo António

ANA GOMES	Portugal - Funchal em 1988 e, é mestre em Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa	Desde muito cedo deixou que o gosto pelo desenho definisse o seu percurso profissional. Em 2010 iniciou-se profissionalmente nas áreas da ilustração, modelação e animação 3D.	Sardinha – Noiva Sardinha – Super Zé
ANA MIRANDA	Portugal – Carvoeiro a 21 de Novembro de 1987, e aí viveu até cumprir o Ensino Secundário.	Começou o seu percurso académico em Canterbury, Inglaterra, onde realizou um ano pré-universitário em Artes, mas resolveu continuar a sua formação em Portugal. Em 2009, licenciou-se em Design Gráfico pela Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Passou por Lisboa, Évora e, mais recentemente, Bordéus, onde realizou um curto estágio ao abrigo do programa Leonardo Da Vinci	Sardinha - Emigrante
ANA SOFIA GONÇALVES	Portugal - Lisboa em 1979. Licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e expõe na Galeria Trema desde 2005.	O seu trabalho engloba a ilustração, a escultura e a cenografia. Recentemente ilustrou o livro <i>Queres namorar comigo?</i> de João Ricardo, e realizou a cenografia do programa <i>É a vida Alvim</i> , e do espetáculo <i>O meu pai é um Homem-Pássaro</i> .	Sardinha – Correio Sardinha – Farol Sardinha – Guarda Real Sardinha – Janela de Alfama Sardinha – Triiiiiimmm!
ANTÓNIO ANTUNES	Conhecido artisticamente como António	Publicou os seus primeiros <i>cartoons</i> no diário lisboeta <i>República</i> , em Março de 1974. No final do mesmo ano, ingressou no semanário <i>Expresso</i> , onde continua a publicar as suas obras.	Sardinha – Biolinda Figurão – Eusébio Figurão – Merkel Figurão – Francisco Figurão – Obama Figurão – Soares
ANTÓNIO SEGURADO	Bacharelado em Design e mestre em Branding, em Barcelona.	Designer e ilustrador premiado, Faz projetos paralelos e colaborações desde 2010. Encontra inspiração em tudo o que a vida lhe oferece... e a sua maior paixão é a ilustração.	Sardinha – Esplanada do Café
BOLIGÁN CORBO	Cuba – La Habana em 1965	Tirou o curso de professor de Artes Plásticas em La Habana. Caricaturista editorial do diário <i>El Universal</i> e em diversas publicações internacionais.	Sardinha – Surpresa
BARRÃO	Brasil - Rio de Janeiro, 1959	Escultor e artista multimídia, inicia sua carreira artística com o Grupo Seis Mãos, 1983-1991, formado com Ricardo Basbaum e Alexandre Dacosta.	Terrina - Noé
BELA SILVA	Portugal – Lisboa Vive em Bruxelas	Mestrado em Escultura pela ESBAL, curso de Cerâmica no Ar. Co. mestrado em Arte, Art Institute of Chicago.	Escultórica – Anfíbios Gosto Tanto de Ti
CAETANO DE ALMEIDA	Brasil – Campinas em 1964	Pintor, gravador. Estuda Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, de 1983 a 1988, onde é aluno de Evandro Carlos Jardim e Nelson Leirner, entre outros.	Escultórica – Aves Delicatesses
CATARINA PESTANA	Portugal	É designer e artista plástica, estando representada em várias coleções privadas, incluindo a do comendador Joe Berardo, mentor do maior museu português de Arte Moderna e Contemporânea. Colabora desde 2007 com a Vista Alegre Atlantis e a Bordallo Pinheiro, tendo para a primeira assinado	Escultórica – Pessoas e Figuras A Banca

		três das mais apreciadas coleções da marca – Tchaikovsky, Fado e Heterónimos de Fernando Pessoa.	
<i>CÁSSIO LOREDANO</i>	Brasil - Rio de Janeiro, 1948	Repórter e redator de jornais e rádio jornalismo de 1968 a 1972. Daí em diante, caricaturista, com desenhos publicados em: Opinião, Pasquim, O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, Veja etc. (Brasil), O Jornal (Portugal), Vorwaerts e Frankfurter Allgemeine (Alemanha), Libération e Magazine Littéraire (França), Tages-Anzeiger (Suíça) e El País (Espanha).	Sardinha – Francisquinha
<i>DELFIN RUAS</i>	Portugal – Viseu, 1989	É licenciado em Pintura e Mestre em Ilustração. Realiza trabalho como ilustrador freelancer e produz nos campos da pintura, do desenho, da ilustração e da banda desenhada.	Sardinha – Compreendi-te
<i>EFRAIN ALMEIDA</i>	Brasil – Boa Viagem, 1964	Entre 1986 e 1990, estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, e no MAM-RJ. Apesar de todas as referências da história da arte universal que recebeu nos cursos de pintura e escultura da Escola do Parque Lage, o artista nunca abandonou as influências visuais que marcaram a sua infância.	Escultórica Plátano Bordallo
<i>ELENA OSPINA</i>		Ilustradora e caricaturista colombiana, ganhou vários prémios e menções honrosas em concursos nacionais e internacionais de humor gráfico e ilustração. Participou em exposições individuais e coletivas por todo o mundo e o seu trabalho tem sido publicado em livros, jornais e revistas.	Sardinha – Buraco Negro Sardinha – Gato
<i>ELSA REBELO</i>	Portugal – Caldas da Rainha	1988 frequenta cursos de olaria de roda e pintura cerâmica no CENCAL – Caldas da Rainha. 1990 desenvolve cerâmica de autor, participando em exposições coletivas e individuais. 1992-2001 leciona pintura cerâmica no CENCAL, em workshops, cursos de formação, cerâmica para designers e intercâmbios internacionais. Faz parceria com joalheiros em projeto de escultura e adorno (Projeto Cereja). 2001 inicia atividade na Fábrica Bordallo Pinheiro como técnica de cerâmica, pesquisa as técnicas centenárias da Fábrica de Raphael Bordallo Pinheiro, formadora de pintura e responsável pelas visitas ao espaço museológico da empresa. Representa a Fábrica Bordallo Pinheiro em projetos internacionais e eventos culturais e coordena projetos criativos com artistas e designers. 2004 Comissária do projeto Onde está a Olaria? 2005 Comissária do evento Badalar Bordallo. 2006 Licenciatura em Animação Cultural na Escola Superior de Arte e Design (ESAD, Caldas da Rainha). 2008 escreve para o livro A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, de Bordallo Pinheiro à atualidade: sua história, Civilização Editora. 2008 Comissária da exposição “Bordallo Contemporâneo” — Óbidos. 2010 desenvolve o projeto de recuperação de peças, dos moldes originais de Raphael Bordallo Pinheiro e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro para o Jardim Bordallo Pinheiro, Museu da Cidade – Lisboa. 2010 Diretora Artística e Criativa na Fábrica Bordallo Pinheiro. 2013 Professora de cerâmica na Escola Superior de Arte e Design (ESAD).	Escultórica – Menina Saxe

<i>ERIKA VERZUTTI</i>	Brasil – São Paulo, 1971	Formou-se em Desenho Industrial na Universidade Mackenzie, São Paulo (1991).	Escultórica - Beijo
<i>ESTELA SOKOL</i>	Brasil – São Paulo	Artista Plástica	Escultórica – Vai e Vem
<i>FÁBIO CARVALHO</i>	Brasil – Rio de Janeiro	Artista plástico carioca, integrou importantes projetos de mapeamento da produção emergente no Brasil na década de 1990	Escultórica - Archeiro
<i>FERNANDO BRÍZIO</i>	Portugal – Lisboa, 1968	Presentemente ensina no Departamento de Design da Escola Superior de Arte e Design nas Caldas da Rainha. Desde 1997, trabalha nas áreas de produto e cenografia para organizações, como Grupo Atlantis, Authentics, Detalhes, M Glass, Doog Design / DMD, Proto Design.	Escultórica - Elefantes
<i>FILIPA OLIVEIRA</i>	Licenciado em Design de Equipamento na Escola Superior de Belas Artes em Lisboa. Portugal - Porto	Designer gráfica, estudou na ESAD de Matosinhos, onde descobriu o gosto pelas artes gráficas, pela ilustração e pelo design de produto. Trabalha em projetos editoriais e corporativos e em web design.	Sardinha – Preia-Mar
<i>FREDERICO LENCASTRE</i>	Portugal - Porto, em 1981	Design de Comunicação pela ESAD. No mesmo ano estreou-se na ilustração, criando a posteriori a marca Caricatu. Em 2005, iniciou a sua atividade profissional na Editora ASA. Atualmente trabalha no departamento editorial do Grupo LeYa.	Sardinha – Santa Justa
<i>FRIDA BARANEK</i>	Brasil - Rio de Janeiro	Estudou Arquitetura na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, e fez mestrado em Desenho Industrial na Saint Martins School of Design, em Londres.	Pratos – Xina
<i>HENRIQUE CAYATTE</i>	Portugal - Lisboa, 1957	Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Iniciou a sua atividade de designer e ilustrador em 1980 e, dez anos depois, fundou o seu ateliê onde desenvolve trabalho editorial, imagem corporativa, exposições, intervenção no espaço público e consultoria em design, para Portugal e para o estrangeiro.	Escultórica - Lisboa
<i>INÊS GOMES FERREIRA</i>	Portugal - Porto, em 1985	Licenciou-se em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2008. Em 2011, muda-se para Berlim, onde colabora com o estúdio de cinema de animação Talking Animals. Paralelamente, trabalha como designer e ilustradora freelancer.	Sardinha – Peixe-Irmão
<i>ISABEL COLHER</i>	Portugal – Lisboa em 1968	Fundadora da Tardoz, oficina dedicada à azulejaria portuguesa, gosta especialmente de materiais tradicionais e de trabalhar com as mãos. Por isso faz conservação, restauro e produção de réplicas de azulejos, e também cerâmica de auto	Sardinha – Conde Espichel
<i>ISABELA CAPETO</i>	Brasil	A estilista Isabela Capeto formou-se na Accademia di Moda, em Florença. Passou pela área de criação de algumas das mais importantes marcas brasileiras até abrir a sua própria, em 2003.	Escultórica - Mamíferos
<i>JAVIER CARBAJO E SARA ROJO</i>		Javier Carbajo e Sara Rojo, ambos licenciados em belas artes e com experiência em cinema, animação e publicidade, bem como design, ilustração e humor gráfico. Em 2007, fundaram o ESTUDIO 3 PECES, uma equipa multidisciplinar dedicada á comunicação gráfica, on e offline. Colaboram com várias publicações como o jornal ABC ou a Rolling Stone.	Sardinha - Servantina
<i>JOANA VASCONCELLOS</i>	França – Paris em 1971	Vive e trabalha em Lisboa. Foi a artista escolhida para representar Portugal na Bienal de Veneza de 2013, com o projeto Trafaria Praia.	Centro de Mesa Surf Duetto

JOSÉ FEITOR	Portugal – Coimbra, em 1972	É ilustrador freelancer, tendo trabalho publicado em jornais, fanzines, manuais escolares, capas de discos e em muitos outros suportes impressos. Está ligado a movimentos de dinamização da publicação gráfica independente. É formador de ilustração, banda desenhada, stencil, linogravura e serigrafia em várias entidades formativas. Fundou e dirige a microeditora independente Imprensa Canalha.	Sardinha - Ronrom
KAP (JAUME CAPDEVILA)	Espanha - Barcelona	Cartoonista de humor e caricaturista	Sardinha – E, ...Olé
LAERTE RAMOS	Brasil	Formado em Artes Plásticas pela Faap e participou de residências na França, Suíça e Holanda.	Sardinha - Furnarius Rufus
MARCOS CHAVES	Brasil – Rio Janeiro, em 1961	Iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros da apropriação e da intervenção, sua obra se caracteriza pela utilização de diversas Mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons	As paredes têm ouvidos
MARCOS MILLER	Brasil - Rio Grande do Sul	Trabalhou com ilustração em várias áreas, como publicidade, imprensa e televisão. Estudante de Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Sardinha – Foguete
MARIA LYNCH	Brasil	Atua como artista visual explorando diversas Mídias.	A última Lagosta
MARIA MIGUEL	Portugal	Arte e Design pela Escola Superior de Educação de Coimbra.	Sardinha – Pessoa
MARILENA NARDI	Itália	Ilustradora, cartoonista e caricaturista satírica (p.ex. Barricate!, Il Misfatto, L'Antitempo, Il Ruvido, Fire), é professora na Academia de Belas Artes de Veneza.	Sardinha – Amor Profundo
MARLENA POHLE	Argentina – Buenos Aires	Cartoonista e ilustradora	Sardinha em Festa
MARTIN JARRIE		Pintor e ilustrador, vive em Paris e trabalha na imprensa, no mercado editorial e em comunicação	Sardinha – Conquistadores (...todos os dias)
MARTHA MEDEIROS		Há mais de 25 anos no mercado da moda, Martha Medeiros é proprietária da boutique multimarca Maison M, em Maceió.	Enxame
MIGUEL AMARAL	Portugal - Setúbal, em 1968	Dedica-se à publicidade e ilustração. Desde muito cedo, a ilustração e a pintura fizeram-se notar como aptidões pessoais. Atualmente dedica-se à publicidade e ilustração na área da aeronáutica, sendo colaborador habitual da Força Aérea Portuguesa	Sardinha – Heroes do Ar
MANUEL VIEIRA	Portugal – Lisboa, 1962	Artista plástico, músico e artista de variedades	Sardinha - Bêbada
NELSON HENRIQUES	Portugal - Madeira	Licenciado em Design/ Projetação pela Universidade da Madeira (2004). Designer gráfico de profissão e ilustrador de histórias infantis	Sardinha - Rainha
NUNO SARAIVA	Portugal - Lisboa	Ilustrador, autor de banda desenhada, professor e <i>street artist</i> . É colaborador na principal imprensa escrita portuguesa, com destaque para o Expresso, Sol, Público e Time Out.	Sardinha – La Sardine do Golaço!
OMAR ALBERTO FIGUEIROA TURCIOS	Colombia – Corozal, em 1968	Colaborou com os mais importantes jornais e revistas da Colômbia e de outros países. Ganhou mais de 70 prémios internacionais de caricatura, ilustração e humor gráfico na Colômbia, Espanha, Cuba, Brasil, Portugal, Irão, República Checa, Itália, China, Estados Unidos, México e Grécia. Vive em Espanha desde 1998.	Sardinha – Arte do Peixe

PAULO GALINDRO	Portugal	Arquitetura, e com o tempo tornou-se ilustrador. É um facto que ainda não rasgou o céu num foguetão, mas anda sempre com a cabeça no lado oculto da lua.	Sardinha – Amparo Sardinha - Tenório
REGINA SILVEIRA	Brasil – Porto Alegre, 1939	Estudou Arte no Instituto de Artes da UFRGS (1959) e fez o mestrado (1980) e o doutoramento em Artes na Escola de Comunicações e Artes, da USP.	Assombrada
RAQUEL KRÜGEL	Brasil	Ilustradora de peixes, formada em Filosofia e atualmente sound designer. É uma artista brasileira multiplataforma, que viveu em Lisboa, período no qual participou no Concurso de Sardinhas'11 para as Festas de Lisboa.	Sardinha – Barcelona
ROGER HESPANHOL	Brasil	Formado em publicidade, tem 24 anos de experiência na área do design digital e ilustração 3D. Passou por inúmeras agências, onde participou em projetos para grandes clientes. Desde 2006 trabalha como ilustrador freelancer.	Sardinha – Pasta de Dentes
RUI FAZENDA	Portugal - Lisboa	ilustrador, autor de banda desenhada, professor e <i>street artist</i> . É colaborador na principal imprensa escrita portuguesa, com destaque para o Expresso, Sol, Público e Time Out.	Sardinha – Quentes e boas Sardinha – Vendedor de Mines
SAINT CLAIR CEMIN	Brasil	Artista plástico brasileiro. Vive e trabalha em Nova Iorque. Estudou na Escola Nacional Superior de Belas-Artes em Paris, na França. Em suas esculturas, mistura materiais como bronze, ferro, madeira, mármore e resinas sintéticas.	Galo Bordallo
SARA INFANTE		Licenciou-se em Design de Comunicação e especializou-se em Ilustração Criativa e Técnicas de Comunicação Visual. Já colaborou com agências, estúdios, non-profits, start-ups e editoras, desenvolvendo uma assinatura gráfica colorida e naïf.	Sardinha – Caldo Verde com Chouriço
SERGIO RAMOGNOLO	Brasil – São Paulo	Escultor, pintor, desenhista, artista intermídia e professor.	Campino Sobreposto
SOFIA FISCHER	Portugal	Designer de comunicação, licenciada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa concluiu em 2012 uma pós-graduação em livro infantil (Universidade Católica)	Sardinha – Tejo
SUSANA LAI	Portugal – Porto, 1986	Licenciou-se em Artes Plásticas e Intermédia em 2010 pela Escola Superior Artística do Porto. Trabalha com design gráfico, ilustração, fotografia entre outras expressões artísticas.	Sardinha – Maria Ninguém
SUSANNE THEMLITZ	Portugal –Lisboa, 1968	Artista Plástica. Vive e trabalha em Colónia (DE) e Lisboa (PT). O seu trabalho está publicado em vários livros e catálogos e representado em coleções públicas e privadas	Cactus
TERESA ESGAIO	Portugal	Assume a escala cinza no seu trabalho e desenha utilizando lápis, pincéis e pó. Licenciada pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, vive e trabalha atualmente em Cascais.	Sardinha – Tubarão
TIAGO CARNEIRO DA CUNHA	Brasil – São Paulo	Em 1998, o governo brasileiro atribuiu-lhe a bolsa de estudos Apartes/Capes, que lhe permitiu fazer uma pós-graduação em Artes Visuais, no Goldsmiths College, em Londres, onde recebeu ensinamentos de Chapman Brothers, Pierre Bismuth e Liam Gillick, entre outros artistas.	Bizantino com Fumaça

<i>TONICO LEMOS</i>	Brasil – Belém, 1968	Graduou-se em Arquitetura Urbanística, FAU/USP. Com bolsa da CAPES, obteve o título de mestre na Goldsmith University of London. Utiliza desenhos, instalações e fotografias e com elas procura expor as experiências diárias, na maioria das vezes despercebidas, para uma maior percepção e reflexão do espectador. Vive e trabalha em Londres.	Sermão aos Peixes
<i>TUNGA</i>	Brasil – Palmares	Graduado em arquitetura no Rio de Janeiro e teve a sua primeira mostra individual, em 1974, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Escultura, instalação, performance, desenho, poesia, cinema e outros; ele investiga várias linguagens, abrangendo literatura, poesia, filosofia, psicanálise, teatro e ciência.	Transbordá-lo
<i>VERA VALENTIM</i>	Portugal - Lisboa	Licenciada em Design Visual pelo IADE. Tem trabalhado em criação de marcas, design gráfico e digital. É criativa e apaixonada por Lisboa	Sardinha – Tóni
<i>VIK MUNIZ</i>	Brasil – São Paulo	Os trabalhos deste artista fazem parte da coleção dos maiores museus internacionais, como o Instituto de Arte de Chicago, o Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, Museu J. Paul Getty, Metropolitan Museum of Art, Museu de Arte Moderna (Nova Iorque), Museu de Arte Moderna de São Paulo e Victoria and Albert Museum, de Londres, entre outros. Para além de desenvolver a sua arte, Vik está envolvido em projetos de cariz social, que utilizam a conceção artística como alavanca para a mudança.	O colador de cacos
<i>YUICHI FUKUDA</i>	Japão – Osaka, 1979	Curso de Belas Artes na Universidade de Arte de Osaka, em 2001. Hoje, mora em Lisboa. Trabalhou como designer gráfico em publicidade durante 3 anos. Desde 2004 que se dedica a trabalhos mais criativos. Apresenta trabalho na Europa a partir de 2009.	Sardinha – Ukiyoe
<i>LIA CARDOSO E LUIZ MIGUEL PEDROSO</i>	Porto	Designer Comunicação Designer Gráfico	Sardinha – Miss Castelinhos
<i>LUÍZ FELIPE ZIUL</i>	Brasil	Criada na faculdade de Desenho Industrial, numa universidade no Brasil	Sardinhobra
<i>NUNO MIGUEL MARTINS</i>			Sardinha – Amália
<i>OLGA SHTONDA</i>	Ucrânia	Ilustradora	Sardinha – Canção Eterna
<i>TIAGO TSOU</i>	Porto	Arquiteto	Sardinha – Abrir em caso de Festa